



GONÇALVES DIAS

POESIAS POSTHUMAS



LIVRARIA GARNIER
RIO DE JANEIRO



OBRAS POSTHUMAS

DE

A. GONÇALVES DIAS

PRECEDIDAS DE UMA NOTICIA DA SUA VIDA E OBRAS

PELO

Dr. ANTONIO HENRIQUES LEAL

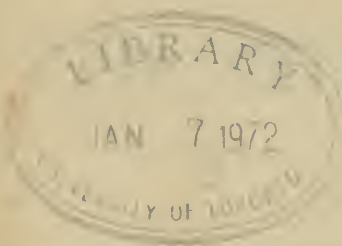
Poesias posthumas

PARIS

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

109, RUA DO OUVIDOR, 109
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS


LIBRARY
JAN 7 1972

PROLOGO

Com o lastimosissimo naufragio da barca *Ville de Boulogne* desappareceram a 3 de Novembro de 1864 nas aguas da nossa bahia o infeliz poeta A. Gonçalves Dias e alguns dos seus preciosos manuscriptos. Por mais diligencias que empregámos, os amigos e admiradores do poeta, não conseguimos descobrir o cadaver de quem para dobrado infortunio não chegou a dar o ultimo alento nos braços da amisade, ou logrou que seus restos repousassem na terra da patria, e nem sequer temos podido obter até hoje os escriptos que comsigo trazia, e que param, segundo estou convencido, na cidade de Alcantara em poder de quem pretende talvez algum dia apavonar-se com elles!

Das producções litterarias que pude com algum trabalho e paciencia colligir, já no Rio de Janeiro, já de envolta com cartas e papeis que vieram de Lisboa baralhados com sua bagagem, que por ordem e ainda em vida sua remetteram-me — sendo das poesias, umas escriptas nos primeiros annos da juventude, e outras pela mór parte verdadeiros borrões quasi inde-

cifraveis — enfeixei-as n'estes sete volumes, que ora se publicam. Sei que, como trabalhos posthumos, teem os defeitos inherentes a taes publicações — a falta de escolha, revisão e lima do auctor. Sem ser poeta, teria comtudo a fortuna de poder delir esses senões; porque é esta provincia rica de talentos poeticos, que se prestariam com a melhor vontade a auxiliar-me n'esse intento; porém embargaram-me em semelhante profanação o respeito e culto que tributo ao illustre escriptor, e a consciencia que me remorderia de roubar á apreciação dos leitores esta ou aquella poesia, que nos parecesse, como censores, menos digna do nome do cantor dos *Timbyras*, quando todas ellas teem o cunho do genio, e pelo menos servem para estudo da marcha e aperfeiçoamento do espirito do poeta.

Faço-as preceder de uma noticia da vida e obras do auctor, não me alongando entretanto em certas particularidades d'ella por estarem ainda fresca a sua memoria e vivos os actores que n'ellas figuraram, mas o pouco que digo, tenho que servirá, mais do que a analyse de suas obras, para contrastear-se o genio de tão abalisado escriptor, e como de incentivo e bom exemplo para os que entre nós se dedicam ás lettras.

Amigo e admirador do poeta, depositario de muitos de seus segredos e projectos, encarreguei-me da tarefa, superior ás minhas forças, de colleccionar, revêr, e fazer imprimir as suas obras posthumas, certo de que me levarão em conta dos erros e descuidos o pouco tempo e descanço de que disponho, entregue como

sou a sérias e laboriosas occupações de minha profissão para manter a vida de uma familia já numerosa : pois que para traçar tão dilecto trabalho houve mister escrever como que a furto e nas horas de repouso estas linhas dictadas pelo coração e pelo amor de ver conhecidos os dotes moraes e as contrariedades que amarguraram a vida de um dos mais eminentes e celebres filhos de minha provincia.

A. H. Leal.

São Luiz do Maranhão — 30 de Janeiro de 1868.

BIOGRAPHIA

DE

A. GONÇALVES DIAS

PELO

DOUTOR ANTONIO HENRIQUES LEAL

AO

Dr. ALEXANDRE THEOFILO DE CARVALHO LEAL

Consente, amigo, que inscreva aqui o teu nome para com elle apadrinhar este padrão, embora humilde e perecedouro, emquanto não o erguemos de bronze ou marmore á memoria d'aquelle, cujo verdadeiro e eterno monumento são as producções de seu genio transcendente.

Teu affectuoso amigo.

DR. ANTONIO HENRIQUES LEAL.

A. GONÇALVES DIAS

I

É o poeta não raro um ente excepcional, deslocado e perdido no meio da sociedade que, não tendo a alma afinada pela sua, nem respirando o ar d'essas regiões ideaes e encantadas d'onde só se avistam dourados horisontes, não o póde comprehender nas manifestações de sua vontade, e nem, por sua parte, na lucta das paixões terrenas tem elle força para resistir e vencer; e d'ahi, se uns o lastimam e outros d'elle mofam, a mór parte malsina seus actos, quando não os qualifica de loucos. E é assim que o poeta, parte da essencia divina, e a quem coube em partilha o sublime dom de arroubar-nos os sentidos com a musica da linguagem harmoniosa, com os arrojos de um pensamento fecundo e cheio d'imagens que fascinam e encantam, e com concepções emanadas de uma ardente phantasia bafejada pelo genio, tropeça e pára, se não cahe todas as vezes que desce á terra e vê-se obrigado a viver como nós e entre nós.

No poeta, natureza dupla, não é tanto a arte como

a imaginação que val; com estudo, e arte, e ouvido, póde qualquer um, dotado de talento, compôr versos sonorosos — porém descorados, sem vida, sem a inspiração que vem de cima: será un bom metrificador, como fr. Agostinho de Macedo, nunca poeta, porque deve reunir tudo isso, e mais ainda o éstro, e sobretudo genio creador, vivificado pelo sentimento do bello, esse sexto sentido que nasce com elle, não menos que pelo espirito philosophico para dominar a materia, e pela sensibilidade e tanta e tal imaginação que o arrebatem e abysmem n'esses extasis d'onde resultaram os *Psalmos* de David, o *Cantico dos Canticos*, as *Lamentações*, e tudo quanto de mais sublime applaudimos já na *Biblia*, já na *Illiada*, na *Jerusalem*, no *Paraiso Perdido*, nos *Lusiadas*, nas *Peregrinações*, nas *Meditações*, nas *Odes e Balladas*, e nos *Cantos*. Esse sentir profundo e pungente, esse amor infinito e sem reserva, esses receios, e rancores, e ciumes exagerados, e muitas vezes infundados são as modulações que ferem as cordas da lyra e fazem-n'as irradiar em sons que, enlevando-nos, tornam emtanto o poeta desgraçado e martyr. Morre a borboleta esvoaçando ao redor da chamma, que a attrahe e lhe cresta as azas, e o poeta, novo Prometheu, escravo de seu destino que o fadou para gemer, vae em seus cantos, pedaços d'alma, quanto mais sentidos e sublimes, tanto mais depressa esgotando a vida. Póde arrastar-se n'este mundo até alvejar-se-lhe a fronte, se a vida lhe sorriu feliz, placida e sem nuvens, e se, humanisado a tempo, conversou mais com os homens do que com as musas; se a desgraça, porém, bafejou-lhe o berço e o acompahou por todo o decurso de sua peregrinação na terra, se a lucta substituiu á convivencia, e o soffrimento aos prazeres, e se não teve

energia bastante para resignar-se á sua sorte, vencer preconceitos, e ver o amor em que resumira sua felicidade fugir-lhe sem remedio — não ha ahi constituição que resista a tão repetidos golpes. A harpa soará mais vibrante : sons mais cadentes e harmoniosos, mais apaixonados e saudosos sahirão d'ella, porém as cordas ir-se-lhe-hão estalando uma a uma até que deixe de vibrar, e o cantor pereça de pura inanição. Era Gonçalves Dias um d'esses genios. Liberalisou-lhe Deus o precioso dom da poesia, temperando-lhe, porém, as cordas do alaúde no fel amargo do infortunio.

Quem o visse prazenteiro, senão galhofeiro, a pairar-lhe de continuo nos labios o riso, a entresachar a conversação com dictos picantes e a dar a perceber em seus actos certa volubilidade de quem gosa o mundo como elle é e se apresenta, ignoraria os esforços que empregava para conservar essa placidez apparente! Mas os que o conversaram e conheceram de perto desde a infancia, os raros que com elle segredaram, lamentavam o seu mesquinho fado e comprehendiam os negrumes que lhe iam pela alma, e sabem que eram suas mais inspiradas estrophes os prantos amargurados e as dôres excruciantes de desgostos profundos e de contrariedades sem fim rebuçados com a leda mascara dos risos e de certa leveza d'espirito, bem como occultam os nossos lagos na serenidade de sua superficie as luctas e mysterios dos tremendos habitantes que os povoam. Muitos de seus versos, os mais bellos, são a expressão d'essas dôres, ou como elle proprio o disse :

« É a dòr, é o soffrimento, é o espinho da vida a entranhar-se pelo coração que nos arranca um grito a que se chama — ode ou poema. — Quem soffre

póde não ser poeta, mas o poeta duvido que não soffra (1). »

> Então aventei em que a vida inteira
> Do bardo era um perenne sacerdocio
> De lagrimas e dôr! (2)

E estas dôres e soffrimentos nem sempre foram aceitos com a resignação que eu n'elle reconhecia e lhe admirava. A 31 d'Agosto de 1845 escrevia de Caxias ao seu melhor amigo ou antes irmão como se aprazia chamar o sr. dr. A. Theofilo :

« Por ventura tenho eu alguem que me comprehenda a não seres tu? Os outros observão apenas a superficie e disem — é um caracter leviano que não sabe sentir! Muitos me julgão assim — eu o sei — mas que me importa o seo juiso a meo respeito? Talvez que eu mesmo estime — a minha vida é soffrer — é phantasear dôres e soffrimentos : eu bem sinto que isto tem muito de vago, muito de loucura, mas o que é certo é que soffro. Queres mais? Pois que estamos com esta materia, bom é que eu te revele tudo. Momentos ha na minha vida — não digo de melancholia, porque raras vezes a sinto — agora — mas de desespêro tão sombrio e intenso, em que até a tua amisade se me torna um tormento, porque então eu

(1) Carta escripta ao sr. dr. A. Theofilo de Carvalho Leal a 4 de Novembro de 1846. Cumpre-me aqui agradecer não só a este bom amigo, como á exm.ª senr.ª D. Olympia da Costa Gonçalves Dias, mui digna viuva do poeta, e aos senrs. dr. Pedro Nunes Leal, tenente-coronel João Baptista Ramada e capitão Domingos Desiderio Marinho, de Caxias, as informações que ministraram-me para ser exacto n'este trabalho.

(2) *Ao Sr. João Duarte Lisboa Serra*, PRIMEIROS CANTOS, pag. 151 da edicção do Rio de Janeiro de 1846.

queria ser só — queria recoser commigo meos pensamentos — saciar-me de soffrer — mas eu só! Porque esta nossa amisade tão bella, e de que eu tenho orgulho, principiou com soffrimento, e queira Deos que não acabe em soffrimento, como eu julgo — porque ha horas durante a noite em que me tenho por um fraco para viver. Viver! Talvez não saibas, ha vidas ignoradas que passão sobre a terra com mais animo do que um guerreiro em dia de batalha — ha instantes tenebrosos em que é preciso um grande esforço de virtude para que se não ceda á vertigem — á attração do suicidio. »

Foi seguramente em um d'esses momentos que exclamou :

« Meo peito de gemer já está cançado,
Meos olhos de chorar;
E eu soffro ainda, e já não posso alivio
Sequer no pranto achar!
....
....

E agora o que sou? — Pallido espectro,
Que da campa fugio;
Flôr ceifada em botão — imagem triste
De um ente que existio...........

Mas seu espirito eminentemente religioso e christão arrependeu-se logo da blasphemia que a seu pezar lhe arrancára a dôr, e elle assim termina com estas bellas estrophes :

« Não escutes, meo Deos, esta blasphemia;
Perdão, Senhor, perdão!
Minha alma sinto ainda, — sinto, escuto
Bater-me o coração.

Quando roja meo corpo sobre a terra,
Quando me afflige a dôr,
Minha alma aos céos se eleva, como o incenso,
Como o aroma da flôr.

E eu bemdigo o teo nome eterno e sancto,
Bemdigo a minha dôr,
Que vai além da terra — aos céos infindos —
Prender-me ao Creador (1).

Os pezares, que lhe torturavam o coração e tornaram seus dias

— « lacrimosos, tristes,
Como a noite que estende as negras asas
Por céo negro e sem fim (2).

eram, uns reaes, outros ficticios e produzidos « pela imaginação, como se a realidade já não fosse por si bastante penosa, ou que o espirito, affeito a certa dóse de soffrimento, se sobresaltasse de sentir menos pezada a costumada carga (3) »; e alguns afeiados por malevolos, todos, porém, sentidos pelo poeta. São em grande parte segredos que só a elle pertenciam e nem precisa o biographo, para ser fiel e minucioso, trahir o amigo e revolver-lhe as cinzas, que nem ao menos descançam em terra abençoada!

(1) PRIMEIROS CANTOS *Soffrimento*, de pag. 97 a pag. 99, da 1ª edicção do Rio de Janeiro — 1846.

(2) Veja-se *A minha musa*, PRIMEIROS CANTOS, edicção de 1846, pag. 55.

(3) ULTIMOS CANTOS — *Dedicatoria*, pag. III, ou pag. 427 dos CANTOS, 2.ª edicção de 1857.

II

Se bem que de todas as provincias do imperio brazileiro não fosse a do Maranhão a que offerecesse mais tenaz resistencia ou em que se ferissem os mais sanguinolentos combates pela causa da independencia, ainda assim não foi sem lucta prolongada e porfiosa, ás vezes incarniçada e com effusão de muito sangue generoso, que os lidadores da patria conseguiram varrer do nosso sólo o dominio extranho, e plantar n'elle a viridante arvore da liberdade. As tropas expedicionarias do Ceará e Piauhy, que contavam por marcos miliares da sua marcha triumphal o Crato, Icó, Oeiras e Mattões, vieram esbarrar d'encontro ás fortificações do Morro da Taboca (1) e de Caxias, que, altiva, resistiu ao embate das armas patrioticas, oppondo ao denodo e enthusiosmo do capitão-mór José Pereira Felgueiras e das forças independentes, que assim se appellidavam os libertadores, o sangue-frio e valor do major José da Cunha Fidié e das tropas aguerridas e disciplinadas da metropole, e o poderoso auxilio de grande parte da população, composta na

(1) Conhecido hoje por *Morro do Alecrim*, depois que Gonçalves Dias immortalisou-o em seus *Primeiros Cantos* com o nome do denodado independente João da Costa Alecrim, que o illustrou com suas façanhas.

sua maioria de negociantes portuguezes e de não poucos brazileiros, que por conveniencia ou temor seguiam suas partes.

Cançada e abatida por dois mezes de duro cerco, pela fome e por mil privações, e sobretudo minada pelas dissenções de alguns que, embora combatessem pela mãe-patria, almejavam a independencia e a liberdade de que já gosava o resto da provincia, rendeu-se Caxias no dia 1.º d'Agosto de 1823, marcando a aurora d'esse bello dia, como diz o poeta, um padrão de gloria.

« Que os vis grilhões d'escravos vio partidos (1). »

Mal segura a tranquillidade, e ainda entregue Caxias aos sobresaltos de tão recentes luctas e aos bulicios dos folguedos da victoria, eis quando ao amanhecer do dia 10, na

..... hora em que a flôr balouça o calice
Aos doces beijos da serena brisa.
....
Quando o sol vem dourando os altos montes.
E as ledas aves á porfia trinam (2).

— vieram casar-se ao hymno dirigido ao rei dos astros pelas aves multicôres e canoras e pelas flôres matizadas e odorosas dos nossos bosques, e ao despertar festivo de um povo ha pouco livre os primeiros vagidos de um menino, que assim saudava as harmonias da sua terra e do seu céo, para mais tarde im-

(1) Veja-se á pag. 66 d'este volume, e 168 dos Ultimos Cantos.
(2) Os Tymbiras, *Canto III*, pag. 15.

mortalisal-as na sua lyra d'ouro, elle que nascia com a patria, como Camões desapparecêra com a sua, ficando assim patente que se Deus na sua piedade, como quer o sr. Alexandre Herculano (1), manda genios summos ás nações que teem de morrer para lhes alumiar o sepulchro, tambem na sua bondade os envia para realçar o brilho d'aquellas que surgem.

Não viu Gonçalves Dias a luz em dourados tectos, antes teve tambem o seu presepe, nascendo em humilde choupana, no sitio Boa-Vista (2), nas terras do Jatobá, retiradas da cidade cerca de quatorze leguas, e para onde se homisiára o pae, já para furtar-se ao pagamento da quota que lhe coube na contribuição, a que se procedêra por ordem da juncta da Delegação Expedicionaria, em consequencia da capitulação de 31 de Julho, já para poupar-se ás atribulações e perseguições que temia da soldadesca e populaça, que certo não o poupariam, posto que houvesse adherido á independencia, por ser portuguez de nascimento e ter mais ou menos contribuido por seus conselhos para a resistencia da cidade.

Era seu pae, como já disse, o negociante portuguez João Manoel Gonçalves Dias, homem de alguma leitura e de tracto ameno, embora um pouco rispido e severo na educação dos filhos, isto mais pelas idéas da epocha e do logar onde habitava, do que por indole; e sua mãe, que ainda vive, Vicencia Mendes Pereira, mulher de côr um tanto acobreada, e que, abandonada do marido, sem que ella désse para isso motivo algum,

(1) Prologo da *Paquita*, poema do sr. Bulhão Pato.

(2) O sitio da Boa-Vista está abandonado e reduzido a completa *tapéra*, e tanto elle como as terras pertencem hoje aos herdeiros de Clemente Joaquim da Silva e de seu irmão Eleuterio Clementino da Silva, então proprietarios das terras do *Jatobá*.

antes da má indole e desapêgo d'elle, convivia já ha tempos com João Manoel. Corria pois nas veias do poeta o sangue misturado das tres raças — europea, india e africana — que habitam o Brazil, e se, nem a legitimidade do berço, e menos a pureza do sangue lhe permittia sahir do circulo de ferro traçado por preconceitos e habitos arraigados em uma população desigual e onde o elemento servil ahi está, em mal! sempre presente para avivental-os, dotou-o Deus com o condão que fez despedaçar essas cadeias, para que elle fosse entre os brazileiros um dos primeiros na verdadeira nobreza — a do genio — que ninguem outorga, nem se almoeda, e que annulla distancias de nascimento e obriga plebeus e nobres a curvarem-se ante elle e a applaudirem aquelle que tem a boa ou má ventura de o possuir.

Mal viera Gonçalves Dias á luz, ainda mettido nas faixas, e já seu pae, que vivia receioso dos rancores de mal intencionados populares, não se julgando seguro mesmo nas brenhas onde morava mais tempo do que no sitio escuso para onde se refugiára com o irmão, abalava no cabo de um mez depois do nascimento do filho para esta capital, embarcando-se d'aqui para Portugal, residindo alli a maior parte do tempo em Traz-os-Montes, de onde era natural.

Saudades da patria adoptiva e do filho não consentindo que alli se detivesse por muito tempo, eil-o que volta em 1825 para o Maranhão, indo continuar em Caxias a vida commercial, e tomando para casa Vicencia e o filho, até que em Maio de 1829 casou com a exm.ª senr.ª D. Adelaide Ramos d'Almeida, que ainda vive (1), levando comsigo, apezar da reluctancia e

(1) Foram fructos d'este consorcio e ainda vivem — José

esforços que contra tal intento empregasse a desolada mãe, o menino Dias, para educal-o. Dura separação, em verdade! Quando mais carecia elle do conchego e dos carinhos maternos, e não estava ainda em idade de supportar rostos desconhecidos, que por mais que se desvelassem por elle, não podiam substituir o illimitado amor e a complacente e solicita ternura de mãe, que tudo desculpa, prevê e resguarda, é d'ella arrancado! E n'este desquite viveu elle até 1845, quando regressou da Europa, onde curtiu agras saudades de uma ausencia forçada. Avesinha « educada nas floridas selvas », roubada ao ninho materno, e aos folguedos livres dos bosques, para vir habitar, dentro de uma cidade, a casa paterna que lhe era extranha, e onde tinha de obedecer a outra a quem não podia dar o doce nome de mãe, como não havia de soffrer, com aquella alma terna e tão sensivel á saudade! Essas dolorosas recordações e o infeliz accidente de seu nascimento fizeram-n'o mais de uma vez, como Job, maldizer o dia de seu nascimento :

...... Antes meo berço,
Que vagidos de infante vivedouro
Os sons finaes de um moribundo ouvisse (1)!

E em outra occasião :

« Senhor porque do nada me tiraste,
Ou porque tua voz omnipotente

Gonçalves Dias, João Manoel Gonçalves Dias e D. Joanna Gonçalves Dias, esposa do sr. dr. Odorico Antonio de Mesquita, e no numero dos mortos conta-se Domingos Gonçalves Dias. São estes os irmãos do poeta pelo lado paterno.

(1) *O Templo*, pag. 169 dos Cantos, 2.ª edicção allemã 1857.

Não fez seccar da minha vida a seve
Quando eu era principio e feto apenas (1)?

Vivo, atilado e travesso como poucos, viu-se o pae obrigado, contra os usos em vóga, que não admittiam que de tenra idade se mettessem livros nas mãos das crianças, a fazel-o em 1830 frequentar a aula de primeiras lettras do professor José Joaquim d'Abreu, recommendado principalmente pela excellencia de sua calligraphia, que transmittiu ao nosso poeta, como o attestam o fac-simile que dou em outro logar d'esta noticia, e ainda melhor as cartas dirigidas aos que com elle entretiveram correspondencia. Se como elle ninguem trepava em arvores, armava laços aos passarinhos, corria, nadava e inventava mil travessuras, tambem nenhum o ganhava em adiantamento no pouco que se estudava em sua eschola.

Sabendo em 1833 tudo quanto ensinava-se então nas aulas primarias, e julgando-o seu pae habilitado para fazer d'elle um bom caixeiro, tomou-o para a loja, entregando-lhe a escripta, que era por partidas simples. Era para ver como elle tamanino, que mal apparecia-lhe a cabeça por traz do balcão, não se deixava embair pelos freguezes, levando-lhes a melhor em dictos picantes e respostas adequadas. O tempo que ao menino Dias sobrava de aturar freguezes, entretinha-se elle com outro da mesma idade, tambem orphão, e companheiro de travessuras, de nome João Baptista (2) em ler tudo quanto de Marmontel, Montolieu e Ducrai-Dumesnil lhes cahia debaixo da vista.

São os nossos sertanejos, pela vida solitaria que

(1) Vejam-se — Primeiros Cantos, pag. 152 da edicção do Rio de 1846.

(2) Hoje o sr. tenente-coronel João Baptista Ramada.

levam a mór parte do tempo, pelas viagens longiquas e atravez de campinas desertas, pelo genero d'industria a que se dedicam, curando de gados e luctando não raro com reptis e onças, pela rudeza e franqueza de seu character, e indole hospitaleira, uma especie de beduinos, e como tal amigos de contos aventurosos e de narrações de façanhas extraordinarias, e por isso é para elles um livro mimoso e predilecto a *Historia do Imperador Carlos Magno e dos doze pares de França*, que lhes anda nos alforges, como o *pabulum vitæ*, ainda que não saibam ler; e não ha maior e mais relevante serviço que se lhes preste do que ler-se-lhes um d'aquelles capitulos mais cheios de aventuras e combates com gigantes. Gonçalves Dias era um dos mais bemquistos ledores d'aquelles homens das brenhas, frequentadores de Caxias, como emporio do commercio do sertão, e alli lhe apparecia, entre outros, um velho, sabido em contos maravilhosos e nas façanhas de Roldão, de Oliveiros, de Ricareto, de Bernardo del Carpio, e de outros celebres personagens da *Historia de Carlos Magno*. Não descançou Gançalves Dias em quanto o pae lhe não levou d'esta cidade tão precioso thesouro. Quando não tinha freguez para aviar, agarrava-se ao livro de seus sonhos, e era lel-o e commental-o, sem que saciasse a sua curiosidade, até que o pae, lido seu tanto, tirou-lhe as illusões, fazendo-lhe comprehender que eram phantasiosos todos aquelles combates e encantamentos, e deu-lhe para correctivo a *Historia de Portugal* por Laclede e a *Vida de D. João de Castro* por Jacintho Freire, e conhecendo que o filho não era talhado para medir chitas aos covados e manteiga aos arrateis, fel-o de Junho de 1835 em diante frequentar as aulas de latim e francez do professor Ricardo Leão Sabino,

sem comtudo retiral-o de todo do balcão. Sabino, homem intelligente e perspicaz, reconheceu para logo o talento do discipulo, e aconselhou ao pae que o applicasse ás sciencias, no que assentiu este, trazendo-o comsigo para a capital em Maio de 1837, para d'esta cidade transportal-o em sua companhia para Portugal, onde ia procurar, senão restabelecimento, ao menos alivio aos seus padecimentos pulmonares; mas foi-se aqui aggravando a molestia de João Manoel até que a 13 de Junho d'esse anno expirou nos braços do filho, que foi pungido por

..... essa *dôr que não tem nome*,
De quando sobre as bordas de um sepulchro
Anceia um filho, e nas feições queridas
D'um pae, d'um conselheiro, d'um amigo
O selo eterno vae gravando a morte!
Escutei suas ultimas palavras,
Repassado de dôr! — juncto ao seo leito,
De joelhos, em lagrimas banhado,
Recebi os seos ultimos suspiros.
E a luz funerea e triste quo lançaram
Seos olhos turvos ao partir da vida
De palido clarão cobrio meo rosto,
No meo amargo pranto *reflectindo*
O cançado porvir que me aguardava (1)!

(SAUDADES A MINHA IRMÃ).

Orphão, só, sem arrimo, e tão verde em annos, regressou acabrunhado e sem esperanças para Caxias; mas sua madrasta, que o estimava, e venerava a memoria do esposo, e via-se instigada por outro lado

(1) CANTOS, 2.ª edicção allemã; pag. 639.

pelo juiz de direito da comarca, o sr. dr. Antonio Manoel Fernandes Junior, hoje desembargador, que se offerecêra para obter da nossa assembléa legislativa provincial, de que era membro, um subsidio para auxiliar Gonçalves Dias nos estudos superiores, ou ainda mais pelos generosos offerecimentos d'este, do professor Ricardo Sabino, do coronel João Paulo Dias Carneiro, e dos drs. Luiz Paulino Costa Lobo e Gonçalo da Silva Porto, para contribuirem com uma mensalidade que assegurasse a subsistencia do intelligente menino na universidade de Coimbra, o certo é que a exm.ª senr.ª D. Adelaide Ramos, recusando quaesquer auxilios, resolveu mandal-o para a Europa, proporcionando-lhe os meios pecuniarios, e fazendo-o partir de Caxias com destino a Coimbra no dia 13 de Maio de 1838, e a esta ausencia refere-se elle nos seguintes sentidos versos :

Parti, dizendo adeos á minha infancia,
Aos sitios que eu amei, aos rostos caros
Que eu já no berço conheci, — áquelles
De que máo grado a ausencia, o tempo, a morte,
E a incertesa cruel do meo destino,
Não me posso lembrar sem ter saudades,
Sem que aos meos olhos lagrimas despontem.
Parti : sulquei as vagas do occeano ;
Nas horas melancholicas da tarde
Volvendo atraz o coração e o rosto,
Onde o sol, onde a esp'rança me ficava,
Misturei meos tristissimos gemidos
Aos sibilos dos ventos nas enxarcias! (1)
(*loco cit.*)

Seguiu d'aqui para Portugal, em companhia de seu

(1) CANTOS, 2.ª edicção allemã de 1857 — pag. 640.

correspondente, O ferreiro Bernardo de Castro e Silva, que se retirava de Caxias com alguma fortuna para a Figueira, terra do seu nascimento.

Em Outubro d'esse mesmo anno já se achavao nosso poeta em Coimbra, sonho dourado de sua infancia.

III

Era a universidade de Coimbra, antes das faceis e rapidas communicações estabelecidas pelos paquetes a vapor entre esta e as provincias, em cujas capitaes acham-se as nossas faculdades scientificas, o centro quasi exclusivo para onde convergiam os maranhenses que aspíravam á carreira das sciencias, obtendo os mais intelligentes grande proveito de uma tal frequencía por isso que recebiam na convivencia e nas palestras dos collegas e professores das diversas materias, que alli se líam, maior somma de luzes e de conhecimentos, e robusteciam-se nas que eram proprias de seus estudos e nas humanidades ou preparatorios, que são as verdadeiras e solidas bases dos que se prezam de saber, principalmente na lingua patria, em que sempre timbrou a mocidade conimbricense, e é ao que attribuo o gosto que temos os filhos d'esta provincia pela leitura dos classicos, tão enthusiasticamente manuseados e aproveitados pelo illustre interprete de Virgilio, Manoel Odorico Mendes, e por aquelles que, como João Francisco Lisboa e o snr. Francisco Sotero dos Reis (1) mais de perto o con-

(1) Auctor das *Pastillas de Grammatica Geral*, da *Grammatica Portugueza*, da traducção dos *Commentarios de Julio*

versavam : e se da universidade colhiam os estudiosos uteis fructos, não menos deliciosos e sazonados obtinham de Coimbra os predilectos das musas.

Terra das tradições e das sciencias, com tua antiga universidade, monumento magestoso e venerando, cheio de honrosas e sábias recordações, tu, qual atalaia aos estudantes que te demandam, deixas descortinar de larga distancia tua torre e observatorio, ou antes qual castello roqueiro, elevado na cumiada da cidade que em amphitheatro vae descendo até o rio, habitada nas tuas eminencias pelos mancebos que te frequentam, e nas fraldas do monte aquém do arco do Almedina pela população commercial e industriosa que foge d'aquelles que soltos e folgazãos tornam-se ás vezes pelas travessuras proprias da idade temidos dos que vivem prudentes e socegados na labutação de suas occupações diuturnas ; com teus castellos e mosteiros em ruina a rememorarem godos e arabes, e os tempos heroicos que já lá foram da antiga monarchia portugueza, quanto não incitas a imaginação ardente da mocidade a embebecer-se nos encantos dulcissimos da poesia, espairecendo a vista por montes e valles sombreados e floridos na primavera e no estio, com a tua *quinta das Lagrimas* de onde se enxergam os campos e ruinas do mosteiro de Sancta Clara, e em cuja extrema demora a *Fonte dos Amores*, trazendo a estes sitios melancholicas e saudosas memorias dos infelizes amores de Ignez e de seu principe ?! E para mais seducções com o Mondego placido e sussurrante a lamber-te as praias e a

Cesar, e do *Curso de Litteratura Portugueza e Brazileira*, obras estas que revelam o talento e o summo conhecimento que tem o auctor da bella e harmoniosa lingua de Camões e de fr. Luiz de Souza.

murmurar-te em torno queixosas endeixas, convidando os poetas a virem pedir inspirações ás suas limpidas aguas ou ás suas pittorescas margens povoadas de choupos, de salgueiros, e de álamos, de entre os quaes se destacam os encantadores sitios da *Lapa dos Esteios*, da *quinta das Cannas* com a da *Boa-Vista* em frente, e o *Penedo da Saudade* de onde os olhos namorados se dilatam pelo valle das Oliveiras e mais além descobrem a *quinta do Cidral* com suas larangeiras perfumadas e fonte d'aguas puras!

Foi ahi que Ferreira, Sá de Miranda e Camões sagraram-se poetas e meditaram parte de seus mais sublimes versos; foi ahi que Almeida Garrett e Castilho adejaram os primeiros vôos com que depois em arrojado impeto subiram ás mais elevadas alturas onde permaneceram, entoando d'alli os vigorosos cantos que tanto nos deliciam, e foi tambem ahi que o nosso poeta, na convivencia de Serpa Pimentel, de João de Lemos, de Couto Monteiro, de Bessa e d'outros

. . . . novos cysnes
Que a fonte dos amores meigos cria (1)

compoz os seus primeiros ensaios e adquiriu toda essa pompa e brilho que manifestou ao depois em seus *Cantos*.

Quantas vezes solitario, já em baixel ligeiro e ao sabor da corrente, já sentado na *Ponte*, ou no *Penedo da Saudade*, não se perdia em profundas meditações que n'elle produziam os prateados raios da lua, coados por entre os castanheiros e animados pelas

(1) Pag. 213 dos CANTOS, 2.ª edicção allemã de 1857.

. . . . auras encantadas
Que entre os seus salgueiraes moram loquaces? (1)

e que lhe traziam saudades da patria, com suas palmeiras e aves, com seu céo recamado de estrellas, suas varzeas de flôres, e seus bosques cheios de vida, e sua vida não menos cheia d'amores, sem esses invernos tão tristes que lhe enlutavam a alma e assim faziam-n'o prantear :

. . . . « Ao vêr nublado
Um céo d'inverno e as arvores sem folhas,
De neve as altas serras branqueádas,
E entre esta natureza fria e morna
A espaços derramada pelos valles
Triste oliveira, ou funebre cypresto,
O coração se me apertou no peito.
Arrasados de lagrimas os olhos,
Segui no pensamento as andorinhas
Nos invejados vôos! — procuravam,
Como eu tambem nos sonhos que mentiam,
A terra que um sol calido vigora,
E em frouxa languidez estende os nervos;
Patria da luz, das flôres (2) *!*

E ahi descantava sua singela e saudosa *Canção do Exilio* em que, comparando as bellezas da sua patria com as do paiz extranho onde estava, dá com razão a primazia áquellas e repete que sua

. . . . terra tem primores,
Que taes não encontro eu cá;

(1) Pag. 643 — idem.
(2) Pag. 641 dos CANTOS, 2.ª edicção allemã de 1857.

Em scismar sósinho á noite
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá
Não permitta Deos que eu morra
Sem que eu volte para lá,
Sem que desfructe os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o sabiá (1).

Chegado o poeta a Coimbra, matriculou-se sob n.º 7 na segunda aula de latim, ou de latinidade do Collegio das Artes, hoje Lyceu, regida então pelo illustrado professor Luiz Ignacio Ferreira, perfeito conhecedor da litteratura classica, abalisado latinista, e em todo o ponto o opposto do professor da primeira aula, o bom padre Bernardo Joaquim Simões de Carvalho, com quem morou Gonçalves Dias este e metade do seguinte anno, frequentando particularmente e com muita distincção e aproveitamento as demais disciplinas escholares exigidas como preparatorios para o curso de direito.

Tinha então Gonçalves Dias quinze annos; parecendo menino na estatura, no porte e nas feições, e merecendo geraes sympathias pelas maneiras singelas e affaveis, pela graça e infinito espirito na conversação, e pelo testemunho de sua capacidade não vulgar comprovada pela promptidão e acêrto das respostas, bem como pelas magnificas licções que dava; por tudo isso chamou sobre si a attenção dos estudantes da Universidade, tanto que foi alli apparecer como

(1) PRIMEIROS CANTOS, edicção do Rio de 1846, pag. 10, e CANTOS (1857), pag. 4.

para logo divulgar-se a fama do *esperançoso menino do Maranhão.*

Quando em Outubro (1) do seguinte anno voltaram de ferias os que já conheciam o poeta e esperavam achal-o matriculado, souberam com mágoa que por falta de meias que lh'os não podia a madrasta fornecer com a precisa regularidade por estar a provincia entregue aos horrores da rebellião, conhecida com o o nome de *balaiada* (2), durante a qual foi invadida e saqueada a cidade de Caxias por duas vezes, regressára Gonçalves Dias para a Figueira no firme proposito de retirar-se para a sua terra natal.

Era o terceiro grande infortunio que vinha inopinadamente amargurar-lhe o coração com acerbos e doridos espinhos!

João Duarte Lisboa Serra (3) que a muita qualidade nobre e distincta junctava raro e desinteressado enthusiasmo pelo merecimento alheio e particularmente pelo da mocidade brazileira, e que assaz applaudia a bella intelligencia do menino caxiense, foi quem primeiro soube da infelicidade do Dias, e propoz aos companheiros de casa que lhe offerecessem em commum cama e bolsa.

(1) Convém que saibam para melhor comprehensão do que refiro que o anno lectivo da Universidade de Coimbra váe de Outubro de um anno civil a Maio do seguinte.

(2) Veja-se o que digo a respeito d'esta desastrosa rebellião no 1.º volume das *Obras* de João Francisco Lisboa, de pag. XL a pag. LXXVI da biographia.

(3) Fallecido no Rio de Janeiro em 1855, tendo occupado antes os cargos do inspector da thesouraria da provincia do Rio, de thesoureiro do Thesouro Nacional, de presidente do Banco do Brazil, anteriormente o de presidente da provincia de Bahia, sido eleito por mais de uma vez deputado pelo Maranhão, sua provincia natal, e gozado de titulos honorificos, taes como do de conselheiro, official da imperial ordem da Roza, etc.

Morava elle então no Collegio dos Loyos com os srs. Alexandre Theofilo de Carvalho Leal, Joaquim Pereira Lapa, maranhenses, e José Hermenegildo Xavier de Moraes, fluminense, que acceitaram cheios d'alvoroço e contentamento, como soem accudir a actos taes aquelles a quem os annos, a sociedade e a experiencia da vida não teem ainda myrrado as nobres e generosas qualidades do coração, e menos ainda infiltrado n'elle o mesquinho egoismo. « Para um só de nós, referia-nos ainda ha pouco o snr. dr. A. Theofilo, qualquer que elle fosse, não era sacrificio pesado; com taes moedas por mez viviam então os estudantes vida de principe, e qualquer dos quatro tinha muito maior mezada que essa; mas é que o convite, partindo de todos, era idéa bonita, generosa e mais que propria para desvanecer do animo do amigo toda a sombra de hesitação. »

Assim o fizeram, e comtudo Gonçalves Dias hesitou! e só depois de muito instado e de cartas mui amistosas dos quatro brazileiros do Collegio dos Loyos é que resolveu-se a acceder ás instancias e offerecimentos francos e despretenciosos dos patricios, vindo apresentar-se em Maio de 1840 aos exames preparatorios, aposentando-se com os amigos, que tinham então mais dois companheiros, os snrs. Pedro Nunes Leal e José Joaquim Ferreira Valle; e quando em Outubro voltaram de ferias, assentaram que, para Gonçalves Dias não se acanhar, deveriam todos fazer-lhe uma bolsa, indo elle assistir aos Palacios Confusos, n.° 108, com o snr. José Francisco Carneiro Junqueira, o que de facto succedeu até que em Novembro, tendo-se este retirado para o Maranhão, foi elle para a casa d'aquelles accrescentada já com mais dois comprovincianos, os snrs. Antonio Rego e Francisco

Leandro Mendes, e sita á rua do Correio n.º 53, onde foi elle accommettido de um rheumatismo agudo que o prostrou de cama por mais de um mez.

A relnctancia de Gonçalves Dias, a que acima alludi, nascia da nimia delicadeza e melindres de seu character nobre e pundonoroso. Temia ser pesado embora a amigos, e envergonhava-se de viver d'esmolas em terra extranha, e d'isso recordava-se muitas vezes com mágoa, e ainda em 1º de Maio de 1845, em um dos dias que em Caxias passou mais cheio de atribulações, escreveu elle ao snr. dr. A. Theofilo :

« Triste foi a minha vida de Coimbra, que é triste viver fóra da patria, subir degráos alheios e por esmola sentar-se á meza extranha. Essa meza era de bons e fieis amigos ; embora ! O pão era alheio, era o pão da piedade, era a sorte do mendigo. Mas ser desconhecido, ou mal conhecido, mas sentir dôres d'alma, e viver de tormentos como aqui — é mais triste ainda ! »

D'esta epocha, não movida de pensamento ou de obra de protecção nem de favor pecuniario, mas espontanea e exuberante, como brota o viço e o perfume das nossas mattas, grande e irresistivel como o *fiat* do Genesis surgiu entre Gonçalves Dias e o nosso estimavel amigo o snr. dr. A. Theofilo essa amisade que foi sempre a sua gratissima consolação e á qual haviam ambos no correr dos tempos de se acolher e abroquellar em mais de um triste ou duro lance da vida, e os que lerem a dedicatoria dos *Ultimos Cantos*, varão em cada linha apontados os fundamentos d'ella : « o que sou, o que for, diz elle (1), a ti o devo, — a ti, ao teu nobre coração, que durante os melho-

(1) Vejam-se os ULTIMOS CANTOS, pag. IV, da edicção do Rio de 1851, ou CANTOS (1857), pag. 429.

res annos da juventude bateu constantemente ao meu lado, — a aragem bemfazeja de tua amisade solicita e desvelada, — a tua voz que me animava e consolava, — a tua intelligencia que me vivificava — ao prodigio de duas indoles tão assimiladas, de duas almas tão irmãs, tão gemeas, que uma d'ellas rematava o pensamento apenas enunciado da outra, e aos pensamentos unisonos de dois corações que mutua mente se fallavão, se interpretavão, se respondião sem a auxilio de palavras. Duplicada a minha existencia, não era muito que eu me sentisse com forças para abalançar-me a esta empreza ; e agora que em parte a tenho concluido, é um dever de gratidão, um dever para que sou attrahido por todas as potencias de minha alma, escrever aqui o teo nome, como talvez seja o derradeiro que escreverei em minhas obras, o ultimo que os meus labios pronunciem, se nos paroxismos da morte se poder destacar inteiramente do meu coração. »

N'este primeiro anno do seu curso juridico, como nos seguintes, e assim como em todo o decurso da vida do poeta ninguem foi nunca mais estudioso que elle. Operario da intelligencia, nunca mediu o estudo pelo tempo — largava os livros das mãos só de puro cansaço. Magnifico exemplo para a nossa mocidade que fia a cultura do espirito mais da agudeza ingenita com que os dotou a Providencia, do que do estudo e do trabalho paciente, consciencioso, e de todos os instantes ! É a intelligencia como a terra, produz rica messe de fructos, porém sómente depois de infundir-se-lhe n'ella muito capital e muito suor. Facilmente conquistou o nosso poeta um dos primeiros logares entre os mais distinctos condiscipulos, a par de Bruschy, de Cardoso Avelino, Salgueiro, Couto

Monteiro, Beça Correia, Pedroso, Peixoto e Nobrega.

Não era todavia isso o que mais lhe importava a elle, senão os seus queridos estudos de litteratura, e este anno dedicou-o inteiro ao conhecimento perfeito e profundo da litteratura franceza e ingleza, no que se fez familiarissimo.

É notavel esta quadra nos annaes academicos. À palavra magica e poderosa de um grande poeta portuguez, filho do districto de Coimbra, José Freire de Serpa Pimentel (1), funda-se em 1838 o Theatro Academico, e d'essa associação sahe em Fevereiro de 1840 a *Chronica Litteraria*, e desde então por toda aquella mocidade, mestres e discipulos, corre e lavra, como transmittido por uma prodigiosa corrente electrica, o gosto e o fervor aos estudos da litteratura — nacional e estrangeira — em todos os graus de sua vasta escalla, sob todos os seus aspectos e fórmas variissimas — da poesia até a historia, do drama e do romance até a eloquencia nas aulas. Então imperava em todo o seu esplendor a reforma litteraria conhecida pela denominação de romantica, e que, tendo por campeões Chateaubriand, Victor Hugo, Lamartine, Alexandre Dumas, de Vigny, Béranger e outros em França, e em Portugal Alexandre Herculano, Almeida Garrett e Antonio F. Castilho, ia filiar-se em Shakspeare, Byron, Goethe e Schiller.

Por esse mesmo tempo cahiu entre as mãos dos estudantes brazileiros um volume dos *Suspiros Poeticos* do snr. dr. Domingos Gonçalves Magalhães. Era o pendão, era a gloria d'esses mancebos, como a voz da patria que chamava a elles, filhos igualmente do

(1) Hoje visconde de Gouvêa e par do Reino.

Brazil — e que a nenhum outro cederam em extremos de patriotismo.

Os fanaes da litteratura portugueza, os escolhidos e imitados em materia de estylo e de lingua eram os tres já então grandissimos vultos — os snrs. Alexandre Herculano, Almeida Garrett e A. F. de Castilho, inclinando-se diversamente cada mancebo e escolhendo para mestre a este ou áquelle d'estes eximios escriptores : o seu modelo para o Dias, além de Filinto Elysio, era o snr. Alexandre Herculano! Como de quem havia um dia receber sem esperar a melhor consagração de poeta a que podéra aspirar, como melhor se exprime n'aquella excellente prosa — *Sirva de prologo* — da sua edicção dos *Cantos* (1), e da qual o nosso illustrado dr. Trajano Galvão (2) assim dizia que — « *quanto mais lia mais admirava, porque era um dos mais bem escriptos pedaços de prosa que conhecia!*

« *Merecer a critica de A. Herculano*, diz elle no alludido prologo, *já eu consideraria como bastante honroso para mim ; uma simples mensão do meu primeiro volume, rubricada com o seu nome, desejava-o de certo* ; *mas esperal-o, seria de minha parte demasiada vaidade.* »

Como se vê, aquellas expressões de seu extremo contentamento, e de que ao snr. A. Herculano devia

(1) Veja-se nas primeiras paginas das edicções allemãs dos Cantos de 1357 e d'outras posteriores a esta.

(2) Era um dos nossos mais talentosos e bem preparados e lidos poetas, fallecido prematuramente a 14 de Julho do anno de 1864 — tão fatal ás nossas lettras. Mais contemplativo e meditador do que diligente e laborioso, poucos escriptos deixou-nos de si, e que se acham esparsos em jornaes, e no *Parnaso-Maranhense*, nas *Tres Lyras*, e n'outras publicações.

« *a maior satisfação que tinha experimentado na vida litteraria,* » são sinceras, do fundo d'alma e verdadeiras; já o admirava e o applaudia de ha muito como poeta e prosador excellente que é.

Appareceu Dias, pois, em Coimbra, e respirou, e viveu no meio d'esta atmosphera de enthusiasmo e de regeneração das lettras ; mas apenas um ou outro dos amigos, mui raro, suspeitou de seu talento especial para a poesia, vencendo-lhe o vexame e a modestia sem igual, no segredo dos seus versos de criança escriptos em Caxias e na Figueira, e das suas traducções de Horacio — e a esses não foi difficil presentirem, n'aquelle imperfeito adejo, o poeta que havia de ser ainda.

E não tardou o tempo em ministrar-lhe a occasião de revelar-se tal. Com a chegada a Coimbra da noticia da acclamação do nosso actual monarcha, resolveram em Maio de 1841, o punhado de brazileiros que estavam então alli, festejar e solemnisar tambem esse tão fausto successo.

Um passeio nas brandas aguas do Mondego em saveiros ennastrados de flôres e de folhas verdes, com a bandeira nacional despregada aos ventos, com muitos foguetes e vivas, e depois um banquete explendido na *Lapa dos Esteios*, e ao cabo de tudo muita poesia, muito discurso, e muita flôr, mocidade e riso, tal foi a festa dos estudantes brazileiros.

Serpa Pimentel, João de Lemos, Lisboa Serra e muitos outros afinaram e vibraram n'essa festa as suas lyras; mas uma cousa só ficou d'ella e essa é um monumento — a arrebatada poesia que G. Dias recitou ao som do nosso hymno e ao estrepito de vivas e applausos dos circumstantes maravilhados e fóra de si :

Enthusiasmo ardente me arrebata,
Eleva-se o meu estro e a minha lyra (1)

Assim começa essa poesia, a primeira, e com a que tem por titulo — *A innocencia* — as unicas que consentiu sahissem publicadas em Portugal, porque tinha por devoção sua filial vir fazer no Brazil a publicação de todos os seus escriptos.

N'esse anno compoz ainda várias outras poesias, entre ellas uma em Junho á morte prematura da irmã de seu amigo João Duarte Lisboa Serra (2), a quem, ao vêr pranteando, e soffrendo cruas saudades, sente

Não poder eu a trôco de meu sangue
Poupar-te d'essas lagrimas metade!
Não poder eu correr por esse mundo,
Espessas brenhas, escarpadas rochas,
Assoberbar torrentes, e trazer-te
As aguas do Lethis!
. . . .
E essa existencia
Que tão cara me e, t'a visse eu leda,
E feliz como a vida dos Archanjos!

Encerradas as aulas, feitos os exames, partiu Gonçalves Dias para Lisboa com o snr. dr. Alexandre Theofilo; mas ao chegarem á Figueira onde iam to-

(1) Por mais diligencias que fizesse, não pude obter esta poesia, que corre impressa em um folheto com outras que foram recitadas na mesma occasião.

(2) Vejam-se os PRIMEIROS CANTOS, — edicção de 1846, pag. 135, e a pag. 24 de um folheto publicado aqui em 1842 pelo dr. João Duarte Lisboa Serra com o titulo — *A seu estremoso pae, a seus ternissimos irmãos e a todos os corações verdadeiramente sensiveis, offerece J. D. L. Serra.*

mar o vapor, encontram um collega na penuria, o qual, por falta de meios, pretendia regressar para Coimbra. Não consentiram elles, e repartindo com o amigo do pouco que tinham, viram-se condemnados á *mais horrivel viagem em convez de que possam ter rezado as chronicas do mundo*, como elle a rir muita vez referiu-me.

Fome e frio, e por companheiros de martyrio soldadesca desenfreada e basto numero de criminosos que vinham do Porto que n'essa noite tentaram quebrar os ferros, e immundicie por toda parte : eis os tormentos que curtiram em cumpridas horas de viagem até que aportaram á risonha cidade de Lisboa, compensando-os de tamanho sacrificio o terem compartido com um bom amigo do dinheiro que possuiam.

Durante as férias, em Lisboa, a vida do Dias continuou a ser o que era e sempre foi — estudar, estudar, e entreter um namoro, como descanço ás fadigas do estudo, e quo foi d'esta vez com uma das filhas da dona da hospedaria; mas que fez-lhe perder a cabeça, tanto que esteve a ponto de casar com ella, se não fossem os conselhos de seu amigo, o snr. dr. A. Theofilo. Applicou-se corpo e alma á lingua italiana e aos classicos portuguezes, e por estudo dramatico e de declamação frequentava o theatro da rua dos Condes. Fóra d'isso, a distracção que mais amava eram passeios pelo Tejo em noite de luar, e assim o confirma no seguinte trecho de uma carta :

« Gósto de passeiar sósinho e desconhecido pelas ruas desertas e silenciosas de Lisboa. Gósto de desfructar a viração de uma noite de luar depois de um dia abafado. Gósto de contemplar parte da cidade do Caes do Sodré. Os edificios que se encastellão e que se desenhão magestosos pelo mar, pelas casas cir-

cumvisinhas, figurando objectos extranhos e gigantescos. — Gósto de me embarcar em uma falúa, correr o mar, contemplar a lua, que se espelha vacillante na superficie polida das aguas. Os navios que jogão descompassados como o cavallo que escarva a terra impaciente de correr — e sobre tudo a voz do nauta que echoa triste na solidão da noite e acorda mil outras vozes. Erão vozes extrangeiras; mas que importa? Meu coração as entendia, eu tambem era proscripto como elles, e como elles tambem suspirava por um tumulo na terra de meus paes! »

Tendo recebido então da sua provincia uma boa somma, comprou, por instigação de seus antigos companheiros de casa, uma escolhida e copiosa livraria, que em Coimbra causou seu reparo.

No seu segundo anno de direito, 1841-1842, achamol-o matriculado sob. n.º 12, e morando na casa da rua do Cosme, 5, com os antigos companheiros, menos João Duarte L. Serra e o snr. José Joaquim Ferreira Valle, que tinham-se havia mezes ausentado para o Brazil e sido substituidos pelos snrs. Antonio Rego e Francisco Leandro Mendes, todos comprovincianos do poeta, a quem faltaram de novo recursos pecuniarios e teve de sujeitar-se á caridosa bondade dos amigos. Foram as materias de seus estudos litterarios n'este anno a historia, e a litteratura italiana: poetas e prosadores, antigos e modernos — tudo leu, tudo devorou avidamente, e tomou de cór ou por cópia não poucos trechos de Tasso, e ainda mais de Ariosto e de Dante. Era para admirar o vasto e bem aproveitado thesouro de erudição que já possuia! N'esse anno escreveu, além de muitas poesias, grande parte de um romance em que figurava e que tinha por titulo — *Memorias d'Agapito Goiaba*, manus-

cripto de que li em 1846 tres grossos volumes, e que o poeta disse-me em 1861 tel-os queimado quando na Europa em 1853, por envolver factos que respeitavam a outros que já não viviam. Póde ler-se d'elles alguns magnificos capitulos de estylo e de sentimento que sahiram impressos nos n.os 1 e 2 do *Archivo*, jornal litterario e scientifico que foi aqui publicado de Fevereiro de 2846 em diante e para o qual collaboraram os snrs. Rayol, Colin e drs. Theofilo, Rego, Fabio de C. Reis, F. J. Correia, e outros distinctos maranhenses.

Nas férias e no anno lectivo de 1842-1843 (1) em que, tendo recebido algum dinheiro, como já havia acontecido em 1841 e em outras occasiões, foi morar com outro collega na rua do Salvador nº 470, defronte da casa de seus amigos, para poder com mais socego entregar-se aos estudos scientificios e litterarios, foi certo quando mais trabalhou e produziu. Grande parte das poesias dos *Primeiros* e *Segundos Cantos* e algumas dos *Ultimos* e das publicadas n'este volume são d'esta epocha, bem como o seu primeiro drama — *Patkull*, inspirado de um facto veridico aproveitado da historia da Suecia do tempo de Carlos XII, um extenso poema, cujo titulo nem já me recordo e um romance a imitação do *José Delorme* de M. de Sainte-Beuve, e bem assim outros trabalhos que inutilisou, e quasi no fim do anno escreveu o drama — *Beatriz de Cenci* — que a seu tempo sahirá a lume com o *Patkull* n'esta collecção de suas *Obras Posthumas*; e se com tanto afan escreveu, nem por isso deixou de figurar entre os primeiros estudantes do seu terceiro anno, tendo sahido com os snrs. Bruschy, Couto Mon-

(1) Martriculou-se sob o n.º 110.

teiro e outros de encontro ás idéas e redacção das cadernetas de direito civil escriptas e ensinadas pelo padre Luiz Teixeira, chegando taes polemicas entre os estudantes e seu lente a ponto de aggredirem-se pelos jornaes, e dirigirem aquelles em numero de doze uma representação ao governo contra as doutrinas do auctor das cadernetas; e principalmente por isso applicou-se com tamanho empenho ao estudo do anno, que foi uma injustiça não obter no brilhante exame, que fez, um premio ou menção honrosa, como esperava.

N'esse mesmo anno cansagrou Dias o seu culto de amores a uma formosa menina de Coimbra, cujo rosto de marfim

De carmim
Tinge um nada a côr mimosa (1)

e a quem, como nol-o diz :

Amei! — dedicação, ternura, extremos
Scismou meu coração, scismou minha alma (2).

Amei! e o meu amor foi vida insana!
Um ardente anhelar, cauterio vivo
Posto ao coração, a remordel-o.
Não tinha uma harmonia a natureza
Comparada á sua voz, não tinha côres
Formosas como as d'ella — nem perfumes
Como esse puro odor qu'ella espargia
D'angelica puresa. — Meus ouvidos

(1) CANTOS, 2.ª edicção allemã 1857, pag. 33. *A Innocencia*, que sahiu em Outubro de 1843 no *Trovador*.
(2) Idem, pag. 56. — *Amor, delirio — engano.*

O feiticeiro som dos meigos labios
Ouvião com prazer; meus olhos vagos
De a ver não se cançavão; labios d'homem
Não poderão dizer como eu a amava (1)!

Foram, porém, esses amores serenos e passageiros e lhe não deixaram estampada a ruga do soffrimento: relampago que fulgiu em tarde estiva sem o estampido do raio, e apenas derramou rapido clarão sobre algumas das suas poesias. Foi um momento só, como o diz á sua irmã nas *Saudades*:

E todavia amei! pude um momento
Ver perto a doce imagem debruçada
Nas aguas do Mondego — ouvir-lhe um terno
Suspiro do imo peito, mais ameno,
Mais saudoso que as auras encantadas,
. . . .
Foi um momento só! . . . . , ...
. . . .
Sim, amei, fosse embora um só momento (2)!

E quanto se não contristava com ser pobre, e não poder dar a mão áquella joven e interessante filha de Coimbra?! Sentia-o profundamente; porque não descortinava no futuro nem se quer uma leve esperança de poder realisar seu desejos!

« Tu não sabes, escrevia elle ao snr. dr. A. Theofilo a 24 de Janeiro de 1844, o que é amar sem esperanças! — dizermos em nós — um dia eu farei murchar a fé d'aquelle coração tão virgem — farei seccar as rosas d'aquelle rosto e a fonte d'aquella ventura tão fiada no amor e no futuro. Irei eu por esse

(1) Idem, pag. 147 — *Quadras da minha vida.*
(2) Cantos, edic. allemã de 1857 — pag. 642.

mundo, e ella cá fica sem o seo amor, que lhe leve—desgraçados porque nos conhecemos! Como ella me ama, pobre moça! Eu não chóro por mim, sou homem, dispenso grandesas, e quando soffro sou desmentido por minhas palavras, que nunca denotão soffrimento; mas ella?! Eu quizéra vêl-a sempre feliz—sem pesares, sem dôres, sem lagrimas, sempre cheia de contentamento. »

Diligente e curioso nunca se deixou ficar em ocio nas férias intermediarias do Natal e da Quaresma, já entregando-se com fervor aos seus queridos estudos litterarios, já percorrendo os logares convizinhos de Coimbra, principalmente Formozelha, onde o attrahia uma bella e espirituosa dama por quem se perdia em galanteios d'amor, lembrando assim o que dos poetas dizem que são como as borboletas, e elle de si confirma nos seguintes versos :

A fugaz borboleta as flôres todas
Elege, e liba e uma e outra, e foge
Sempre em novos amores enlevada :
N'este meu paraiso fui como ella,
Inconstante vagando em mar de amores.
O amor sincero e fundo, e firme e eterno,
Como o mar em bonança meigo e doce,
Do templo como a luz perenne e sancto,
Não, nunca o senti; — sómente o viço
Tão forte dos meus annos por amores
Tão faceis. . . . . fui trocando (1).

No seguinte anno de 1843-1844 (2) residiu á rua do Correio nº 62 com seus amigos e comprovincianos os

(1) Primeiros cantos (1846) — *Minha vida e meus amores* — pag. 71.
(2) Matriculou-se sob n.º 13.

snrs. drs. Antonio Rego e Pedro Nunes Leal, e começou de arcar com o estudo da lingua allemã. Estando já n'asse anno em Lisboa o snr. dr. Alexandre Theofilo de C. Leal, terminado o seu curso de mathematicas, que fizera com bastante distincção, merecendo ser premiado em todos os annos, remetteu-lhe o poeta as suas poesias — *O Romper d'Alva* (1), a Visão — *O Indio* (2), — que estão publicadas, e *Coral e Jacaré*, que inutilisou; e este fêl-as mostrar por um amigo, parente do snr. Antonio Feliciano de Castilho, ao grande poeta. Tal foi o prazer e o enthusiasmo do snr. Castilho que, inquirindo de todas as circumstancias de sua vida e estado, para logo quiz conhecer o auctor, e estampar as poesias na *Revista Universal Lisbonense*, de que era principal redactor.

Não consentiu o snr. dr. A. Theofilo na publicação, porque sabia d'aquella devoção patriotica de que já tractei, embora lhe constasse que seriam acompanhadas de um elogio da penna do eximio poeta portuguez. E d'est'arte, tres annos antes do snr. Alexandre Herculano, já outro mestre da lingua e da poesia haveria julgado e acclamado o nosso poeta n'essa mesma *Revista* em que este depois o fez! Mas já que não pôde apregoar o engenho de joven poeta brazileiro, prenunciou lhe como juiz vidente o bello futuro que o aguardava, e mandou aconselhal-o para que continuasse a cultivar o genero de poesias que depois publicou com o titulo de *Americanas*.

Por esta occasião começaram os poetas conimbricenses, os snrs. João de Lemos, José Freire, Rodrigues Cordeiro, Lima, Evaristo Bastos e outros a em-

(1) Impressa á pag. 255 dos PRIMEIROS CANTOS (edic. de 1846), e pag. 159 da edic. de 1857 dos CANTOS.

(2) Veja-se á pag. 39 d'este volume.

preza de um jornal, consagrado inteiramente a publicações poeticas, com o titulo — *O Trovador*. (1) — Convidaram e instaram com o nosso poeta para que os auxiliasse; mas este não querendo quebrar com o seu louvavel proposito, consentiu apenas que sahisse no primeiro numero do *Trovador* a sua *Innocencia*, que foi apreciada por todos os homens de gosto, que residiam em Coimbra.

Ao tomar então o grau de bacharel em sciencias juridicas, (2) soube que o snr. dr. A. Theofilo estava de partida para o Maranhão, e, pugindo-o saudades do amigo, quiz dar-lhe um abraço de despedida; mas faltavam-lhe recursos pecuniarios, não só para a viagem, como para tirar a carta de bacharel, e eil-o.

. . . . co'a fronte baixa,
Coberto o rosto de vergonha — e timido
Como aos pés do senhor um vil escravo
Subi de um rico a escada — supplicante (3).

Depois de bater a uma e outra porta, encontrou um que emprestou-lhe a quantia almejada, garantindo-a o poeta com a sua livraria, que ficou em poder do usurario até que elle tentou resgatal-a d'aqui do Maranhão, sem infelizmente conseguil-o!

Quando em Julho de 1844 já se achava em Lisboa, chegou-lhe a triste noticia que uma irmã, como elle

(1) Veja-se o que d'este jornal diz Lopes de Mendonça nas suas *Memorias da litteratura contemporanea*, de pag. 238 a pag. 263.

(2) Na universidade de Coimbra ha no Curso juridico tres graus, o de bacharel no fim do quarto anno, o de bacharel formado no quinto, e depois, com a defesa de theses — o de doutor.

(3) Veja-se — *Orgulho e avaresa*, á pag. 55 d'este volume.

illegitima, e a qual não conhecia, havia sido seduzida e atraiçoada par um primo. Não hesitou aquelle magnanimo coração um momento, correu, vôou ao Gerez, e alli alcançou a prompta reparação da offensa feita á innocencia e ao amor de sua irmã. Levou tempo n'esse negocio de familia, e quando o terminou, era já passada a epocha das matriculas na Universidade. Vendo-se então com o anno irremediavelmente perdido, tendo um só d'aquelles seus antigos collegas e amigos que o auxiliavam nas occasiões em que de Caxias lhe faltavam com as mezadas, e não querendo ser-lhe pesado, e demais tendo já obtido o grau de bacharel, e esgotada quasi toda a quantia que houvera em Coimbra, viajou por todo o Minho, Traz-os-Montes e parte da Galliza, e dirigiu-se em Janeiro de 1845 para o Porto de onde partiu para o nosso Maranhão.

E foi durante sua estada nos « pincaros ennegrecidos do Gerez » e em Pitões (1) que escreveu toda a collecção de suas poesias que teem por titulo — Visões — a *Escrava* (2) e a *Desordem de Caxias* (3), além de outras que estão publicadas nos *Primeiros, Segundos, Ultimos Cantos*, e n'este volume.

Aqui acaba a vida d'estudante do Dias — como o devia, resumindo em um só facto, mas grandioso e bello, toda o pudor virginal d'aquelle coração immenso, toda a abnegação e generoso sacrificio d'aquella alma sem igual, e assim podemos, seus

(1) Veja-se a *Epistola*, a pag. 133 d'este volume, dirigida ao seu collega e patricio o snr. José Antonio Fernandes Pinheiro.

(2) PRIMEIROS CANTOS pag. 146, e CANTOS (1857) pag. 101.

(3) Veja-se a pag. 83 dos *Segundos Cantos*, edic. do Rio de 1848.

amigos, repetir com dobrada razão e desvanecimento aquellas palavras que elle dirigiu ao snr. Alexandre Herculano (1):

« Tivemos a fortuna de encontrar n'elle um d'aquelles poucos, d'alta intelligencia, que não perdem em ser admirados de perto, e cuja amisade se póde ambicionar como um thesouro: fortuna, digo, porque o é de certo, quando se admira o escripto, que se possa ao mesmo tempo estimar o escriptor, ainda maior fortuna quando queremos manifestar o nosso reconhecimento que nos não remorda a consciencia, prevenindo-nos de que ainda quando digamos mais do que a verdade, ficaremos sempre aquém do que devemos. »

(1) Veja-se nos CANTOS, 2ª edic. de 1857, o *Sirva de prologo*, a pag. VI.

Aos senhores subscriptores

Chegado a este ponto da biographia, fui privado do prazer de continuar a escrevel-a por uma hemiplegia que inopinadamente acommeteu-me. Não podendo prever o tempo que estarei privado de entregar-me a trabalhos litterarios, entendi de meu dever, attendendo a anciedade que noto no publico pela leitura das OBRAS de Gonçalves Dias, entregar á publicidade o que já está impresso d'ellas, dando para o diante o resto, quiçá o mais importante da sua vida; no que não ha grave inconveniente, porque a parte biographica tem numeração romana e a obra é em algarismo arabico, e assim na occasião que receberem a ultima parte da biographia, poderão reunil-a ao que ora se publica.

A. H. L.

S. Luiz do Maranhão, 14 de Abril de 1868.

VERSOS MODERNOS

1861-1864

ESTANCIAS (1

I

O nosso indio errante vaga;
Mas por onde quer que vá,
Os ossos dos seos carrega;
Por isso onde quer que chega
Da vida n'amplo deserto,
Como que a patria tem perto,
Nunca dos seos longe está!

II

Tem para si que a poeira
D'aquelle que chorão morto,
Quando a alma já descança
Da eternidade no porto,
Nenhures está melhor
Do que na urna grosseira
Que a cada momento enchergão,
Que de instante a instante regão
Com seo prantear de amor!

(1) Acha-se esta poesia publicada no PARNASO MARANHENSE.

III

Ando como elle incessante,
Forasteiro, vago, errante,
Sem proprio abrigo, sem lar,
Sem ter uma voz amiga
Que em minha afflicção me diga
Dessas palavras que fasem
A dôr no peito abrandar!

E sei que morreste, filha!
Sei que a dôr de te perder
Em quanto eu for vivo, nunca,
Nunca se ha de esvaecer!

Mas qual teo jazigo? e onde
Jasem teos restos mortaes?...
Esse logar que te esconde,
Não vi: — não verei jamais

IV

Não sei se ahi nasce a relva,
Se algum arbusto s'inflora
A cada nova estação:
Se a cada nascer da aurora
O orvalho lagrimas chora
Sobre esse humilde torrão!

Se ahi nasce o triste goivo,
Ou só espinhos e abrolhos,
Ou se tambem de alguns olhos
Recebes pia oblação.

V

Sei que o pranto, que se verte
Longe do morto, não basta :
É pranto que a dôr não gasta.
Que nenhum alivio traz !
Sei que ao partir-me da vida,
Minha alma andará perdida
Para saber onde estás !

VI

Irei beijar teo sepulchro,
Chorar meo ultimo adeos,
Depois, remontando aos céos,
Direi a Deos : « Aqui estou ! »
Tu, d'entre o côro dos anjos,
— Dos Seraphins resplendentes —
Então — as azas candentes,
Que a vida não maculou,
Desprega ! — e meiga, humilhada,
Ao throno do Eterno vae,
E na linguagem dos anjos,
Dise a Jesus : « É meo pae ! »

VII

Elle humanou-se ! — quiz ser
Filho tambem de mulher;

Mas d'homem, não; porque os céos
Não tem espaço bastante (1)
Para um homem — pae de Deos!

VIII

Bem sabe elle quanta gloria
Sente o pae, que um anjo tem!
Julgará que, pois perdida
Teve uma filha na vida,
Não a perca lá tambem!

Manáus — 1° de Maio de 1861.

(1) Var. Não tinhão bastante espaço.

OH! QUE ACORDAR!

Se o que somos, se o que temos soffrido
Não fosse mais que um sonho!
A despedida sem adeos, a ausencia,
O desterro medonho!

O viver sem familia, sem ventura,
Sem esperanças mais...
Este penar eterno, este soffrer sem crime,
Este descrer dos mais;

E aquelle ver-te qual t'eu vi, co'o pranto
Nos olhos a brilhar,
E nos labios sorrisos por que vias
Qual era o meo penar!

Se esse fingir que a vida te esgotava
Do pobre coração,
Se tudo fosse um pesadello horrivel,
Um sonho vão;

Se outra vez amanhã meiga sorrindo
Me viesses contar
Teo sonho máo, durante a noite, e o ledo
Venturoso acordar!

E que de ver-te se me fosse d'alma
D'angustia o sentimento,
Como visão nocturna, como um traço n'agua.
Nuvem que tange o vento !

Se em nossos peitos desses cahos surgissem
Os extasis de amor,
Como aves mil, que no romper do dia
Voão de um ramo em flôr !

E a vida entre nós franca ! o amor possivel,
E o paraiso ali !
Oh ! que acordar !... Venhão diser-me agora
Depois do que soffri,

Que o mundo é vasto, que não devo amar-te,
Que renuncie a ti !
Fasei-o vós, se sois capaz de tanto...
Não o peçais de mi.

Qual o horrendo porvir que após nos guarda
Não o sabeis, eu sei !
É ser morto por dentro, é diser d'alma
Jamais feliz serei !

É criar tedio á vida ! — um só receio
Ter-se — que seja eterno
Este viver, este descrer de tudo,
Este penar do inferno !

Manáus — 30 de Maio de 1861.

SE MUITO SOFFRI JÁ, NÃO M'O PERGUNTES

Se muito soffri já, se ainda soffro
Por teo amor?!
Não m'o perguntes! que do inferno a vida
Não é pior!...

Eu! vegetar da terra entre os felizes!
Que faço aqui?
Sonhos de amor, de gloria, — lá se forão
Atrás de ti!

A ver se encontro d'esperança um raio
Ólho em redor,
E nada vejo, e mais profunda sinto
No peito a dôr!

Que faço aqui? Dias cançados, annos
Sem fim — durar!
Depois que te perdi, viver ainda,
Viver! penar!...

Eu, não! Quem for feliz que prese a vida,
Tema perdel-a!
Por mim não tenho horror, nem tedio á morte,
Clamo por ella!

Bendicta seja pois a que mandada
Me for — por Deos.
Matar-me, não; que quero, ver-te ainda
Feliz nos céos!

Mas no pego da dôr, em que me abysmo,
— Nesta afflicção
Negra como a do cego que na estrada
Esmóla o pão!

Como a do viajor que pelas trevas
Sem tino vae,
E, errado o trilho, se embrenhou nas matas,
Nem dellas sae!

Neste viver soffrendo, errante, louco,
Misero Job,
Que amigos e inimigos á porfia
Pungem sem dó!

Ás veses, da amargura no remanso,
Ao Creador
Minha alma eleva canticos de graças,
Hymnos de amor!

Que se estivesse em mim renascer hoje,
Soffrer o que soffri...
Eu quiséra viver para inda amar-te
E amado ser por ti!

Manáus — 16 de Junho de 1861.

NO JARDIM!

Lembra-te o Jardim, querida!
Lembra-te ainda da vida
Aquella quadra florida,
Que ali passamos então!...
— Duas salas, um terraço,
Poucas flôres, muito espaço,
Muita luz; mas a melhor,
— A flôr do teo coração,
A luz do teo sancto amor!

Não tinha a casa pintura,
O chão não tinha cultura:
Paredes núas, ladrilho,
Tudo singelo, sem brilho...
Ninguem diria a ventura
Que ali se podéra achar!
É porque ninguem sabia.
Que tu ali vinhas ter
A cada romper do dia
Como um raio de alegria!
É que o sol no seo morrer
Seos raios ali mandava,
Como que nos céos fixava

A historia do amanhecer!
— Que o cyclo da nossa vida
Da terra oscilava aos céos (1),
Na luz do amor teo, querida,
Na luz mandada por Deos!

E depois, se vinha a noite,
Fossem trevas ou luar,
— Como em sonhos prasenteiros,
Como em magicos lusciros,
Do infinito pelos campos
Se ia minha alma a vagar!
— São menos os pirilampos
No bosque — á noite! — as estrellas
Nem tantas são, nem tão bellas
Como os doces devaneios,
Desejos, temor, receios,
D'aquelle ameno scismar!
Vivia! estava desperto!
Eu comtigo me entretinha;
Tu ali estavas — bem perto,
A voz te ouvia que vinha
De amor minha alma inundar!
Mais formoso que tal sonho
Era só meo acordar,
Vendo teo rosto risonho,
Vendo nelle do meo sonho
A imagem se desenhar!
— Ouvindo-te a voz macia
Baixinho pronunciar
Frases de amor, de poesia,
Que ninguem podéra achar!

(1) Var. — Vagava entre a terra e os céos.

Crême-me ! a infanta portuguesa,
De Inglaterra a princesa,
Laura, Elvira, Beatriz,
Nos cantos de illustres bardos
Só — forão grandes : tu, não !
Distincta por naturesa,
No sentimento rainha,
A poesia te vinha
Sublime, estreme, feliz,
Tradusida em gesto brando,
Ou d'alma plena brotando
Do abundante coração,
Ampla, caudal como um rio,
Como perolas em fio
A granisarem no chão !

Aquellas vivem eterno
Na historia do seo amor !
Em throno de luz sentadas,
C'roadas de resplendor !

Mas, quem dirá o que foste !
O que és ainda — talvez !
Se estas pobres folhas soltas
Nem chegaráõ a teos pés ?!

Manáus — 17 de Junho de 1861.

A BAUNILHA

Vês como aquella baunilha
Do tronco rugoso e feio
Da palmeira — em doce enleio
Se prendeo!
Como as raizes metteo
Da usnea no musgo raro,
Como as folhas — verde-claro —
Espalmou!
Como as bagas pendurou
Lá de cima! como enleva
O rio, o arvoredo, a relva
Nos odores,
Que inspirão fallas de amores!
Dá-lhe o tronco — apoio, abrigo,
Dá-lhe ella — perfume amigo,
Graça e olor!

E no consorcio de amor
— Nesse divino existir —
Que os prende, vai-lhes a vida
De uma só seiva nutrida,
Cada vez mais a subir!

Se o verme a raiz lhe ataca,
Se o raio o cimo lhe offende,
Cai a palmeira, e comtudo
Inda a baunilha rescende !

Um dia só ! — que mais tarde,
Exhausta a fonte do amor,
Tambem a baunilha perde
Vida, graça, encanto, olor !

Eu sou da palmeira o tronco,
Tu — a baunilha serás !
Se soffro, soffres commigo,
Se morro — virás atrás !

Ai ! que porisso, querida,
Tenho aprendido a soffrer !
Porque sei que a minha vida
É tambem o teo viver.

Manáus — 17 de Junho de 1861.

SE TE AMO, NÃO SEI!

Amar! se te amo, não sei.
Oiço ahi pronunciar
Essa palavra de modo
Que não sei o que é amar.

Se amar, é sonhar comtigo,
Se é pensar, velando, em ti,
Se é ter-te n'alma presente
Todo esquecido de mi!

Se é cubiçar-te, querer-te
Como uma benção dos céos
A ti sómente na terra
Como lá em cima a Deos;

Se é dar a vida, o futuro,
Para diser que te amei;
Amo; porem se te amo
Como oiço diser, — não sei.

Sei que se um genio bom me apparecesse
E thronos, glorias, illusões floridas,
E os thesouros da terra me offerecesse
E as riquesas que o mar tem escondidas ;

E do outro lado — a ti sómente, — e o goso
Ephemero e precario — e após a morte ;
E me dissesse : « Escolhe » — oh ! jubiloso,
Exclamára, senhor da minha sorte ! —

« Que thesouro, na terra ha'hi que a iguale?
Quero-a mil veses, de joelhos — sim !
Bemdicta a vida que tal preço vale,
E que merece de acabar assim ! »

Manáus — 25 de Junho de 1861.

COMO! ES TU?

Como! es tu?! essa grinalda
De flôres de larangeira!...
Branco véo, nuvem ligeira
Sobre o teo rosto a ondear!
Pallida, pallida a fronte
E os olhos quasi a chorar!

És tu! bem vejo... não falles!
Cala-te! já sei o que é!
A mão vais dar, vida e fé
A outro!... Vais te casar.
Pallida, pallida a fronte,
Olhos em pranto a nadar!

E vais! e és tu mesma? — e vais!...
Fui eu quem te dei o exemplo...
Sei que te aguardão no templo,
Deixa-me aqui a chorar:
Fases sómente o que fiz,
Não fases mais que imitar!

Mas eu quis ver-te feliz,
Não dar-te exemplo!... pensava
Que illeso e firme ficava
O teo amor — a guardar
A fé, que eu mesmo, insensato!
Fui o primeiro a quebrar!

Contradicções d'alma humana!
Fui, sim, quem te dei o exemplo,
Isso quiz, e ora contemplo
Essa grinalda — a chorar,
A fronte pallida, pallida,
E o branco véo a ondular!

E hade o mundo inda algum dia
Do olvido o véo tenebroso
Estender por tanto goso,
Tanto crer, tanto esperar!
Vai que te aguardão: já tardas:
Deixa-me aqui a chorar!

Vai! e que os anjos derramem
Sobre ti flôres, venturas,
Que as alegrias mais puras
Floreção dos passos teos:
E que entres na casa extranha
Como uma benção dos céos!

Que a fortuna — de velludos
Alcatife os teos caminhos,
Que o orvalho dos teos carinhos
A esse faça feliz
Com quem te casas — que te ame
Como te amei e te quiz!

Porem procura esquecer-te
Das venturas no regaço
De mim, dos votos que faço,
De quanto pedi aos céos
Ver este dia... mas chóro !
Vai ! sê feliz ! adeos !

Manáus — 25 de Junho de 1861.

A MINHA ROSA

A mim! foi a mim que o ouviste ?
Eu ! — chamal-a minha rosa!...
De certo que é bem formosa,
Entre criança e mulher !
Se a vejo tão joven inda,
Tão simples, tão meiga e linda,
Da vida no rosicler ;

Podia chamal-a — rosa,
De musgo ou de Alexandria,
Rosa de amor, de poesia,
Mais lhe não dava que o seo;
Porque se essa flôr mimosa,
Já chegaste ao seo retrato,
Havias ver como a rosa
De repente esmoreceo !

Porem, teo amor, querida,
Teo amor que é minha vida,
Que é meo scismar, que é só meo;
Esse que te fás formosa
Entre todas as mulheres,

Onde achal-o ? ! — Minha rosa...
Minha és tu !... como sou teo.

Não nego que é meiga e linda.
Entre mulher e criança,
Tão joven, tão meiga, e ainda
Da vida no rosicler ;
Mas tu vales mais do que ella,
Não conheces bem teo preço,
Acho-te muito mais bella,
Como és, — entre anjo e mulher.

CIUMES

Ciumes ! Pois tens ciumes !
Porque ? — porque a esta, áquella
Contemplo e digo que é bella,
Ciumes dahi te vem ? !

Mas sabe ! — desde que te amo,
Tudo me agrada e recreia !
Tenho esta vida tão cheia,
Sinto que vivo tão bem !

Que tudo me arrouba e enleva,
Mar e terra, nuvens, céos,
Estrella, flôr, planta e relva,
Tudo quanto vem de Deos,
Quanto nos olhos reluz,
Quanto o mundo exterior
Do bello em fórmas traduz ;
Quanto um peito amante scisma
Vejo eu ao través da luz,
Ao través do claro prysma
Do teo sancto, immenso amor !

Amo tudo quanto sinto,
Quanto a minha vista vê ;

Teo reflexo vejo em tudo,
E tem ciumes !... Porque ? !

Como se vêem pinturas,
Estatuas bellas, — assi
Vejo-as tambem. Formosuras
Sejão, que eu só amo a ti !

Ha tres amores, querida.
O amor da terra — vulgar,
Outro em região mais subida,
Mas inda facil de achar.
— Outro por fim a pairar
Longe do mundo e da vida,
Em luz de mais clara esfera,
Sem borrascas, sem negrumes,
Alli ja não ha ciumes ;
O teo julguei que assim era !

Vês tu ? — É como quem sobe
Altivo monte. Primeiro
Vê formar-se o nevoeiro,
Vê-o da terra a surgir !

Mais alto sobe ! — Das nuvens
Vê os castellos formados,
Torvos, feios, trovejados,
E a tempestade a rugir,
E a terra como sumida
E os céos como a luz roubados !
Convem mais alto subir,
Muito mais alto, querida !
Mais alto, que de lá vês

Os céos sem nuvens — por cima —
E a tempestade a teos pés.

Alli ja não ha negrumes,
O dia alli não tem véos ;
Ai ! só na terra ha ciumes,
E o teo amor é dos céos.

TENS MAIS POESIA

Que te direi?! — Em ti mesma
Lê;
Que ahi melhor poesia,
Crê,
Has de achar que em versos meos.

Poesia que vem d'alma,
Fé
Que a vida illumina e doura
Té
Que vai se prender a Deos.

É tal a tua poesia,
É
Qual de flôr mimosa e occulta
Pé
Que em densa moita se cria!

Respira-lhe o doce aroma
Quem
Passa ali, nem sabe donde
Vem
O aroma que todo a arrouba!

D. EMILIA

Já mimosas as flôres desabrochão,
Já mais ledos os passaros gorgeião :
Mas nem aves nem flôres
Nos disem só que a Primavera chega,
Que ja freme na folha envilecida
Do inverno aos crús rigores.

Que tambem tu, Musa gentil, despertas !
Aura d'amor sussurra-te na lyra
Dulcissima canção !
Ridente arbusto, quando o vento o agita
Do perfumado orvalho de mil flôres
Cobre e matisa o chão.

Canta, Musa gentil, que a poesia
Nos labios da mulher sôa mais doce,
Mais espontanea vem
No albor da vida : em coração de virgem,
Que sonha amor e d'illusões se nutre,
Seo proprio ninho tem.

Canta, Musa gentil ! Ha nos teos versos
Um mimo tal que a patria nos recorda,

Que enternece, que apraz
Como o pudor da sensitiva, a queixa
Da casuarina, da baunilha o aroma,
O olor do sassafraz!

O céo faz dom da lyra aos que mais ama.
Feliz quem póde a dôr lenir cantando,
Mas inda mais feliz
Quem da existencia os arreboes, com ella,
Dissolve nas mil faces desse prysma
Que vida e amor se diz.

Canta, e verás que acceitos são teos cantos,
Verás tambem que mesmo entre soluços
Aplaudem-te os mesquinhos!
De rosas festivaes cingem-te a fronte,
Invejão-te! mas tu no entanto soffres,
Que ha nessa c'roa espinhos!

Qu'importa? Na miseria deste mundo
À dòr, que surda lavra por nossa alma,
O rosto mal condiz!
Estala o coração, riem-se os labios!
Invejão-te?... Pois bem! Ser invejada
É quasi ser feliz!

Lisboa — 22 de Fevereiro de 1861.

É ALEGRE A FLOR QUE BROTA

É alegre a flôr que brota
Sobre o talo melindroso,
E o arrebento viçoso
Crescendo em floreo tapiz :
É doce o romper da aurora,
Doce a luz da madrugada.
Doce o lusir da alvorada,
Doce, mimoso e feliz.

É bella a virgem risonha
Com seos musicos acentos,
Com seos virgens pensamentos,
Com seos mimos infantis.
Como quanto inceta a vida,
Que á luz sorri da existencia,
Que tem na sua innocencia
Da mocidade o verniz.

Vinga a flôr a pouco e pouco,
Cada vez mais bem querida,
Tem mais encantos, mais vida,
Tem mais brilho, mais fulgor.

De cada gota de orvalho
Extrai celeste perfume,
E do sol n'um raio assume
Cada vez mais viva côr.

Assim á virgem risonha
Pouco a pouco, noite e dia,
Mais viva flôr de poesia
Do rosto sente na côr;
E um anjo nos meigos sonhos
No peito — da sua essencia —
Derrama o odor da innocencia
— Um doce raio de amor.

Porque tudo quanto nasce,
Seja a luz da madrugada,
Seja o romper da alvorada,
Seja a virgem, seja a flôr,
Tem mais amor, tem mais vida,
Como recente feitura,
Cahindo formosa e pura
D'entre as mãos do Creador.

Lisboa — 1864.

SEO NOME

(IMITAÇÃO)

O som do nome seo é doce aos labios,
Macie so deslisa e flue risonho,
Como entre flôres um regato corre,
Como entre as faces de polido prysma
A luz ostenta um iris luminoso.

É como a aurora boreal seo nome,
Como esses meteóros, que em uma noite
De sereno luar, cortando as nuvens,
Deixão nellas um traço de luz branca,
Qu'afaga os olhos, e o praser semelha!

É como a luz do sol, como o perfume
De missiva d'amor, ou semelhante
Ao silencio da noite, á luz do dia,
Ao pipitar dos passaros no bosque,
Ao murmurar da fonte em quadra estiva.

É da cidade eterna o nome sancto,
É o meo talisman, é o meo nume,

O astro, a gloria, o symbolo, o segredo
Desta vida cançada, o sol dos polos
Bordando os céos n'um circulo de fogo!

Seo nome só direi n'algum momento
D'extrema dôr, como em baixel que afunda
Em alto mar, em noite tormentosa,
Ou nos ultimos bocejos da existencia.

O seo nome é a luz, o amor, a vida,
A felicidade, o paraiso, o signo
Do rei que desfasia encantamentos,
— O signo dos milagres e prodigios
É o seo nome; pois que a amei, e vivo!

Lisboa — 1864.

AMOR DE ARABE

De cava rocha musgosa
Serena fonte cahia,
Cahia por entre pedras,
Por entre flôres corria.

A essa fonte querida,
Amor do seo coração,
Vinha, sempre, á tarde, a joven
Bella filha do Sultão.

E sempre junto da fonte
Via ella de cada vez
Um moço d'olhos ardentes,
Coberto de pallidez.

Um dia — não se conteve;
Vai-se-lhe a elle veloz.
« Dise quem és, eu t'o ordeno,
Que estás aqui sempre a sós. »

— Escravo sou — diz-lhe o moço,
E mais e mais perde a côr;
— Sou d'uma tribu d'Arabia
Que morre, em sentindo amor. —

MINHA TERRA!

Quanto é grato em terra extranha,
Sob um céo menos querido,
Entre feições extrangeiras,
Ver um rosto conhecido;

Ouvir a patria linguagem
Do berço balbuciada,
Recordar sabidos casos
Saudosos — da terra amada!

E em tristes serões d'inverno,
Tendo a face contra o lar,
Lembrar o sol que já vimos,
E o nosso ameno luar!

Certo é grato; mais sentido,
Se nos bate o coração,
Que para a patria nos vôa,
P'ra onde os nossos estão!

Depois de gyrar no mundo
Como barco em crespo mar,

Amiga praia nos chama
Lá no horisonte a brilhar.

E vendo os valles e os montes
E a patria que Deos nos deo,
Possamos diser contentes :
Tudo isto que vejo é meo !

Meo este sol que me aclara,
Minha esta brisa, estes céos :
Estas praias, bosques, fontes,
Eu os conheço — são meos !

Maís os amo quando volte,
Pois do que por fóra vi,
A mais querer minha terra,
E minha gente aprendi.

Paris — 1864.

VERSOS ANTIGOS

1844-1852

VISÕES [1]

I

O INDIO

E n'outro quadro da minha alma os olhos
Mais distincta visão me figurárão.
Pareceo-me voar por sobre montes,
Por sobre altivas matas seculares,
Por sobre invios desertos — onde o tigre
Perdendo o faro da spelunca, os ventos
Inquire — e anda e ruge e se extravia!

E eu voava docemente, como
Vaga doce no céo a lua amiga,
E pareceo-me acordar! — Uma clareira
Se estendia a meos pés; meos olhos debeis

(1) São estas poesias da mesma epocha e inspiradas nos mesmos logares — os alcantis do Gerez — e fazem parte das que com o titulo de — *Visões* — sahiram publicadas nos *Primeiros* e nos *Segundos Cantos*. Deixou-as o auctor ineditas por julgal-as talvez inferiores áquellas.

A. H. L.

Desafeitos da luz — volvi medroso
Em torno — em busca de uma esperança : embalde !
Que eu só, no bosque, no rugir das folhas,
Na vaga ondulação que rumoreja,
Da brisa ao sopro — entre a folhagem espessa
Casos de feio azar me futurava.

Mas de repente se me offerece aos olhos
Um vulto quasi nú — deitado ao longo
Sobre o verde tapiz de relva e flôres ;
Tinha os olhos no céo — crusados tinha
Os braços sobre o peito herculeo e largo :
Era um joven tupi — galhardo e nobre,
De presença gentil — e tinha *aquillo*
Nos olhos negros e no rosto franco
Que a não vulgar stirpe indica e nota.

Salve ! lhe disse ao Indio — Elle sisudo
No idioma vulgar tornou-me ; — salve !
— Sois Indio — prosegui — « Sou Indio » disse.
— E donde houveste esse fallar tão puro ?
Sentando-me inquiri. Nos olhos delle
Breve clarão lusio de escarneo e de ira.
Homens de branca pel' são como as gralhas :
Perguntão — fallão sempre e sempre, e tornão
Sem pausa, e tanto que me fôra pasmo
Vencel-os a mulher que eterno falla !

O CANTOR

Não me colhas rancor, Tupi — fallei-te
Porque o accento que soar não usa
Na voz de teos irmãos — me encheo de assombro.

O INDIO

Daqui ha muitos soes — vivi ! — Ha muito
Que esse tempo passou, que mais não volte !

O CANTOR

Perdoa o meo fallar — que de mor pasmo
O peito me povoas ! Que viveste
Outra vída melhor para voltares
Ao teo viver primeiro — mal pensaste !
Não somos nós irmãos — a tua patria
Não é a patria minha ? Alli marcada
Não tinhas outra vida — outro futuro ?

O INDIO

És dos grandes tambem — tu que assim fallas,
Desses que aos Indios tem no rol de escravos ?
Ironico surrindo me inquiria.

O CANTOR

Oh ! não — sou como tu — tenho na terra
Livre o passo — tenho a mente livre —
Tenho a immensa extensão dos céos, dos mares,
E o verde escuro das compridas matas,
E a fonte e o rio — e o bosque — e a terra — e tudo
Que a vista alcança e vê — tudo que a mente
Ardente poetisa alem do espaço.

O INDIO

És acaso Tupan ?! bradou-me o Indio.

O CANTOR

Não, não sou Tupan — Cantor me chamão.

O INDIO

Em verdade és Cantor, és desses meigos
Filhos do sol, amigos do silencio,
Aos quaes almo Tupan visita em sonhos.
Ah! vem, Cantor, sentar-te a sós commigo,
Fallemos d'outros tempos — d'outras coisas,
Que a voz dos teos de melhor grado escuto,
Do que o fagueiro susurrar da brisa,
De tarde ou de manhã — por entre as flôres!
Ah! feliz o cantor! quando elle falla
A voz dos Manitôs — se escuta, e a lingua
De nossos paes, que alem dos Andes morão.
A Tribu dos tupis — tambem n'um tempo
Foi rica de cantores, que ora o povo
Lucta contra Anhangá — profugo e fraco,
E mais que feitos — ou victorias seisma
A fuga do vencido sem combate!...
Já cantores não tem — nem ter precisa,
Que, deves de o saber, não solta o canto
O terno sabiá — nos ermos onde
O funebre urubú desata o grasno;
Mas entre as flôres da amorosa acacia.
Derramando o trinado entre perfumes,
Compraz-se — amigo e mavioso... » O Indio
Co'a fronte baixa emmudeceo — tornando
Após instantes com mais triste accento.
Como o que sente dôr — mais d'al pratica.

« Foi meo pae dos Tupis — ultimo chefe,
E quando o busio atroador soprava
Tres mil guerreiros concorrião prestes
Ao guerreiro festim! — Ora n'um dia

De máo agoiro e trovejado — ouvío-se
Um rouco estrondo — que do ocaso vinha :
Não era a raiva do tufão, que açoita
E prostra — e lasca os troncos — nem dos ventos
Era o bravo luctar co'as ermas praias,
Nem o voz do trovão — que rola forte
No vasto immenso espaço : — era um ribombo
Que fasia tremer os pés na terra
Como sobre o batel cortando as aguas.
— Fomos aos Piagas, perguntar que males
Nos futurava o arcano — embalde o fomos!
Disserão todos não poder sondal-o,
Mas que sera augurio de tremer — o augurio
Que sobreestava ao seo saber divino!
No entanto — um delles — ancião, pintava
Outro misterio extranho sobre a area,
E aos sons do maracá cantando disse,
Lançando raios no volver dos olhos,
Figurando o trovão na voz troante.

Treme — ó povo Tupi — já não és povo
Eleito de Tupan,
Sumio-se o teo poder como uma sombra
No lusir da manhã.

Não vês que ao fero Deos do mal cultiva
A tribu Cramekran?
Por este novo culto não trocaste
Tu mesmo ao Deos Tupan?

Não vês que vida effeminada e molle
Vive o Tupinambá,

Na tribu Cramekran buscando esposa
— Na tribu d'Anhangá?

Não vês que negra infamia cinge a tribu
Das tredos Aymorés,
Que aos rios fogem por fugir aos fortes
Dentes dos jacarés?

Tupan não vos quer ver — que vos fisestes
Escravos d'Anhangá!
Treme, nação Tupi: — soluça, geme,
Povo que foi já!

Mas um dia virá, bem longe d'hoje,
E os teos livres serão;
Mas esse dia — não verás, ó povo,
Teos filhos — tambem não!

Disse o Piaga e morreo! » Tornára o Indio
Depois de um breve descançar arfado!
« Ah! bem feliz é o que, morrendo, evita
Ouvir a voz dos seos — gemendo — escravos...
Adeos, Cantor — adeos! que a minha patria
Não é a tua, não — mas este vasto
Frondoso praino — estes vestidos serros,
E o immenso asul dos céos. — E a minha vida
É ver a nuvem cambiando côres,
E os cabellos do sol por sobre a terra,
E tranquillo escutar o ledo sopro
Da brisa que murmura — e o som das aguas
Trepido sobre as pedras — o confuso

Rumorejar das matas — o continuo
Pavoroso luctar co'as bravas féras! »

Eis nisto um tigre na floresta ruge,
O Indio attento escuta — e logo — a senda
Precipite invade — e vai sobre elle.

Pitões — 25 de Dezembro

II

O SATELLITE

Era uma noite de luar formosa —
Das bellas noites do Brasil; mil astros
O meigo asul dos céos brilhando arreião;
Vai a vista perdida alem das nuvens,
E cançada se volve sobre a terra;
Pela immensa extensão do verde escuro
Vasto praino frondoso se derrama —
Vê sobre as folhas o luar dormente,
Melancholico e puro — não sussurra
Da noite a viração — não ruge o tigre.
Vai a noite callada — ao longe apenas
Trépida veia de crystal murmura.

Nesta doce mudez, neste silencio
Mais grato aroma a flôr agreste exhalla —
Vaga a mente mais livre, e pensamentos
Mais singelos, mais puros mais sublimes
Nutre mimosa — e este enlevo d'alma
Sóbe ao throno do Senhor — qual sobe
O perfumado incenso — o grato effluvio

D'hymno piedoso que no templo echôa.
O crime é cego e surdo — elle, só elle,
Taes encantos não vê, não sente enlevos.
Comsigo do Senhor avilta as obras,
E a alma ennegrecida, e suja e feia,
Como os restos de uma harpa harmoniosa
Sobre o pó terreal manchando arrasta.

Vai sob a mata um cavalleiro, e deixa
— Pensativo que vai! — pender as redeas
Do seo corsel que se embalanção livres,
Roçando o peito equine. — Cavalleiro,
Que negro fado é o teo que a taes deshoras
Te obriga a viajar? — Talvez que um tigre
Saltando sobre ti co'as ferreas unhas
Te afferre os dentes — e ao teo rubro sangue
Misture a espuma das sanguineas fauces.
Oh! que homem és tu? donde vieste?
Tu que sem armas por aqui viajas,
Por sitios, — onde vela de continuo
O crime infesto — a sordida vingança?
Assim vais, porque inimigos não conheces?
Mas tu não sabes — que é perdida a conta
Desses que assim vivião, que morrerão
Ás mãos cobardes do assassino — quando
Talvez julgassem de abraçar amigos?
Tu pensas?... Em que pensas?... Na tu casa
Risonha e festival — n'um ermo occulta;
Pensas na cara esposa que te aguarda,
Ou nos teos filhos — teo pensar continuo?
Ou no rico villão — a quem tua alma
Altiva, e nova e grande — ha pouco irada
Fez humilde vergar? Ah! nescio! nescio!

A mente do que é vil inveja á nobre;
A inveja do que é vil ou mancha ou mata.

Quebrou-se a estrada aqui — o cavalleiro
Vai dando volta — e sente-se ferido.
Varou-lhe o coração a balla infame,
E o ouco som tocou — e a chamma breve
Nos olhos — turvos, baços — nos ouvidos —
Cheios de um longo retenir confuso.

Corria a noite em meio — a lua a pino
Um raio seco de amor por entre as ramas
Enfiava custoso — o morto e o vivo
Quaes dois amigos — que um só leito encerra —
Dormião juntos! O corsel mais longe,
Do sangue indo a fugir — tosava a relva,
Co'o freio acanhador — rasgando a terra.

Pitões — 1844.

AUSENCIA

Se triste a minha vida decorria
Bem junto ao lado teo, que eu tanto amava,
Ouvindo a tua voz que me encantava,
Teo doce suspirar que me prendia,

Que mais triste não sou, do que sohia,
Nos solitarios dias que ora passo!
Meo anjo, meo amor, a phantasia
Finge o teo rosto em vão no ethereo espaço!

Nesta ausencia — que a morte me retracta —
Vejo sempre o teo rosto tão formoso
Que a puresa dos anjos cobre, esmalta
Como lusindo em templo magestoso!

És bellissima assim — como a pintura
Que Rafael nos céos desenharia,
Querendo idealisar-te a formosura

Mas tão grata visão não me extasia;
Que, se brada minha alma pela tua,
Ficas sempre pintura e muda e fria...

Então bravejo contra a sorte crúa
Que tão longe de ti poz meo tormento,
E minha alma de paz despida e núa.

Que mais longe de ti — meo pensamento
Mais luto veste e vive como o inferno
Na hora do penoso passamento.

Como é triste a minha vida,
Como é triste o meo penar,
Como é triste andar no mundo
Qual phantasma — a tropeçar!

Como é triste o céo sem luses
Depois que a tua brilhou.
É bem triste o dia de hoje,
Foi bem triste o que passou.

Definha — emmurchece e morre
O meo pobre coração,
Como a flôr durante a calma
Do bem calmoso verão.

Se o somno me fecha os olhos,
Da saudade — o pavoroso
Phantasma consumidor —
Torna-me o somno penoso.

Ah! quero sonhar comtigo,
Quero ter meo coração
Como no céo uma estrella,
Como a fresca viração.

Quero ouvir a tua voz
Que me diga: — És meo amor!
Qu'enxerte dentro em meo peito
Da esperança a bella flôr,
Que me entorne dentro d'alma
Alento consolador.

Quanto eu seria feliz
Se me podesse esquecer
Que fôra tirar-te a vida
Doar-te o meo padecer!
Mas vive feliz — e alegre
Que eu triste bem sei morrer.

Pitões — Dezembro de 1844.

NO ALBUM

DE MEO AMIGO JOSÉ HERMENEGILDO XAVIER DE MORAES

Pelo monte agreste e duro
Vai a ovelhinha coitada,
E da lã mais alva e fina
A porção mais delicada
Alli fica entre as giestas,
Entre o tojo cardador.
Tal o homem vai deixando
Preso em laço feiticeiro
Seo pensar — seo peito — e alma,
Mas no instante derradeiro
Lá se parte mutilada
Pungida — d'acerba dôr.

A nossa idade não pensa
No porvir — na sepultura :
A vida se liga, como
Se fora eterna a ventura,
Como se ao pó ter a mente
Devesse profundo amor.
Mas na velhice prudente,

Em scismando no passado
Que? disemos — pois eu velho,
Já sobre a campa inclinado,
Como soffrego respiro
Do que foi na murcha flôr?

Ó velho, sabes porque
N'outros tempos — tua mente
Por tudo que era creado
Nobre amor sentio ardente,
Porque amou do mar as vagas,
E as folhas da linda flôr?
Foi porque ainda recente
Na dura eschola da vida
De amores se alimentava:
Era alma — ha pouco — sahida
Formosa, candida e pura,
D'entre as mãos do Creador.

E nós inda em nossa patria
Longe — longe — viveremos,
Mesmo alli — agra saudade
Um do outro curtiremos;
Mas acaso pode a ausencia
Nossa amisade quebrar?!
Não o creio — que mais bella
Se fará de dia em dia —
Como suave perfume,
Como celeste harmonia,
Que no silencio da noite
Nós gostamos de escutar.

É tudo pois soffrimento,
Tudo penar nesta vida,

Tudo o talvez anciado —
Martyrio d'alma affligida?
Pois o riso acaba em choro
E o praser em afflição?
Assim é — só dura o pranto
Corrosivo — amargo — e lento,
Dura o pesar dentro d'alma,
Dentro della o soffrimento,
Como a lava sempre estúa,
Sempre ferve — no vulcão.

Pitões — 1 d'Outubro de 1841.

ORGULHO E AVARESA

Vede o inculto novilho em liso plaino!
Orgulhoso senhor de vastos campos
        Trôa irado e fogoso,
E o bosque atrôa e o pó subtil espande
Com as unhas bi-partidas — e nos troncos
        Ensaia os fortes galhos.

Embalde o afaga o agricultor que o chama,
Embalde esconde o jugo poderoso;
        Elle pára — e recúa —
Dos olhos — côr de sangue — as iras pulão
Que a indomita cervis — não sohe curvar-se
        Á mansa voz traidora.

Assim, fui eu tambem no albor da vida
Orgulhoso, como elle, e forte d'alma
Disia eu entre mim: « Que força humana
Ha'hi capaz de me vergar escravo?
Que braço — que poder — ou que potencia
Neste mundo, em que eu sou — póde curvar-me.
E assentar-me no collo o jugo escravo?
Ninguem — ninguem o póde! Assim na terra
Heide a vida passar co'a fronte erguida

À todos sup'rior — maior que os grandes
Heide entre elles sentar-me ebrios na vida,
Heide sentar-me — e crente — e bardo — n'harpa
Cantando o nome do Senhor, que pune,
Da vida nos festins cantando a morte.

Foi Deos — que me punio — acaso o orgulho
Em nós póde caber — em nós abortos
De incompleta feitura — uns quasi vermes
Que sobre a lama — e pó — nos arrastamos?
Foi Deos que me punio : co'a fronte baixa,
Coberto o rosto de vergonha — e timido
Como aos pés do senhor um vil escravo
Subi de um rico a escada — supplicante.
Villão mesquinho! dentre os frouxos labios
Sorriso frouxo despontou; — e a testa
Baixa, e curva, e calva, e as faces
Cheias de ruga — de pallor, — e o rosto
Vidrado — e baço — erão ruim composto
D'avarento feliz... c'os pés no feretro.

Teo nome — não direi — que fora eterno...
Foste sem elle em vida, em morte — o sejas!

Ah! que se eu não quebrei n'aquelle instante
A minha harpa — inda então desconhecida —
Foi porque ainda queria confessar-te,
Ó meo Deos — que foi grande o teo castigo,
Foi porque ainda queria ao mundo inteiro
Por mór vergonha minha — confessar-me
Baixo — infame — e vil — quando essa escada
Do avarento subi! — que não esmola,
Mas um favor pedindo!

Pitões — 5 de Novembro de 1844.

NO ALBUM

DE MEO AMIGO ANTONIO CARDOSO AVELINO

Como sentimos no peito
Penosa melancholia,
Quando o sol vai sobre o occaso,
Quando morre um bello dia,
Tal é a saudade amarga
Que eu sinto por te deixar.
Será eterna? quem sabe!
Escuto o mar que rouqueja
Sobre a extrema do horisonte
Vejo a nuvem, que negreja,
E as ondas, que bravas lutão,
E a immensa extensão do mar.

Nesta vida transitoria
Onde tudo é passageiro
Quem soluça o Adeos de um dia
Não soluça o derradeiro?
O real que ha neste mundo
E soffrer, penar, morrer.
Vou-me pois de ti saudoso,

Vou rever a minha terra,
Esperanças d'um futuro
Brilhante, meo peito encerra :
Mas que dôres lá me esperão?
Mas o que heide lá soffrer?

E quando triste pensares
Na nossa pura amisade
Que nunca soffreo desconto,
Certo que a triste saudade
Na tua alma bella e pura
Seos espinhos gravará.
Mas passe um lustro — se o acaso
Nos levar á extranha gente,
Se em mim primeiro attentares
Não cuidoso — indifferente
Farás a cruel pergunta :
Este homem — quem será?

Esse homem — foi tua alma,
Foi delle o teo pensamento,
Tua foi sua alegria,
Delle foi o teu tormento,
Chorastes ambos pensando
Na longa separação.
Fostes amigos sinceros
Extremos ambos scismastes
Foi elle — que te amou tanto,
Foi a quem tanto amastes,
Que de ti — tão longe vive
Tão perto — no coração!

Porto — Janeiro de 1845.

MONOLOGOS

I

Á RESTAURAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL E AO NASCIMENTO DO HERDEIRO PRESUMPTIVO

Acorda — acorda — ó Vate! — Eis que a alegria
Do profundo scismar vem distrahir-te,
E — cheio de praser — em meio ás turbas
Palpitantes de amor — arremessar-te.
Exulta, ó Vate, exulta! ergue o teo canto,
Esse teo canto recendendo aromas
Sereno — como a brisa, e tão suave,
Como orvalho do céo.

Não vês? — Se a grande enchente arrasa o leito
Do mesquinho regato — as ondas fervem

(1) O auctor, pagando tributo ao gosto do seo torrão natal, escreveu este e os seguintes monologos, que foram recitados nos dias em que se acham datados, no theatro particular — *Harmonia* — da cidade de Caxias.

Contra a riba impotente, e longe cobrem
A esmeraldina côr dos vastos campos!
O terno sabiá desata o canto
Apenas o sentir lhe aperta e opprime
O estreito coração. — Exulta, ó Vate!
É tempo — acorda — o teo cantar desfere
Como a enchente — profundo; e meigo, como
Trinar do sabiá!

Annos e annos padeceo mesquinho
O Rio-Grande — uma provincia inteira
Aparelhada de horror — tristesa — e lucto —
Involta em maldições — involta em pranto!
Alli — negra discordia — o facho acceso
Vibrou sanguinolenta; alli sentou-se,
E soberba reinou por longo espaço.
A raiva se ateou; quem tinha braço
E espada que vibrar, vibrava a espada —
Quem tinha dôres que soffrer — soffreo-as,
Quem olhos tinha que vertessem pranto,
Pranto amargo verteo! — Assim cançou-se
O braço — e o coração; mais pura a vista,
Por que se adelgaçava o véo das lagrimas,
Quando póde enchergar — descortinava...
O que? — destruição — incendios — mortes!
Ruinas fumegantes... — Com tal vista
Creou a nova dôr lagrimas novas —
Crearão nova força arfados peitos
Que a tantos annos de soffrer vivião!

Então por sobre os combros derrocados,
Por sobre os feixes d'armas bi-partidas,
Entre montãos — de extinctos insepultos —
Errava o incerto pé da mãe, da esposa —

Tremendo de encontrar feições queridas
Na face involta em pó — collada ao sangue!
Aqui chorava a filha, e contra o peito
Mil e mil veses apertava o exangue
Paterno rosto de pallor tingido,
Na delirante dôr julgando-o vivo.

E a espada cahio do braço armado,
E o canhão não soou rugir de morte,
Erão todos irmãos — soffrião todos!

Nós, Caxienses, nós — tambem soffremos,
De fraterno lidar o fel amargo
Provado hemos tambem. — Assim mais leda,
— Irmãos na mesma dôr — será nossa alma —
Mais intenso o praser, mais alto os vivas.

Mas vêde! Como o sol, brilhante e claro
No frescor da manhã — dourando as nuvens,
A prole de Bragança — eil-a que nasce,
E a discordia civil — raivando ulula,
E o civil batalhar soberbo — infrene
O extremo arranco soluçou raivoso.

Acorda! acorda! — ó Vate; eis que a alegria
Do profundo scismar vem despertar-te,
E cheio de praser — em meio ás turbas
Palpitantes de amor — arremessar-te.

Caxias — 9 de Maio de 1845.

II

AO ANNIVERSARIO DA INDEPENDENCIA DO MARANHÃO

Avante ! avante ! ó Bravos — Do Ipyranga
Sôou do nobre peito altivo grito,
  Independencia ou Morte ! — Heroico brado
De sublime sentir, que nobres sentem,
Por vis não comprehendido ; um Povo inteiro,
Unisono responde — á voz excelsa —
Ruidoso e forte — Independencia ou Morte !

Arroxados grilhões supporte o escravo,
Não desponte sequer nos labios delle
A prece humilde do que implora a vida,
Supporte affrontas vis — o ente infame
As injurias, baldões, escarneo affeito,
Em cujas faces o pudor não brilha,
Em cujas veias já não gyra o sangue,
Em cujas labios não borbulhão vozes
De raiva — de rancor — d'honra offendida.
Mas o que tal não for — o que no peito
Sente gravado em firmes caracteres
— Amor e Patria — e Liberdade e Honra —

Sopese a lança e leve a mão da espada,
E venha á campo aprecebido em guerra.

A Patria chama aos seos — ou morte ou vida,
Ou luz ou trevas da batalha pende —
Liberdade ou morrer ! Avante ! ó Bravos.
É grato ao Lidador a lide accesa,
O pó do campo — o estrepido das armas,
Da balla o sibillar; — fertil o sangue
Do que procura a liberdade sancta,
Honrosa a morte que liberta a Patria.
A Patria chama aos seos — Maldicto o filho
Que ao prantear da mãe não verte pranto,
Maldicto o cidadão — que não tem braços,
Sangue nem coração, que tributar-lhe
Quando ella em dia afflicto — aos seos convoca.

Terras do Maranhão — terras ditosas,
De gallas, de primores revestida,
Que o aváro Hollandez tanto almejava,
A bella França cubiçou teos mimos,
E ufanas de se ver sobre os teos mares
As flôres tres de lyrios — assumirão
Fulgor mais vivo — no teo céo brilhante !
E as quinas de ver o fero aspecto
Do negro Adamastor — quasi temerão —
No cabo das procellas combatido —
Amavão pelos ares deslisar-se
Da tua mansa brisa ao leve sopro,
Como depois de um sonho tormentoso
Ama o triste acordar á luz da aurora.

Terras do Maranhão — terras viçosas !
E o extrangeiro hade colher teos fructos,

Calcar-te o sólo — espadaçar-te as flôres,
E tu erma serás — escrava e muda,
E tu sem filhos — sem valor — sem alma.
Oh ! não — que o brado excelso do Ipyranga
Electrico voou por montes — valles —
Do mar nos altos Andes repulsando
Do Prata ás ferteis margens do Amasonas.

E esse brado passou ! — depois silencio,
Depois lidar acceso — mortes — prantos,
E a alegria por fim, que a torva morte
Afflicções e praser remata em breve.

Mas do tempo que foi — que resta agora ?
Memoria apenas — recordar de males,
Suave, quando o tempo os tem quebrado.
Agora resta amor ao patrio sólo,
Amor á liberdade — á Independencia
Do Brasileiro Imperio em mundo novo,
Erguido em verdes prainos vicejantes :
Agora — amor á prole de Bragança,
A Pedro — Imperador.

Caxias — 28 de Julho de 1845.

III

AO ANNIVERSARIO DA INDEPENDENCIA DE CAXIAS

Caxias, bella flôr — lyrio dos valles,
Gentil senhora de mimosos campos,
Como por tantos annos foste escrava,
Como a indomita cervis curvaste ao jugo ?
Oh ! sim — bem longos annos insoffriveis,
Rainha altiva — destoucada e bella,
Trajando negro dó — em negras vestes,
Rojaste aos pés de um regulo soberbo.
Á mingoa definhaste em negro carcere,
Onde um raio de sol não penetrava.
Em masmorra cruel — donde não vias
Scintillar o clarão d'amiga estrella.
Oh ! não lusir da esperança tinhas n'alma,
E o sol da liberdade — um dia viste
De gloria e de fulgor resplandecente
Em céo sem nuvens no horisonte erguido.

O clangor da trombeta aballa a terra :
— Eia ! ó Bravos ! erguei-vos — á peleja,
Á fome, á sede, ás privações — erguei-vos !
Tu, Caxias, acorda — tu, rainha,

Lamina d'aço puro involta em ferro,
Ao sol refulgirás — flôr que esmoreces
À mingoa d'ar em carcere de vidro.
Em ar mais livre cobrarás alento,
Graça e vida e frescor da liberdade !

Eia ! o bronzeo canhão rouqueja — estoura,
Rimbomba o ferreo som de um echo ẽm outro.
Nuvens de fumo e pó lá se condensão....
Correi, Bravos, correi — mas tu és livre !
És livre como o arbusto dos teos prados,
Livre como o condor que aos céos se arroja —
És livre ! — mas na accesa phantasia
Debuxava-me o espirito exaltado
Fragoas de crua morte — horror da guerra
Descobrir, contemplar. — Oh ! fôra bello
Arriscar a existencia em pró da patria,
Regar de rubro sangue o patrio solo —
E sangue, e vida, abandonar por ella !..

Longe delirios vãos ! — longe phantasmas
D'ardor febricitante !
À gloria deste dia comparar-se
Póde acaso — visão — delirio ou sonho ?
Ao fausto anniversario
Da nossa Independencia ?
Aclamações altisonas
Corrão nos ares da immortal Caxias,
Seja padrão de gloria entre nós outros
Sanctificada aurora
Que os vis grilhões de escravos vio partidos.

Caxias — 1 de Agosto de 1845.

TRISTES RECORDAÇÕES !

Meos amigos d'infancia, onde são elles ?
Digo em redor de mim volvendo os olhos,
Asinha m'os roubarão
A fortuna — ambição — praser ou gloria,
Longe — bem longe são ; eu no meo ermo
Procuro-os, mas embalde !

E a ventura se me foi, qual lympha
Que se escoa das mãos sem ter molhado
Os labios ressequidos,
Foi como o viajor que á grata sombra
Se abriga da palmeira — onde seos passos
Não mais o guiarão.

E essa que tanto amei — que amou-me tanto,
Cuja presença me escaldava a mente,
Cuja voz me encantava,
Cujo silencio me fallava n'alma,
Essa mulher — tão terna — e amante, e pura,
Essa mulher deixei-a !...

Deixei-a por não dar-lhe em recompensa
Um thalamo de espinhos — uma taça

De fel e de amargores.
Deixei-a porque horrivel é meo fado,
Minha vida penada, e eu não quisera
Assassinal-a commigo.

E agora, que me importa que a flôr brilhe,
Que o sol nos céos — splendido scintille,
O mundo que m'importa :
Certo que a flôr não me dará, que eu espere,
Nem o sol novo amor — nem o universo
Me póde dar ventura!

Serei julgado ingrato — e logo o tempo
Da mente della — varrerá meo nome,
Dos seos olhos meo rosto :
Eu porem guardarei — o que era d'ambos
— A lembrança de amor tão mallogrado.
Minha vida na terra.

E quando a morte rematar meos dias,
Nesse instante em que a alma tudo esquece
Della me lembrarei :
Foi ella quem me deo algum alivio,
Della a ventura que frui na terra,
Della — vida e morrer.

É triste a vida do homem descuidoso,
Que vive só na terra — e nunca eleva
O pensamento aos céos ;
Porque a vida é breve como flôr da terra,
Só a esperança que o infinito almeja
Não póde perecer.

Caxias — 9 de Agosto de 1845
ás 3 horas da manhã.

AO ANNIVERSARIO

DE D.F.S.R.

Quem se atreve a cantar hymnos á flôr
No denso musgo do botão fechada!
Ou leda e viva, e rutilando em côres,
Immensa em luz, e de praser banhada!

Quem se arroja a cantar hymnos aos anjos
N'um dos annos sem fim da eternidade,
Se o seo viver é poesia e cantos,
Ledice, amor e luz, e amenidade ?

Nem anjos, nem a flôr nos pedem versos,
Que sendo o seo viver tão só poesia.
Um hymno eterno, melindroso e bello,
Somente bem cantal-os poderia.

Não basta, não, terrena melodia,
Nem rudo canto pouco duradoiro,
Nem voz de trovador — cançada e fria,
Nem lyra de marfim cravada d'oiro.

Não tenho voz de trovador sonora,
Nem d'oiro a lyra eburnea cravejada,
Nem vos canto, Senhora ; só vos digo,
Que sois di'na de ser melhor cantada.

Rio de Janeiro — 1 de Maio de 1847.

A VIOLETA

(NO ALBUM DE A.G.O.C.)

Mulheres ha que á rosa semilhantes
Das suas louçanias fasem gala ;
São gentis ! — ellas proprias o conhecem,
E sabem que outra flôr as não iguala.

Outras como a açucena campesina
Menos vaidosas são ; porem mais bellas :
Da brisa ao sopro entregão-se innocentes
Que vem dos céos por conversar com ellas.

Aquella na garbosa formosura,
Nos espinhos, que a cercão, se confia :
Esta armada de púdica innocencia
Evita o sol estivo e a noite fria.

Tu, que a modesta violeta imitas,
Te escondes no silencio da folhagem,
No abrigo do pudor mysterioso
Que teme o sol e o bafejar da aragem.

Aquella no perfume se revela,
Tu nas singelas que revestes :
Occultas ambas — sem as ver sentimos
O aroma puro dos jardins celestes.

Rio de Janeiro — 1851.

AO CASAMENTO DA FILHA DO SR. NORRIS

São felizes os laços que amor trama,
E que abençôa Deos ;
Que tem na mulher a delicada origem,
E uma c'rôa nos céos !

Disem na terra os homens, quando os veem :
— Que aventurados são !
Em quanto das alturas cáe sobre elles
A celeste benção.

São dois n'uma só alma, duas flôres
Presas n'uma haste só,
Duas aves que vagão pelo espaço
Sem ver terreno pó.

Dois navios que juntos — de conserva,
Cortão o salso mar,
Dois cysnes que á flor de um manso lago
São vistos a brincar.

Ai ! nunca as aguas d'esse lago tolde
Raivoso furacão,
Nem se desgarrem pelo undoso espaço
As náos que juntas vão.

Como festivos se partirão, cheguem
Venturosos tambem
A mansão, onde o orfão tem familia,
E o triste risos tem :

Ao logar onde os laços de amor puro
Ledo abençôa Deos,
Onde as plantas da terra se convertem
No perfume dos céos.

Emtanto os homens, quando passem, digão :
— Que aventurados são !
E dos espaços sobre vós se entorne
Celeste benção.

Rio de Janeiro — 1 de Março de 1851.

CONSENTE-ME ESCREVER AQUI MEO NOME!

Ao teo livro uma pagina roubando,
Consente-me escrever aqui meo nome.
É talvez quanto resta de um amigo,
Quando a terra o seo corpo já consome.

Isto apenas! que o homem — fragil barro,
A vida frue apenas um momento,
Bem feliz quando lega uma saudade,
Ou deixa atrás de si um pensamento!

Vive tu , vive feliz, emquanto
O meo destino sigo caprichoso.
Fará tua ventura a de um amigo,
E a dita de ambos me fará ditoso.

Rio de Janeiro — 17 de Março de 1851.

NO ALBUM DE D. LUIZA AMAT

Amisade — amor! laço de flôres
Que prende um breve instante
O ligeiro batel á curva margem
Da terra hospitaleira;
Com tanto amor se ennastra, e tão depressa.
E tão facil se rompe!

À mais ligeira ondulação dos mares,
Ao mais ligeiro sopro
D'escassa brisa — destrançâo-se as grinaldas;
O baixel se afasta,
Veleja, foge, até que em plaga extranha
Naufragado sossobre!

Talvez permitta Deos, que tão depressa
Estes laços se rompão,
Por que nos pese a vida, e os seos enganos
Mais sem custo deixemos :
Sem custo assim a brisa arrasta a folha,
Que jaz solta na terra!

Rio de Janeiro — 1852.

TU NÃO QUERES LIGAR-TE COMMIGO (1)

Tu não queres ligar-te commigo,
Que me fosses mulher t'infamára!...
É tua casa no sangue tão clara,
Que eu me honrasse de unir-me comtigo?!...

És acaso tão pura lindesa,
Que eu não possa tua mão apertar?...
Mas teos olhos com menos puresa
Outros olhos já vi afagar!

E esses labios que a jura de esposa
Para mim não darias no altar,
Nesses labios alguem já não ousa
Algum beijo de amor estampar?

Já me ouviste fallando de amores (2)
Um carinho dos teos mendigar?
Já me ouviste cantar dissabores
Que o amor me fisesse passar?

(1) Foram publicados estes versos com o titulo de — *Estancias* — no PARNASO MARANHENSE — 1861.
(2) Esta quadra é inedita.

Pobre louca, que o orgulho atormenta,
Despe a bronca vaidade que tens,
Nem a mim teo amor me contenta,
Nem me ferem teos falsos desdens!

Sei amar, mas a ti!... não soubera;
Sei soffrer, mas por ti... tambem não;
De te amar nunhum gosto tivera,
De perder-te — nenhuma afflicção!

O meo nome que engeitas vaidosa,
Que de illustres avós não herdei,
Cobre ao menos pobresa orgulhosa,
Que eu comtigo jamais partirei!

Não te assuste esse fado tristonho,
Não te deixes vencer da afflicção,
Vive em paz!... que eu não quero, não sonho,
Ter a posse do teo coração.

Mas se acaso uma sorte medonha
Violentar-me por ti a dar ais!
Possa ao menos morrer de vergonha,
Quem de amor não morrera jamais!

Bahia — Maio de 1852.

AS ARTES SÃO IRMÃS

As artes são irmãs, e os seos cultores
Do fogo creador nas mesmas chammas,
Perante o mesmo altar, corôão-se, ardendo.
A mesma inspiração, que accende o estro,
Guia a mão de pintor quando debucha
Do rosto nas feições o brilho interno,
Dá linguagem sublime á estatua muda,
Ou languida na lyra se transforma
Em sons cadentes, que derramão n'alma
Idéas do praser — do mal no olvido!
O mesmo enthusiasmo as vivifica,
São iguaes, são irmãs no amor do bello!

4 de Junho de 1852.

NO ALBUM DE D. AMERICA P. R. LOPES

Bella flôr que despontaste
Junto á margem do meo rio :
Que viço e graça creaste
Ao desfructar o cicio
D'uma aragem tropical;
Quem foi que dos patrios climas
Te transportou — melindrosa :
Se aqui levemente inclinas
A fronte bem como a rosa
Longe da gleba natal!

Como tu peregrinando
Chóro a patria dos meos sonhos,
Aves que folgão em bando,
E aquelles bosques risonhos
Cobertos de fructo e flôr;
Mas tu, anjo e flôr, desterra
Esse véo d'agra tristesa.
Florece a flôr, onde ha terra,
Scintilla e cresce a bellesa
Onde ha céos, e vida, e amor.

FRAGMENTO

Quando a morte nos colhe, o que nos resta
A não ser das virtudes grato aroma?
Então áquelle tronco semilhamos,
Que o ferro abrio, a desfaser-se em goma.

Se no fogo se abrasa, se ennovela
O odoro incenso, remontando aos céos,
— Perfume grato de oblação terrestre
Que nas alturas abençôa Deos.

POEMA AMERICANO

FRAGMENTO (1)

Fertil a terra produsia outr'ora
Deleitosa abundancia : em toda a quadra
Lourejava o caju, pendia o milho
Das verdes hastes — uberosas glebas
Aqui, alli, rachavão-se, mostrando
A macacheira, o aipy — da vida esp'rança.
Piscoso o rio, as margens povoadas,
Pingue a floresta, semilhante á fera
Que ao recem-nado filho as tetas duras
Copia de leite incommodo apresenta,
Tal se mostrava a naturesa — outr'ora.
Foi isso outr'ora — o homem de insensato
Do bem que tinha desgostou-se em breve,
Novo praser buscando em males novos!

Eis qu'entre os de Tupan filhos revoltos,
Prodigio extranho — de melenas brancas,

(1) Estes magnificos versos, começo certamente de um poema no genero de *Tabyra*, de *Y Juca-pyrama*, dos *Tymbiras*, e destinado para descrever uma das mais poeticas lendas da theogonia tupy, parecem-me escriptos no Amazonas, em 1861. Tenho que já o houvesse terminado, e que ao passal-o a limpo, ficou n'essa phrase — o ominoso collar — que nos deixa aguado o prazer de ler e possuir mais um poema americano de quem os sabia escrever como ninguem.

A. H. L.

Alvo o semblante, venerando o aspecto,
Forasteiro ancião se mostra subito;
Mas válido e robusto envelhecera
Como envelhece o ipé. Derão-lhe os annos
Mais cerne ao tronco — magestade ás ramas.

Traz máo conselho a frouxidão do ocio,
O velho assim se exprime : os dons do Ybake,
São do Ybake outra vez, já não são vossos;
Mas tendes franca a terra, livre a escolha
Da sorte (eu vol-a dou) que mais vos prasa,
Podeis rasgar-lhe o seio, fecundal-a
Com improbo trabalho : as louras messes,
Que ora vecejão, sós virão á custo
Do parco agricultor em premio á lide;
Talvez porem malsasonados murchem,
Ou no verdor das folhas mentirosas
Poreis esp'rança vã de larga ceifa.

Detem-se o velho aqui — turvos semblantes
Contempla em torno a si; porem mais turvos
Nota que são depois que a voz lhe ouvirão.
Loucos, que rejeitaes de um Deos a offerta,
Mal sabeis quanto é grato ver a planta
Crescer, vingar á força de cuidados,
Hoje verde e viçosa — amanhã triste
E murcha um pouco — já retoma o viço,
Alarga os ramos — cópa-se frondosa,
Matisa-se de flôres que embalsamão,
E emfim de fructos carregada vérga.

Outra sorte quereis? prosegue o velho,
Outra sorte vos dou — Quereis na vida

Asperrima e cruel de accesos prelios
A terra conquistar, e em duras festas,
Emquanto os hymnos da victoria soão,
Com langor celebrar cruentas luctas?
Guerra quereis emfim? — « Queremos guerra.
E da terra o labor ingrato e duro
Á turba mulheril fique e se guarde. »
— Guerras tereis, lhes torna merencorio,
Sem descanço as tereis; e n'isto arroja
No solo pulvurento a bruta massa.
Com arma igual sereis nunca vencidos —
Disse; mas ai de vós — de vossos netos,
Dos ultimos vindouros, se rebentão
Discordias entre irmãos — Tristes! se acaso
Não pondes cobro ao mal! Hade o contagio
Lavrar por todos vós — té que vos faça,
Dominados de atroz vingança infausta,
A extranhos fins servir em damno proprio!

Mal attendem aos ultimos conselhos —
« Á guerra! á guerra, amigos — todos bradão,
Nesse viver de asperrimas contendas
Fama, trophéus se lucra, e nome illustre. »
Disem, fasem-n'o assi, prestão-lhes armas
O mar, o rio, as arvores e arbustos,
Nem lh'as refusa a planta, o rude galho
Pasma de ver-se unido á dura pedra,
Facil por mãos robustas manejado.
Guarda-os o couro do tapir — a forte escama
Do jacaré sanhudo — a arraya, o peixe
A farpoada seta lhes agução,
Fibras do gravatá vergão sem custo
Do ipé e da braúna os arcos duros,
Arma-os a canarana e a voragica,

E hervada de finissimo veneno
Nas plumas dos volateis silva a morte.

Na posse do tacápe lhes foi dada
Da terra a posse — invadem conquistando,
Imperão, mas de sangue se embriagão,
E o bravo outr'ora, hoje cruel se chama!
Que vale resistir-lhes? — Tudo cede,
Tudo ao seo poder se acurva e humilha.
Ferteis ilhas perdidas no oceano
Do seo nome se chamão : foi debalde
O trato que as divide — infindas hostes
Para defesa armadas — brandos ventos
Os levão — no fronteiro continente
Surgem, tranquillo o mar, na extranha ygara.
Já senhores, nas tabas opulentas
Folgão de ouvir mesclados dialectos,
Extranhos sons na feminil loquela.

Agoas da corrente assoberbada
Pela furia do inverno, que vencendo
Com impeto fremente as altas margens,
Arvores prostrão, selvas de liames
Boiantes após si ao pego arrastão —
Novos leitos forçando,
Tal dos heróes a furia se revela;
Mas ai dos malfadados. que já travão
Combates entre si! — Um Deos que vale!
Que prestão seos avisos, quando o odio
Crava raiz na terra ensanguentada,
E á vingança o guerreiro excita e impele?

Qual fosse a causa da fatal zizania,
Lembrai-m'a vós, espiritos beni'nos.
Que na voz da acaüan gemeis sentidos.
Ai nesse mesto canto inda suspirão
Almas fortes de heróes, — inda lamentão
Da discordia os fataes e ruins effeitos,
Da selva as ramas fremem compassivas
Nos echos murmurosos — nós, seos netos,
Prestamos surdo ouvido á voz plangente.

Crangé, filho de Imbé, guerreiro illustre
De ser dos chefes o maoir s'ufana,
Graças á turba infinda que o rodeia.
Mais rico de trofeos — Taóba ostenta
Colar que cinco veses sobre o peito
Frouxo e ás largas lhe cahe, e a lunar forma
Cinco veses crescendo multiplica :
Rico de igarités, de remos fortes,
Que a seo querer do mar as ondas rasgão,
D'espalhar o espanto, e o susto e a morte
Ao longe se contenta — á uma ilha, e á outra,
Do seo nome o terror levão as ondas.
Crangé propõe-lhe um dia : « Illustre chefe
D'igarités sem conto — eu de soldados
Copia infinda governo — nossas forças
Unamos pois, e os maracás se ajuntem,
A ti e mim cabendo igual imperio.
Em firme, eterna alliança; e como o vento
Quando revolto nestas ilhas sopra,
Vamos á terra opposta, alli teo nome,
Guerreiro illustre, e o de Crangé se escutem!

Taoba acceita, inumeras ygaras
Rasgão do mar o seio entumecido,
Tres sóes — e ao quarto sol a fofa espuma
Cospem de Marajó nas brancas praias.

Grato descanço após penosa lida
Presta-lhes amiga terra, — ovantes folgão
De ver, examinar, correr a praia,
Fructos colher, a discutir quaes sejão
Da terra inculta os incolas; que sorte
Lhes occulta o porvir. Taoba entanto
Vai só — quasi sem armas — invias matas
No ardor que cego o arrasta p'rescrutando.

Subito os bosques rasgão-se — apparece
Ao longe o mar — e proxima arenosa
Branca praia scintilla ao sol do ocaso,
E aqui, alem, dos muricis nas moitas
Em juvenil folguedo descuidadas
Brincão donzellas mil; a mais airosa
Meigo feitiço d'olhos que susprende
Vontade e corações — por annos quinze
Escassos, vira em flòr o cajueiro,
Nasceo com ella o jussaral no brejo,
Mal no porte gentil e airoso a iguala,
Mas fructo inda não deo, inda não tinge
De roxa e viva cõr os longos caxos.

Tolhida pela subita presença
Do barbaro guerreiro — desfalece.
Desmaia a triste, qual se horrendo tigre
Tivesse em frente a represar-lhe a vida
No coração. Taoba, que mal pensa,

Por quanto lhe revolve e agita o seio,
Ter ante os olhos seos humana forma,
Quem seja inquire e de que paes nascida.
Da sasão de terror tornada apenas
A misera responde : — « não conheço,
Bemdiga-me Tupan, nem pae nem tribu,
A mim tapéra os cariris me chamão.

— « Tapera a ti?! já não n'o és, se o foste;
Nas surdas tabas a andorinha folga
Prendendo os ninhos seos aos ermos tectos,
Mas tu, que para adorno do guerreiro
Nasces, ave gentil, guará soberbo,
Virás commigo — onde Pery mimosa,
Na idade igual a ti — talvez mais bella,
Noiva de seo bom pae te abrace amiga.
Pasmados te contemplem meos guerreiros
O rosto e o porte, — a minha escolha applaudão
E de Taboa o xerimbabo invejem! » —
Disse e não mais, travando-lhe do braço.
Ella, qual mimosa sensitiva,
Desmaia ao toque rude; elle a sopesa
E nem lhe sente o peso, recorrendo
A nota senda, qual jaguar sanhudo
Que ao antro leva a corça esmorecida —
Pasto abundante á fome que o devora.

Presa infeliz! funesto encontro aquelle,
Mal entra no arrayal, vendo-a tão bella
Rudos e feros os corações se enlevão,
Porém de Imbé com mais violencia a chamma
Se lhe ateia no peito — tudo olvida,
Cedendo ao impulso de fataes desejos,
A empresa começada, a propria gloria,

Guerras, conquistas — tudo — desde essa hora,
D'aquelle ser na posse os seos anhelos
Concentra ; e fóra delle o mundo é nada.

« Desse mimoso achado em cambio acceita,
Venturoso Taoba, o arco, as setas
Armas, trofeos de Imbé — e os seos guerreiros
Sigão do teo cocar mescladas plumas,
Bemquistas da ventura : eu dęssa joia
Contente e pago, ás patrias ilhas volvo. »

« Verde nefrito achei, lhe diz Taoba,
Que me podes tu dar da pedra em troco ?
Se d'outrem fora, eu pol'a haver servira
Quantos annos do ipé tem visto as flôres.
Trocal-a não — dal-a tão pouco — é minha.
Com zelo a guardarei — feitiço e risos
Do triste alvergue meo — depois que a morte
Orfã minha Pery deixou commigo. » —

« Da-m'a, lhe diz Imbé : cabe a mais bella
Ao mais valente, e a ninguem cedo — o sabes !... »

— « Excepto a mim somente, » — lhe replica
O selvagem guerreiro alçando a fronte,
E a voz ao gesto ; freme-lhe no peito
O ominoso colar ! . . . .
. . . .

POSSEIDON

Sobre o mar que sem fim se desdobrava
Tremia a luz do sol; no porto, ao longe
Branquejava o navio
Que transportar me deveria á Patria.

Não era o vento de feição. Tranquillo
Sentava-me eu nas dunas alvejantes
Na solitaria praia
A ler os cantos da Odyssea, os carmes
Antigos, mas eternamente bellos
D'immortal juventude, e dessas folhas
Do salitre das ondas salpicadas
Subia-me risonho
O halito dos Deoses,
A primavera esplendida da vida,
E do Hellas e céo resplandecente.

Meo nobre coração acompanhava
Nos seos errores e afflicções o filho
Prudente de Laerte ; de tristesas
Cortado, e cabisbaixo, junto d'elle,
No lar hospitaleiro,
Onde as rainhas purpura fiavão,

Sentava-me, ajudando-o nas mentiras,
E a esquivar ditoso
Braços de nymphas, covas de gigantes
Acompanhava-o na cymerea noite
Por entre tempestades e naufragios,
E soffria miserias indisiveis!

E suspirei : Quanto és cruel, Posseidon!
Tremenda é tua cholera!
E a mim proprio me anceia
O meo retorno á Patria!

Mal proferira estas palavras, quando
O mar de luz espuma,
E d'entre as brancas ondas vai surgindo
Do Deos do mar a fronte
C'rôada de caniços,
E diz-me zombeteiro :

De mim nada receies, poetastro,
Em caso algum injuriar desejo
O teo pobre chaveco,
Nem anciar teos preciosos dias
Com balanços por demais medonhos;
Pois tu, meo bom poeta,
Nunca contra ti me encheste d'ira,
Nem uma torre só, nem a somenos
De Priamo alluiste,
Nem trepaste de Troia os sacros muros,
Nem um só cabellinho sapecaste
Dos cilios de meo filho Polyfemo,
E nunca sobretudo protegeste
Rica de bons conselhos
Pallas Athene, Deosa da Prudencia!

Assim fallou Posseidon,
E assim fallando se afundou nos mares;
Mas ás grosseiras chufas do marujo
Por debaixo das ondas
Amphitrite, a divina regateira,
E as parvoas filhas de Nereo — se rirão! (1)

Lisboa, 3 de Maio de 1861.

(1) Deixei de proposito de collocar esta bellissima poesia lyrica, reminiscencia da littteratura classica, entre as que vão sob o titulo de — *Versos modernos* — por ser de um genero diverso do d'aquella collecção. É talvez o penultimo poema que traçasse o poeta antes de emprehender a infeliz viagem de que graceja n'estes versos.

SONETOS

I

A ESMERALDA

Vêde a soberba divinal creatura
Na *Côrte dos Milagres* milagrosa!
A caterva brutal estrepitosa
Extranha e pasma tão gentil figura.

Encobre a peregrina formosura,
Tão extranha de si — tão graciosa,
A mente inda mais bella e mais formosa,
E inda mais pura do que a neve pura.

Ao ver a cortesã face mentida
D'esse que te salvou, que tanto amaste,
Perdeste o coração—perdeste a vida.

Não quebrou teo amor cruel tortura,
Com elle inda no carcere scismaste,
Foi delle o teo pensar na morte escura.

Coimbra — 1844.

6.

II

A CLAUDIO FROLLO

Na mente renegando o altar sagrado
Por seguires do seculo a demencia,
Quiseste consumir tua existencia
Em busca do segredo em vão buscado.

Já hoje tens o rosto descórado.
Nas vigilias da accesa intelligencia,
Que intentaste, rival da Providencia,
Do saber divinal faser achado.

Esse raio do sol, tua obra d'oiro,
O sabio—ja o vês—produz o amor—
O amor, coisa melhor que o teo thesoiro.

O amor—a só ventura dos humanos,
Praser celestial—ardente flôr,
Que não pousa nas cãs dos tardos annos.

Coimbra — 1844.

III

AO QUASIMODO

A desforme cabeça lhe descia
Entre dois oucos montes; na achatada
Fronte por fulva coma sobreada
Um olho de ciclope apparecia.

Um tetraedro por nariz trasia,
E da nojenta bocca desdentada
Por entre a dentadura feia e usada
Bem raro a rouca voz se desprendia.

Tinha braços e pernas mui calosos,
Era todo seo corpo um calo inteiro,
Um composto de calos monstruosos!

E d'elle se disia : É vesgo infame,
Corcunda—torto e coxo e feiticeiro,
Sineiro atroador de *Notre-Dame*.

Coimbra — 1844.

III

A NOTRE-DAME DE V. HUGO

Satanaz passeiando—veio um dia
Ao mundo sublunar e vio creada
A formosa Esmeralda—doce fada,
Vivo sonho de viva phantasia.

Ora o diabo tem queda p'ra a ironia.
—Heido pregar, disse elle, cassuada
No padre eterno, que não sabe nada,
Se não sabe o que é bom em poesia.

Fallou desta maneira o Sr. Diabo,
Escoucinhando no ar como um jumento,
Coçando a fula orelha e alçando o rabo.

E foi o resultado deste evento
Parir ao Quasimodo—que no cabo
C'o anjo do Senhor fez casamento.

Pitões — 15 de Setembro de 1844.

V

AO ANNIVERSARIO NATALICIO DE S. M. I.

.... heroum laudes et facta parentes
. . . . legis
Aspice venturo lætentur ut omnia seclo.
VIRG. EGL. IV.

Podesse eu, triste vate, semilhando
O ronco do trovão, que ruge irado,
Alçar—enthusiasta—ingente brado
D'um pólo—n'outro pólo, repulsando.

Podesse, alem das nuvens remontando,
De mil astros brilhantes rodeado,
Derramar—sobre o globo electrisado
Seo nome, entre mil nomes fulgurando.

Podesse—a um brado tal o doce encanto
Juntar de um terno cysne moribundo
Que o alento final transforma em canto.

Teo nome, sem cessar, dissera ao mundo,
Tu que és nosso Paladio Sacrosancto,
Augusto Imperador— Pedro Segundo (1).

Caxias — 2 de Dezembro de 1845.

(1) Foi este soneto, como os monologos, escripto para ser recitado no theatro de Caxias. Os Senr. J. J. da Silva Maçarona, poeta sertanejo, que então alli se achava, no dia seguinte enviou-lhe outro, pelas mesmas consoantes, e em que exaltava os meritos do nosso Dias. Reproduzil-o-hemos no VII volume d'estas *Obras*.

A. H. L.

VI

Baixel veloz, que ao hnmido elemanto
A voz do nauta experto afoito entrega,
Demora o curso teo, perto navega
Da terra onde me fica o pensamento!

Emquanto vais cortando o salso argento,
Desta paaia feliz não se desprega
(Meos olhos, não, que amargo pranto os rega)
Minha alma, sim, e o amor que é meo tormento.

Baixel, que vais fugindo despiedado,
Sem temor dos contrastes da procella,
Volta ao menos, qual vais tão apressado.

Encontre-a eu gentil, mimosa e bella!
E o pranto qu'ora verto amargurado,
Póssa eu verter então nos labios d'ella!

Rio de Janeiro — 17 de Junho de 1847.

VII

Doce Amor—a sorrir-se brandamente
Em sonhos me fallou com tal brandura,
Que eu só de o escutar vida mais pura
Senti coar-me n'alma fundamente.

Depois tornou-se o tredo fogo ardente
Que o instante, o anno, a vida me tortura.
Bem longe de gosar tanta ventura
Cresta-me o rosto agora o pranto quente.

Homem, se homem és no sentimento,
Não zombes, não, de mim tão desditosa,
Nem seja o teo alivio o meo tormento.

Deixa-me a teos pés cahir chorosa,
Soltar no extremo pranto o extremo alento,
Que eu morrendo a teos pés serei ditosa.

Rio de Janeiro — 6 de Novembro de 1847.

VIII

Apenas oiço dar Ave-Maria,
Quer seja tempo bom, quer trovoada,
Lá vou eu nesta vida malograda
Ao pão-nosso, que espero em cada dia!

De crianças me assalta uma algarvia,
E a velha a pespegar-me aparelhada
Contos da eterna seducção malvada
Da quadrilha de heróes que a perseguia!

O campo de Santa Anna atravessando,
—Meo Deos, isto é, que é não ter miolo!—
Para vêr uns nenês que estão mamando!

Vê por fim se me dás ou não do bolo,
Se sim, nada direi; se não, bradando
Jurarei terra e céos não ser mais tolo!

Rio de Janeiro — 1848.

IX

Pensas tu, bella Anarda, que os poetas
Vivem d'ar, de perfumes, d'ambrosia.
Que vagando por mares d'harmonia
São melhores que as proprias borboletas?

Não creias que elles sejão tão patetas,
Isso é bom, muito bom mas em poesia,
São contos com que a velha o somno cria
No menino que engorda a comer petas!

Talvez mesmo que algum desses bregeiros
Te diga que assim é, que os dessa gente
Não são lá dos heróes mais verdadeiros.

Eu que sou peccador,— que indifferente
Não me julgo ao que toca aos meos parceiros,
Julgo um beijo sem fim cousa excellente.

Rio de Janeiro — 1848.

X

Ando abaixo, ando acima, e sempre ás solas,
Afronto a tempestade, o vento, o frio,
Qual se fôra ambulante corropio,
Seguindo o exemplo emfim de outros patolas.

Do meo engenho e arte gasto as molas
Em suspiros quebrar que á luz envio;
E já por teima só, render porfio
A cabeçuda, por quem rompo as solas.

E a amo, ella me adora com loucura,
Dil-o ao menos; se a beijo não se espanta;
Paga-m'o até ; se insisto... adeos ternura!

Do matrimonio a estatua se levanta,
Negro espectro! ella torna-se brandura,
Eu a imagem do horror que me aquebranta.

Rio de Janeiro — 28 de Setembro de 1848.

EPIGRAMMA

A UM ACADEMICO DA ESCHOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

Olha, doutor, a poesia
É donzella melindrosa
Que aborrece a mal cheirosa
— A nojenta anatomia.

Porto — 1 d'Outubro de 1844.

HYMNOS

HYMNO AO DIA 28 DE JULHO (1)

(PARA SER CANTADO)

Fomos servos—n'outros tempos,
Curvados á prepotencia;
De extrangeiros soberanos
Mendigamos a clemencia.

Disião que a liberdade
Nos podia ser fatal
Como nas mãos de um menino
Buido e fino punhal.

Disião que nossos olhos
Affeitos á escuridão
Supportar não poderião
Da liberdade o clarão.

E nós—Homens—Brasileiros,
Nós sujeitos—nós curvados,
Fomos servos largos annos,
Largos annos—negregados!

(1) Foi composto este hymno para ser cantado no theatro — *Harmonia*.

Mas emfim lá do Ipyranga
Altivo grito soou :
Somos livres—longe o echo
Somos livres—reboou.

Esse grito—foi principio
De existencia vigorosa,
Como incendio erguido em breve
De centelha duvidosa.

Esse grito foi em todos
Um só braço, um só querer,
Voz de mil vozes accordes:
Independencia ou morrer.

E do norte ao sul—do ocaso
Do sol até ao nascer
Festivo grito responde :
Independencia ou morrer!

E a liberdade,
Essa donzella
Candida e bella
Filha dos céos,
Entre nós outros
Sem crua guerra
Desceo á terra
Das mãos de Deos.

Já somos livres,
Oh! não scismenos
Do que soffremos
Em nos vingar.

Irmãos—amigos
Todos sejamos,
Que respiramos
O mesmo ar.

Pois que seguimos
O mesmo norte
Co'a mesma sorte,
Co'o mesmo asar,
Maldicto aquelle
Que ousar primeiro
O nó fagueiro
Despedaçar.

Caxias — 1845.

HYMNO DOS REIS MAGOS (1)

Entre pobresa e miseria,
Em singela habitação
É nascido o Deos-Menino
Para a nossa salvação.

Povos e reis, adorae-o,
É nascido o Redemptor :
Vem viver, soffrer na terra,
Vem morrer por nosso amor.

Deixou a côrte celeste
E as galas ricas dos céos,
Quem entre os homens é Homem,
Quem entre os anjos é Deos.

Povos e reis, adorae-o &.

(1) Achavamo'-nos em 1850 reunidos, algumas senhoras e cavalheiros maranhenses, em uma casa hospitaleira, perto de Petropolis, na provincia do Rio de Janeiro. Havia um que sabia a musica e a toada melancholica, ainda que um tanto monotona, com que na nossa provincia folgamos em descantes na noite de 5 de Janeiro; mas faltando as lettras, appellaram as damas para o poeta, que sem se fazer rogado, e a lapis compoz a canção que ora publico.

A. H. L.

Lá das partes do Oriente,
Deixando os dominios seos,
Vem os Magos pôr as c'rôas
Aos pés do Menino-Deos.

Povos e reis, adorae-o &.

Vem off'recer os presentes
Que a Arabia Feliz produz.
Louvor a Deos nas alturas,
Louvor na terra a Jesus.

Povos e reis, adorae-o &.

Estrella — Janeiro de 1850.

VOLTAS E MOTTES GLOSADOS

I

Não pósso diser que não,
Não pósso diser que sim.

VOLTA

Senhora, pois que podeis
Diser que não, ou que sim,
A ambos não magoeis:
Disei — sim; mas não a elle,
Disei — não; mas não a mim.

OUTRA VOLTA

Senhora, que amor é esse,
Ou que nova sem-rasão!
Que se eu vos pergunto — sim?
Respondeis-me sempre — não!

Senhora, é isso paixão?
Oh! que o é, mas não por mim;
Que quando vós diseis — sim,
Um não quisera eu então!

Já nem sei que bem vos queira,
Nem que mais querer vos possa :
Sêde antes vossa que delle,
Sêde antes minha que vossa (1).

Rio, 24 d'Outubro de 1846

(1) Foram estas voltas ambas improvisadas em um baile de mascaras, e a anedocta a que ellas se ligam fica já narrada na biographia do auctor.

II

Não pósso diser que não,
Não pósso diser que sim,

GLOSA

Disem que o amor é vendado,
Que tem feros passadores,
Com que aos proprios servidores
Tem por veses desgraçado :
Porque heide ter esse fado,
Que tem sempre a dôr por fim?
Amais ao amor, não a mim ;
Pois se a elle só amais,
Por mais que vós me digais
« Não posso diser que sim ».

Não pósso.... e bem desditosa !
Conheço que a só ventura
Que desfructa a creatura,
Vem d'uma affeição mimosa :
Eu que sou bem extremosa,
Que já sinto a ingratidão,
Vou soffrendo esta paixão :
Se sois meo por amor della,

Eu que amo a vós, não a ella,
« Não pósso diser que não ».

Assim vivo descontente
Sem saber o que farei,
Nem sequer ao menos sei
O que seja mais prudente
Com este fado inclemente
Qual será meo pensamento.
Diser-vos : *não ;* é tormento ;
Diser-vos — *sim* — é loucura !
Assim que, já sem ventura
Vivo neste soffrimento.

Fôra brando o meo viver
A não vos ter conhecido.
Porque então um bem perdido
Não me fisera soffrer.
Disei-me o que heide diser ;
Brada-me *sim* a paixão,
Minha alma grita-me *não :*
Nesta dura alternativa
Sinto dôr sempre tão viva,
Que merece compaixão.

Rio — 1 de Novembro de 1846.

PERGUNTA

Quisera eu saber noticias
Á respeito de um tal *sim*,
Que foi n'uma volta, aonde
Devêra não ir sem mim.

6 de Novembro de 1846.

III

Não quiséra ser tão firme,
Para ser mais venturosa.
O que outras ganhão por falsas
Perco eu por ser constante.

GLOSA

É por ventura rasão
Que aquellas que são voluveis
Tenhão, sós, indissoluveis
Amores por galardão?
Assim pois minha paixão
(Que se queira Deos ouvir-me)
Nunca tem de permittir-me
Gosar sequer um instante
O premio de eu ser constante,
« Não quiséra ser tão firme. »

Bem me diz o coração
Que a constancia cança a ingratos
De voluveis nunca fartos,
(Que voluveis todas são);
Sentir constante paixão

É de uma alma melindrosa,
Mas a mulher que é formosa,
Que em amores se retracta,
Oh! não é falsa! é cordata
« Para ser mais venturosa ».

É bom de ser inconstante;
Ama a lua ao sol esquivo,
Ama a flôr ao fugitivo
Vento que sopra um instante,
Assim tu, alma constante,
Quando as azas despedaças
Do amor, que jamais de lassas
Se não poderáõ mover,
Ignára — queres perder
« O que outras ganhão por falsas ».

Só me queixarei de mim;
Se ora soffro o meo soffrer;
Porque nunca quiz eu ser,
Ou fingir que eu era assim.
Perderei, Senhor, por fim
O meo amor tão brilhante,
Muito embora nova amante
D'esse amor, que despedaças,
Lucre retalhos por falsas,
« Perca eu por ser constante ».

Rio de Janeiro — 1846.

IV

Finos cabellos prenderão
Pulsos que ferros quebrarão.

GLOSA

Á Alcides, de quem tremerão
Feros gigantes outr'ora,
D'Omphale — altiva senhora —
« Finos cabellos prenderão » :
Esta a rasão; que nos derão,
Mas se heróes no chão rojarão,
Dir-vos-hei que os não prostrarão
Finos cabellos ; mas antes
Renderão provas constantes
« Pulsos que ferros quebrarão. »

1843.

V

Não sou fera, sou humana !
Sinto amor e sei amar !

VOLTA

Diseis vós que não sois féra,
E certo mereceis fé;
Que o vosso rosto formoso
Rosto de féra não é.

Mas diseis que sois humana !
Qu'importa que seja assim,
Se humana sois para outros,
Deshumana para mim !

Sentis amor ! bem o creio:
Tem perfume a linda flôr,
Ledas aves tem gorgeios,
Mulher bella tem amor.

Mas a flôr só tem perfume;
Só sabe a ave cantar ;
Sois como a flôr, como a ave,
Sabereis acaso amar ?

SATYRAS

I

EPISTOLA

Descripção de Pitões

Ao Pinheiro immortal — ao doce filho
Da candida Minerva, que de loiros
Tem um ramo abixado pequenino
N'este anno — todo em ferias engrolado,
Envio meo saudar — meo canto envio.

Queres vir-te sepultar
N'uma terra malfadada
Onde não ha que gosar
A não ser triste queijada
Que é pior que o rosalgar?

Quem d'isto se agradará?
Deste aborto da natura,
E do que se faz por cá
Vou-te faser a pintura,
E se te agrada, vem já.

Em signal de religião,
Com quanto com grande magoa

Este bom Povo Christão
Resolveo não chegar agoa
Nem aos pés — nem ao carão.

Da lingua lusa coitada
E do immundo gallego
Fasem tal moxinifada
De que tu terias medo
Sem poderes pescar nada.

Pelas ruas mansamente
Passeia o novilho, a vacca,
E durante a noite algente
Pela serra o lobo ataca
A um christão civilmente.

Que erro tão saliente
Da extraviada natura!
Que a gente fuja da gente,
E que o lobo mais prudente
Ame tanto a creatura!

E aqui o vinho é tal,
Quando o ha, que é alcatrão,
E Bacho dá-se tão mal
Que aos da sua devoção
Faz ter jejum natural.

E a Deosa da Poesia
De tisnada rubra tez
Levanta a cabeça fria
D'entre as caldas do Gerez,
Que é do povo a sympathia.

O Deos Apollo é baldado,
Não tem seos raios calor,
Não ha'qui verão torrado,
Porém o inverno gelado
Domina como senhor.

E chove tanta geada
Durante a fria estação,
Que se não póde ver nada,
Nem se póde ter entrada
Em qualquer habitação.

Cobre a terra a neve dura,
Corre o ar frio que estafa,
E do colmo á dependura
Cahida neve — figura
Immensa gruta de Staffa !

Não reinão *fados* tambem
Neste Pitões — tão amigo,
Que amigo não tem ninguem,
Não me lembra mais — que digo,
E se isto te agrada vem.

Estás aqui — estás na Gallisa.
Isto vai — em note bem ;
E quem de carne precisa
Come emfumado presunto
Ou mata em casa e faz bem.

Pitões — Setembro de 1844.

II

A CERTA AUTORIDADE

Que ameaçou os musicos por terem tocado no anniversario da independencia de Caxias

Eu julguei que o fausto dia
Desta nossa independencia
Merecesse mais clemencia,
Quando não sympathia,
Desta nossa fidalguia
De Caxias !
Mas por minha alma que não,
E não sei
Por que peccados ;
Mas é certo que um coitado
Coronel
Presumpçoso,
E medroso,
E cruel,
Que só sabe pintar lettras,
Ordenou á nossa orchestra

De ser muda neste dia,
Ou do contrario a faria
Recrutar,
Ou tocar
Nas masmorras do quartel!
Certamente
Nunca vi
Bemtevi
Tão demente!
Pois, coronel tresloucado,
Queres metter na enxovia
Os filhos da Melodia,
Só por haverem tocado
Em tão magestoso dia?
Não o creio — mas parece
Que ouvil-os te aborrece,
Que ouvil-os te não recreia,
Ou que amigo, ou que parente,
Amado mui ternamente
Tens preso lá na cadeia.
Realmente,
Coronel,
Tens uma alma
Bem cruel,
Tens uma alma
Pavorosa,
Que não gosa
Deste mundo
Senão quando
Escuta o grito
Miserando
E profundo
De um afflicto
Sem delicto,

Que geme,
E suspira,
E delira
Em masmorra
Cruel.

Caxias — 1 d'Agosto de 1845.

III

AO GRANDE LITTERATO HOMEOPATHICO DR. VELLUDO (1).

Disem que o velho Diogenes
De novo ao mundo voltou
Com sua lanterna accesa,
E a Guanabara chegou.

« Quem é, pergunta elle, aqui
Um doutor pilha-bonito.
Panegyrista *quand-même*
De Frei Bernardo de Brito? »

— « *Ecce homo!* » — lhe disem.
« Doutor.... aquillo? » — « Oh se é!
Faz plagios, copía, imprime
Volumes que ninguem lê.

« É o moderno Tostado,
E em finanças não Zote,

(1) Foi publicada no *Diario do Rio* de 18 de Janeiro de 1862, com o pseudonymo — *um Hellenista,* — e como traducção de Aristophanes.

Grande home'em tudo e por tudo,
In utroque, utraque, utroque! »

« *Eureka!* interrompe o Grego ;
Dava p'ra o vêr uma perna !
Achei um asno ás direitas,
Posso apagar a lanterna. »

IV

AO DOUTOR DOS MANUSCRIPTOS

Petição (1).

Senhor! umas pobres traças
Dos fundos do Garnier,
Que lá estavão certo dia,
Quando sua senhoria
Lá foi faser não sei quê,
Maldisem sua má sina
Ao lembrar seos doutos ditos
De ir vender seos manuscriptos
Ao imperador da China;
E isto.... oh vergonha! oh! dòr!
Porque de quantos governos
Ha neste mundo de Christo,
O nosso, já está bem visto,
Que é de todos o peior

Pois as sobreditas traças,

(1) Sahiu publicada sem nome de auctor no *Correio Mercantil* de 23 de Janeiro de 1862.

Com o respeito devido,
Lhe pedem seja servido
Revogar taes ameaças,
Attendendo ao seo direito,
Que humildes passão a expor !

D'abord, parece mal feito
Que um tão inteiro sujeito,
Como é vossa senhoria,
Homœopatha e doutor,
Honra e gloria da Bahia,
E brasileiro como é,
Revele desses segredos,
Que nos dão sustos e medos,
Em casa do Garnier!

Eis que França e Inglaterra
E americanos tambem
Ligão-se e em larga sucia
Por mar em fóra lá vem
Á esta terra de mouros,
E perguntão : « Quem os tem
Esses divinos thesouros ?
Venha aqui o doutor Plagio
A no-los vender... *God-Dam!* »
E apenas aqui chegados,
Ficão todos endiabrados,
E socco velho, armas, fogo,
Murros e queixos quebrados,
Guerra e sangueiras fataes...
E de tantos males causa
Sereis, ó Marcos Miraes !
Mas se isto não acontece ;
Estas muitas supplicantes

Não podem soffrer caladas
Epygrammas fulminantes
Contra este pobre governo!
É um governo paterno,
Senhor doutor, — pai e amigo
Do povo traça — modelo
De quantos governos ha!
Pois qual outro ajuntará
Com cuidados incessantes
Essa immensa papelada,
Que é pasto, cama e morada
Destas cujas supplicantes?!
E eis a rasões por que
(Fóra mil outras rasões
Que offendem a cortesia)
Parecem indiscripções
O que vossa senhoria
Disse ao senhor Garnier.

V

Á PARTIDA DA ACTRIZ

Saudades de um dilettante á senr.ª C. Merea.[1]

Os filhos de S. Pedro a ausencia dura
Longo tempo escrevendo memorarão,
E por lembrança em tímida brochura
As grinaldas tecidas transformarão;
O nome lhe puserão sem ventura
Dos triumphos da actriz que já passarão:
Que fresco o livro tal! que frescas flôres:
Versos sem graça, palmas sem verdores!
Parodia de Camões.

— Que tanta tristesa é esta?
« Não sabeis o que ha de novo!
« Anda afflicto todo o povo...

(1) Tendo-se dado, em 1848, no theatro lyrico do Rio de Janeiro renhida contenda entre o emprezario e a actriz Merea, occupou-se o jornalismo mais do que devia com taes intrigas de bastidor. Pozeram termo a estas massantes polemicas jornalisticas a recisão do contracto e partida da actriz para Montevideo. Por essa occasião publicou o nosso poeta a seguinte satyra no *Correio da Tarde*, não sei se de motu proprio ou instigado por Ignacio P. da Costa, proprietario do jornal.
A. H. L.

— Santo Deos, porque rasão ?!
« Aquella boa menina
Pequenina,
A Merea seductora
Vai-se embora
Mar em fóra... »
— « Santo Deos ! porque rasão ?
« Nem eu, nem ella o sabe;
São cousas de bastidores ;
Choverão versos e flôres,
Foi solemne mangação !
Porem a doce menina
Pequenina,
A Merea seductora
Vai-se embora
Mar em fóra,
Santo Deos ! sem ter rasão ! »

« São Pedro que adivinhára
Os manejos da menina,
Cinco contos lhe offertára
Pela sua voz divina,
Cinco contos ! — passa fóra !
A Merea seductora
Vai-se embora
Mar em fóra :
Sim, senhores : vai-se embora,
Porque não ? »

Cinco contos ! bagatella !
Qualquer ministro de estado
Talvez outro tanto tem ;
E do mesquinho ordenado
Nunca lhe coalha vintem !

Pois passem bem, que a menina
Pequenina,
A Merea seductora
Vai-se embora
Mar em fóra !
Sim, senhores, vai-se embora !
Tem rasão.

Pois uma artista que tem
Bilhetes que repartir,
E vestidos de velludo
Que vestir ;
Tendo multas, tendo ensaios
Com mantilhas de setim !...
É de rir?...
Cinco contos ! essa é boa !
Mais vale cantar atôa,
Que jamais cantar assim :
Pois passem bem, que a menina
Pequenina,
A Merea seductora
Vai-se embora
Mar em fóra,
Sim, senhores, vai-se embora,
Porque não ? !

São Pedro, triste porteiro,
Das pobres economias
Não póde partir fatias
Tão grandes, de pão de ló,
Porem a aurea menina
Pequenina
Nem de um santo quer ter dó.
« Adeos, lhe diz, sou cantora,

« Seductora
« Vou-me embora ;
« Mas vós me dareis rasão.

« Bem sabeis, porteiro amigo,
« Minha mãi mora commigo,
« E meu padastro tambem
« Sou menor... « (E bem se via
Que a menina não mentia
Quando menor se disia :
Era menor que ninguem !)
« Bem vêdes que sou menina,
Pequenina :
« Adeos, meo guarda portão !
« Bem sabeis que sou cantora
« Seductora,
« Vou-me embora ;
« Mais vós me dareis rasão. »

— « Dar-vos rasão ! grita o santo :
Quem foi que este mundo fez?
Não foste vós, Deos prudente ?
Quando tres quartos de gente
Pede ordenado de tres !
Bem sei eu que uma menina,
Pequenina,
Tem rasão em a não ter ;
Mas se a vós, minha cantora
Seductora,
São Pedro vos manda embora,
Com São Pedro, inda alguma hora
Vireis de certo aqui ter. » —

VI

QUE COUSA É UM MINISTRO

I

O Ministro é a phenix que renasce
Das cinsas de outro, que lhe a ves cedeo :
Nasce n'um dia como o sol que nasce,
Morre n'uma hora como vil sandeo !

Se nodoas tem, uma excellencia as caia :
Mortal sublime, que não sabe rir,
Do vulgo inglorio não pertence á laia,
Dará conselhos, se se lhe pedir !

Um bipede de pasta, não de barro,
Nos pés se firma por favor de Deos !
Dois fardas-rotas tratão trás do carro
Em ruços magros como dois lebréos.

Agora, sim : temos a patria salva,
Não fará este o que já o outro fez !
Grande estadista ! basta ver-lhe a calva,
D'homem assim não ha diser — talvez !

Vêde-lhe a pasta, que de cheia estala
Só de projectos que farão feliz
A patria ingrata, que seos feitos cala,
Ou mais que ingrata, o nome seo maldiz!

Vêde-lhe o sacco — carga de um jumento,
Com borlas d'oiro e verde! — No costal,
Castigo do ordenança, lê-se attento
Projectos mil! secretaria tal!

Cançai-vos pois! — Quem veste aquella farda
Hade faser o que mui bem quiser!
Vem-lhe com ella uma sabença em barda!
Por isso acerta, quando Deos lá quer!

Se lhe lanças baldões na propria cara
Diz a alguem que o deffenda, e chega a si
Com intrinseco amor a pasta cara,
E exclama: « ó patria, morrerei por ti!

Ó Codros, Cursios, Fabios, Cincinatos,
Carunchosos heróes da antiga historia,
Vinde-me aqui, e ponde-vos de rastos
Junto deste que vence a qualquer gloria!

Pois que farieis vós? Verter do peito
O melhor sangue... pela patria acabar!...
Imbecis! — pois mais vale com proveito
Da patria á custa a vida flautear!

Ou se não, vêde-me este que anafado,
Nedio, de cara alegre, animo audaz!
Faz de si quando quer um deputado,
Ministro quando quer! Mas que mal faz?

Notas-lhe a fronte de cuidados cheia,
Nuvens e nuvens vêdes hi passar,
Como na praia turbilhões de areia,
Como em tormenta os vagalhões no mar!

Grande homem! dise: que temor te affronta?
A náo do Estado salvarás talvez!...
Qual náo do Estado?! é a horrorosa conta
Dos ruços magros, que alugou por mez!

II

Basta emfim, que é mortal feito com pasta,
Fardado, com tetéas, com galão!
Trata-se de comer — nada lhe basta;
Mas disem que é sujeito á indigestão!

Trata-se de fallar!... Applaude-o junta,
Em peso a maioria, — homem feliz!
Mais modesto que o Grego não pergunta,
Tem a certesa de que asneira diz!

Trata-se de escrever!... Vêde em que espaço
Folhas e folhas de papel encheo!
Cem vezes mil em ruim papel de almaço
Soberbo assigna o nome illustre seo!

Mas n'um dia nefasto, a turba multa
Irosa vai-se á estatua do immortal,
Com duro sparto o illustre collo insulta
Té dar com elle em fundo lodaçal!

Logo, farda, florete, pendrucalhos
Vão para um canto a criar mofo lá !
Limpa-se o carro ! pensão-se os cavallos,
Memento, hemo ! — Está bem morto já !

Mesmo os sendeiros dos dois fardas-rotas,
Na rua empacão, sem querer seguir !
Debalde os tosão co'o tacão das botas,
Deitão na rua a papelada : é rir !

Agora, pois, que não ha dessa gente,
Vão nossas cousas caminhar a sós !...
Mas que poeira vê se de repente
Lá no horisonte em direitura a nós ! ?

Inda um ministro !... grande Deos bemdito !
Doirado d'inda agora, e fresco, e assim
Vem tão contente de se ver bonito,
No olhar parece que vos diz... Eu sim !

Eia, depressa ! meos dois fardas-rotas,
Toca de novo pasta e sacco a encher,
Dá-lhe que dá-lhe co'o tacão das botas
Tras do ministro largando a correr !

E eil-o que passa o homem d'outro barro !
Que tem dois pés ; mas por favor dos céos !
E os dois fardas-rotas lá vão trás do carro,
Nos rocins magros, como dois lebreos !

III

Bipede, sim ; mas a cahir debruços,
Não poderia ter-se em pé jamais,
Por isso marchão na vanguarda os ruços,
Sem terem culpa, pobres animais !

Disem tambem ; mas não o dou por certo,
Que um desses lesmas, já assim fallou —
Foi um discurso de zurrar aberto,
Do senado um tachygrapho o tomou. —

« Ó tu que tens de humano o gesto e o peito,
Se de humano é matar um bixo feio
Só porque o costado tem sujeito
A quem lhe soube pôr o sujo arreio,
A estas mataduras tem respeito ;
Pois te não move a rigidez do freio !

« Põe-me onde se use toda a crueldade,
Entre leões e tigres, e verei
Se nelles achar posso a piedade,
Que em peito de ministros não achei !
Ali co'amor intri'seco e vontade
No capim por que morro, viverei !

« Pois de algum deputado a resistencia
Sabes domar, sem ser com fogo ou ferro,
Sabe tambem dar vida com clemencia
A quem para perdel-a não fez erro. »

Mais ia por diante o monstro horrendo
Com o sermão, que ninguem lhe encommendára
Quando inimiga mão lhe foi batendo
Com o chicote estalador na cara !

Manáos — Maio de 1861.

ECHOS

D'ALÉM-MAR

Traducções de A. GONÇALVES DIAS

I. NOIVA DE MESSINA

II. POESIAS LYRICAS DE DIVERSOS

ADVERTENCIA

Preparava-se Gonçalves Dias para publicar com o titulo de ECHOS D'ALÉM-MAR uma série de volumes de traducções de poesias notaveis, com a singularidade de serem feitas por pennas brazileiras, aproveitando para isso o que de bom corria já impresso, como a *Merope* e o *Tancredo* de Voltaire, pelo mavioso e classico Odorico Mendes, o *Roubo da madeira* de Pope por F. J. P. Guimarães, e colleccionando muitas outras ineditas, a mór parte de lavra propria, quando veio a grave enfermidade, que tanto contribuiu para encurtar-lhe os dias. Embargar-lhe o intento. Pretendia pôr como remate a tão importante collecção um estudo analytico e comparado da litteratura dos principaes povos de origem latina e germanica, e de suas linguas, com a portugueza, o que sería por certo trabalho aprimorado e de pulso como de quem era.

Doente, ainda assim deu começo no Rio á impressão do primeiro volume de seus *Echos d'Além-Mar*, e chegado que foi á Europa, tentou imprimir o segundo, ficando, quer aquelle, quer este nas primeiras folhas.

Dou hoje á estampa e em um só volume todas

quantas versões d'elle chegaram-me ás mãos, restando-me o pezar de apresentar a da *Noiva de Messina* pelo autographo que possuo, e não com a ultima lima e polimento que já lhe havia elle dado, como se collige das cartas, que dirigiu-me e que para aqui transcrevo, porque essa cópia perdeu-se no infausto naufragio de 3 de Novembro de 1864, ou occulta-a quem apoderou-se até hoje de outros escriptos do poeta salvos das aguas do oceano.

« Conclui (escreveu-me de Vichy a 5 d'Agosto « de 1862) a traducção da *Noiva de Messina* em via- « gem, e posto que se resinta do estado em que me « via quando a conclui, ainda assim póde servir. »

A 21 de Novembro do mesmo anno, e já de Dresde accresenta : « A *Noiva de Messina* sahirá tambem para fóra (refere-se á publicação dos *Echos*), que- « rendo Deus. Esta é tua, pódes tomar nota de offe- « recimento ».

« Occupo-me agora (a 20 de Dezembro de 1863) — « isto é — quando posso trabalhar, com a tua *Noiva* « *de Messina*. Está completa, mas a ultima parte, « como te disse, ficou em seu tanto hydropica para « se harmonisar com o estado em que me achava, « quando a conclui a bordo do *Condé*. Como, porém, o « trabalho em pasta é uma especie de corcoma, ou « de rémora, que se apega ao espirito, vou pôl-a de « fóra apenas se me desvanecerem os receios de uma « nova camada de rheumatismo. »

Esta traducção, começada no Ceará, continuada aqui, e nas viagens pelo Amazonas, e terminada nas aguas do Mediterraneo, era a filha mimosa do poeta. Consagrava-lhe os melhores momentos, empregava toda a sua sciencia da lingua allemã, que estudára séria e profundamente, e os recursos variados da lin-

gua de Camões, em tornal-a tão louçã e peregrina qual a escrevêra Schiller. O manuscripto por que faço esta publicação bem que do mestre não recebeu a ultima demão, ainda assim é uma obra digna de admiração e do cantor dos nossos indigenas, como melhor a apreciarão os entendidos.

Com o respeito que é devido ao poeta, entreguei estes escriptos ao prélo, sem lhes tocar de leve sequer nem nos pequenos senões, pondo aliás em notas, como variantes, os versos que vinham emendados, porque entendo que os ultimos pensamentos d'aquelle grande genio devem ser conservados como sagrados e illesos de toda a mão impura.

A. H. Leal.

A NOIVA DE MESSINA

OU

OS IRMAÕS INIMIGOS

TRAGEDIA COM CÓROS

Por J. SCHILLER

VERTIDA DO ALLEMÃO

POR

A. GONÇALVES DIAS

PERSONAGENS

Dona Isabel, princesa de Messina.
Dom Manoel, } seos filhos.
Dom Cesar, }
Beatriz.
Diogo.
Mensageiros.
O côro, composto do sequito de ambos os irmãos.
Os anciões, personagens mudos.

A NOIVA DE MESSINA

A scena representa uma grande sala ornada de columnas : entradas de ambos os lados : no fundo uma grande porta, que conduz a uma capella.

D. ISABEL, *de luto pesado e em torno della os* ANCIÕES *de Messina.*

D. ISABEL

D'entre as soturnas salas de meos paços,
Anciões de Messina venerandos,
Para fallar-vos sáio, — ante vós outros
O rosto descobrindo, não por grado,
Mas cedendo dos tempos á estreitesa ;
Que á viuva convém, que o amado esposo
Perdeo, da sua vida luz e glória,
No retiro occultar do mundo aos olhos
O dó que arrasta, em negro crepe involta.
Comtudo, omnipotente, inexoravel
Deste momento a vos imperiosa
À luz, que odeio, me retraz de novo.
— Não duas vezes tem a lua as fases

Renovado, depois que o regio esposo
Condusi ao seo ultimo jasigo;
Esse que poderoso aqui mandava
E em cujo braço forte apoio achaveis
Contra o mundo, que hostil vos é d'entorno,
Já não existe mais, senão sua alma,
Que sobrevive em dois heróes valentes,
Filhos illustres, de Messina orgulho.
Crescêrão entre vós em brio e forças,
Vós o vistes; mais ainda mal, com elles,
D'incognita, fatidica semente,
Odio infausto d'irmãos tambem crescia,
Que a juvenil concordia espedaçando
Medrou feroz na madurez dos annos!
Ah! nunca me alegrei de os ver conformes!
Trouxe-os aos peitos com amor a ambos,
Iguaes, entre ambos, partilhei caricias,
Com filial amor sei que me acatão,
E neste só querer os vejo unidos:
No mais sangrentas brigas os separão.
— Certo, em quanto temido o pai vivia,
Com justiça d'igual severidade,
Respeito impunha á violencia d'ambos,
E sob um jugo só, mais ferreo, unindo-os,
Os porfiosos animos curvava.
Não devêrão com armas encontrar-se,
Nem pernoitar jámais no mesmo tecto!
Assim, por certo, prevenia o Principe
Com lei severa e forte o rompimento
De seos instinctos féros: mas d'essa arte,
Incorrigido, no amago do peito
O odio lhes deixava. Em pouco estima
O possante, obstruir fonte que nasce,
Quando póde á torrente impôr barreiras

— A consequencia foi que mal os olhos
A morte lhe cerrava, e a mão robusta
Não os conteve mais, o odio antigo
Como fogo d'incendio comprimido,
Em fragoa e chammas se revela. Digo
Cousas, que todos vós testemunhastes;
Desune-se Messina, voz tomando
Por um, por outro; dos irmãos a lucta
Rompeo da naturesa os sanctos laços,
Do individuo ás paixões soltando as redeas.
Oppoz-se o ferro ao ferro; esta cidade,
Convertida n'um campo de batalha,
Té nestes atrios vio correndo o sangue!
— Vistes rotos os vinculos do Estado;
Mas não meo coração que se partia:
E os publicos desastres lamentando,
Sem se vos dar das afflicções maternas,
Estas duras palavras me dissestes:
« Tu vês que de teos filhos a contenda
« A cidade retalha em civis bandos,
« Que de visinhos máos se vê cercada
« E só pela união resiste á força.
— « Tu pois, que és sua mãe, vê como aplacas
« De teos filhos o odio encarniçado;
« A nós, homens pacificos, qu'importa
« Que os senhores contendão? Pois devemos
« Per'cer porque teos filhos se mal querem?!
« Tomaremos conselho de nós mesmos
« E a outro senhor havemos dar-nos,
« Que o nosso bem consulte, e havel-o queira. »
— Assim fallastes vós incompassivos,
Cuidando em vós sómente, e em vossos lares,
E a publica desgraça arremaçastes
Sobre este coração, que a dôr materna

E cuidados de mais acabrunhavão.
O que não era de esperar — tentei-o!
Espedaçado o coração, lancei-me
Entre esses furiosos, — paz gritando!
Sem receio, sem pausa, sem descanço,
Apérto, insisto, junto d'um e de outro,
Té que á força de supplicas consigo
Accordal-os a que nestas muralhas
De Messina, de seus avós no alcaçar
Não imigos se encontrem rosto a rosto,
Caso novo, depois de morto o Principe.
— É hoje o dia : o mensageiro aguardo
Com annuncio da proxima chegada (1).
— Apercebei-vos pois p'ra recebel-os (2)
Com submissão, qual a vassallos cumpre.
Do que é vosso dever curai sómente,
Que nós daremos providencia ao resto.
Fatal á terra e para elles proprios
Arriscada — era a lucta; mas unidos,
Congraçados, serão, quanto é bastante,
Fortes a proteger-vos contra o mundo
E a seo direito haver — contra vós mesmos.

(*Os anciões retirão-se em silencio de braços crusados. Ella accena a um velho criado para que fique*).

D. ISABEL, DIOGO

D. ISABEL

Diogo.

DIOGO

O que mandais?

(1) Variante. — Com annuncio de quando se approximão.
(2) Var. — Fazei-vos préstes pois a recebel-os.

D. ISABEL

Ah ! leal servo,
Sincero coração, mais perto — escuta :
Tiveste parte em minha dôr e magoas,
Ora, que sou feliz, minha ventura
Compartilha tambem, tu, confidente
Do meo segredo sancto, amargo e doce.
É chegado o momento, em que podemos
Á luz do sol manifestal-o — ha muito
Que eu dentro em mim reprimo os violentos
Da naturesa impulsos, constrangida
D'uma vontade superior á minha.
Póde agora a sua voz livre elevar-se,
Qu'inda hoje serão pagos meos desejos,
E esta casa, deserta ha tanto tempo,
Hade reunir, quanto me resta caro.
— Tu pois dirige o teo pela velhice
Andar tardio aos conhecidos claustros,
Que o meo thesouro precioso guarda.
Tu m'o recataste alli furtivos (1),
Para melhor occasião, prestando
Esse triste serviço a mim mais triste.
Agora restitue á mãe ditosa

(*Ouve-se ao longe som de trombetas.*)

O seo caro penhor; mas dá-te pressa,
Possa a alegria remoçar-te os passos.
Escuto o som das bellicas trombetas
Que de meos filhos m'annuncia a entrada.

(*Diogo sáe. Ouve-se de dois lados differentes a musica a approximar-se cada vez mais.*)

(1) Var. —Tu alli m'o poseste a bom recado.

Messina se alvoroça! escuto os echos
De confuso clamor, que se approxima!
São elles, certo : o coração materno
Vehemente pulsa inebriado, e cria
Novas forças do seo achegamento.
São elles, certo! Ó filhos meos queridos!
(*Sáe.*)

CORO, *entra.*

Compõe-se de dois simi-côros que entrão ao mesmo tempo por dois lados diversos — um pelo fundo, e o outro pelo proscenio; girão em volta do palco e se enfileirão cada um do lado por onde entrou. Um dos côros compõe-se dos velhos, o outro dos moços cavalleiros, e se distinguem por côres e divisas differentes. Quando se achão em frente um do outro, cessa a marcha, e fallão os coripheos.

PRIMEIRO CÔRO (*Caetano*).

Com fundo acatamento eu vos saúdo
Porticos pomposos,
E vós, de meos senhores
Regio, augusto berço,
Columnatas d'abobada soberba!
Embainhada a espada
Descance em ocio agora,
Jasa ante estes portaes agrilhoado
O monstro da discordia angui-comado!
Da casa hospitaleira
O limiar é sancto;
Que o guarda o Juramento,

Deos, d'Erynuis filho
Terrivel entre quantos conta o Averno!

SEGUNDO CÔRO (*Bohemundo*).

Dentro do peito o coração me pulla
Raivoso e para a lucta me aguilhoa.
Pois que eu vejo a cabeça de Medusa
Do imigo meo no aborrecido aspecto.
Do sangue a agitação contenho a custo!
Devo outorgar-lhe as honras da palavra,
Ou me entrego da cholera aos assomos?!
Porém terror me incutem as Eumenides,
Que este logar protegem
E a paz divina escudão!

PRIMEIRO CÔRO

Cabe á velhice
Melhor proposito:
Eu mais prudente
Fallo primeiro.

(*Para o segundo côro.*)

Sê tu bemvindo,
Pois um sentir fraterno,
Igual ao meo provando,
Deste real alcaçar
Os protectores deoses
Com reverencia acatas.
Já que amigos os principes conferem,
Trocaremos tambem inoffensivas
E tranquillas, pacificas palavras,
Que a palavra tambem de muito presta.
Mas se fóra t'encontro em campo aberto,

Então sangrento se renove o prélio,
E a coragem c'o ferro s'experimente!

TODO O CÔRO

Mas se fóra t'encontro em campo aberto,
Então sangrento se renove o prélio,
E a coragem c'o ferro s'experimente!

PRIMEIRO CÔRO

Eu não t'odeio, nem tu m'és contrario;
Do mesmo sólo somos todos filhos:
Aquelles sim que são de raça extranha.
Mas s'entre si os Principes contendem,
Havemos de matar-nos sem piedade:
Tal é a lei, e o direito o exige (1).

SEGUNDO CÔRO

Importa-vos saber porque movemos,
Eivados d'odio, encarniçadas luctas?
Não curo disso, uma rasão me basta:
Nós em suas batalhas temos parte,
Porque bravo não é, nem homem d'honra
Quem de seos chefes não resente o aggravo!

TODO O CÔRO

Nós em suas batalhas temos parte,
Porque bravo não é, nem homem d'honra
Quem de seos chefes não resente o aggravo!

(1) Var. — É isso a lei; isso o direito exige.

UM DO CÔRO (*Berenguer*).

Ouvi quanto eu considerei commigo
Quando desoccupado divagava
Entre os regos de trigo fluctuante
Todo em meo pensamento embevecido!
— Mas reflectimos no furor da lucta,
Nem adoptamos o melhor conselho
Porque do sangue a ebulição nos céga.
— Não são acaso estas cearas nossas,
Estes olmos de vides entrançados,
Do sol que nos aclara não são filhos?
Não podemos acaso em goso ameno
Satisfeitos passar innocuos dias
Ganhando a facil vida alegremente?
Porque assim pois levamos furibundos
Mãos das espadas, pela raça extranha,
Que direito não tem sobre este sólo?
Em náos possantes nos chegou de longe,
Donde colora o sol o roxo occaso,
Hospedeiros a temos acolhido,
Isto é, nossos avós, ha já bem tempo;
E agora, eis-nos em servos convertidos,
Vassallos dessa raça forasteira!

OUTRO DO CÔRO (*Manfredo*).

Certo habitamos um torrão bemdicto,
Sobre que brilha o sol no eterno gyro
Com sempre amiga luz, e bem podemos
Descançados fruil-o em goso ameno,
Elle porém muralhas não tolera;
Antes o mar nas circumfusas vagas
Parece convidar o audaz corsario,

Que as nossas praias sem cessar devassa (1),
Enlevos do extrangeiro, os bens que temos
Só lhes aguçáo a cubiça e o gladio,
Nós no patrio sólo escravos somos,
Pois que elle aos filhos proteger não póde!
Não, não é onde ri-se a loira Ceres,
Nem pacifico Pan, dos campos guarda,
Mas onde o ferro nas mineiras cresce,
Surgem d'alli os que dão lei á terra.

PRIMEIRO CÔRO

Não igual a fortuna os dons reparte
Entre a raça dos homens fugitiva!
Porém a naturesa sempre justa
Do mercado a abundancia nos concede
Que ella feraz e próvida renova!
Vontade ferrea, força incontractavel
Foi d'outros o quinhão. Abroquelados
D'uma energia indomita e pujante,
Quanto lhes pede o coração perfazem
Com poderoso estrondo enchendo a terra.
Mas ah, que onde as alturas mais s'empinão
É mais profunda e mais ruidosa a quéda!
— Por isso folgo de ser tão pequeno,
Abrigando-me á sombra de meo nada (2).
A hibernal corrente impetuosa,
D'infinito graniso entumecida
Ou das aguas que os céos em jorros soltão,
Vem despedida com fragor ingente,
Arrasa diques, pontes, e troveja
No marulho das ondas. Nada póde

(1) VAR. — Que as nossas costas de continuo crusa.
(2) VAR. — Que me é protecção minha fraquesa.

Impecer-lhe? Mas do momento filhos,
Os traços do seu curso formidavel
Vão pouco e pouco a se perder n'areia,
Deixando por signaes sómente estragos.
Os senhores extranhos vem, mas passão,
Obedecemos nós, porém ficamos.

(*Abre-se a porta do fundo. Apparece D. Isabel entre os seos dois filhos D. Manoel e D. Cesar.*)

AMBOS OS CÔROS

Louvor e honra seja
A quem alli s'eleva
Igual ao sol brilhante. Eu respeitoso
Perante a face augusta me ajoelho.

PRIMEIRO CÓRO

Bello é da lua o resplendor suave
Entre o brilho de estrellas scintillantes:
Bella a materna, amavel magestade
Á par da força e d'ardidez dos filhos:
Nem sobre a terra
Cousa ha que imagem tal exceda ou iguale.

SEGUNDO CÔRO

Ella vê, satisfeita, levantar-se
Do proprio seio uma arvore florida,
Cujas vergonteas brotaráõ eterno;
E alegra-se, que é mãe d'uma familia,
Que haverá, bem como o sol d'encher seu curso (1)
E dar um nome ao tempo fugitivo!
Dispersão-se os povos,

(1) Var. — Que hade, como o sol, fazer seo gyro.

Os nomes s'extinguem,
O olvido pesado
Sobre as raças todas
As largas asas côr da noite estende,
Porém dos Principes
As frontes solitarias
Brilhão sublimes! (1)
A aurora as alumia
C'os eternos raios
Como do mundo os pincaros altivos!

D. ISABEL, *avançando entre os dois filhos.*

Olha do alto céo, rainha augusta,
Modera o meo transporte, que o meo peito
De soberbo não pulse entumecido!
Facil se esquece a mãe, que o lusimento
Dos filhos seos em extasis contempla,
E esta é, desde que os tive, a vez primeira,
Em que eu da minha dita a plenitude
Abranjo inteiramente; que até hoje,
Do meo amor as effusões partindo,
Carecia olvidar o filho ausente
Para alegrar-me do conspecto do outro.
Oh! meo amor de mãe é um sómente;
Porém meos filhos forão sempre dois,
Disei-o! Sem temer posso entregar-me
Á violencia do peito inebriado?

(*Para D. Manoel.*)

Quando a fraterna mão, amiga apérto
Da inveja co'o punhal te cravo o peito?

(*Para D. Cesar.*)

(1) Var. — Resplendem claras:

Quando de o contemplar me regosijo,
Roubo-te acaso? — Oh ! força é que eu tema
Que o amor que vos tenho apenas sopre
Com mais violencia do vosso adio a chamma !

(*Depois de os interrogar a ambos com o olhar.*)

O que de vós devo esperar ? Disei-o !
Com que animo ou proposito aqui viestes ?
Acaso o inflexivel odio antigo
Aos tectos paternaes traseis de novo,
E fóra destas portas vos espera
A guerra, por um momento subjugada,
A morder tão sanhuda o bronzeo freio,
Que apenas me tenhais voltado as costas,
Haverá com mór furia de soltar-se ?

CÔRO (*Bohemundo.*)

Ou paz ou guerra ! ainda as sortes jasem
Baralhadas no seio do futuro !
Isso porém vai decidir-se em breve
Qu'estamos para tudo apparelhados !

D. ISABEL, *percorrendo com os olhos toda a scena.*

Que temeroso, marcial aspecto !
Estes homens que querem ? Nestas salas
Dispõe-se uma batalha ? ou de que serve
Turba de extranhos, quando uma mãe deseja
Abrir o coração ante seos filhos ? !
Pois até junto a mim mostrais receio
De fallaz trama, de traição perversa
Para com tal resguardo precaver-vos ? !
Oh ! que esses feros homens que vos seguem,

Violentos instrumentos de vossa ira,
Amigos vos não são : nem julgueis nunca
Qu'esses taes para o bem vos aconselhem
Com intenção louvavel. Como podem
Acordes ser de coração comvosco,
Vós — extranhos, linhagem d'invasores,
Que os expellistes da paterna herança
E firmastes aqui vosso dominio?
Crêde-me! Todos amão viver livres,
Segundo as proprias leis. Dominio extranho
A custo se tolera. Só á força,
Por medo só, a sujeição vos rendem,
Que aliás com praser refusarião.
Conhecei-os por fim quaes sejão falsos,
Descaroaveis, com praser maligno
Da vossa dita e elevação se vingão,
A ruina do senhor, do chefe a quéda
É-lhes mote a canções, thema a diseres,
Que de filhos a netos vão narrando,
Com que os longos serões do inverno encurtão!
— Oh! filhos meos! hostil e falso é o mundo,
E mal intencionado! Ama sómente
Cada qual a si proprio. Incertos, frouxos
E variaveis são os laços todos
Que da fortuna aligera são filhos.
O que o capricho atou, solta o capricho :
Leal só naturesa : ella sómente
Firme repousa em ancoras eternas,
Em quanto sobre as ondas procellosas
Da vida, tudo mais fluctúa instavel.
— Amigo a inclinação, socio o proveito
Nos grangeia. Feliz porém d'aquelle
Que um irmão deve ao berço! Não lh'o póde
Outorgar a fortuna — tem congenito

O amigo, que duplicado, contra um mundo
D'engano e guerras cheio se abalança !

CÔRO (*Caetano.*)

Grande é por certo, confessal-o devo,
D'uma rainha o pensamento augusto!
Sobre as acções e agitação dos homens
Sagaz discorre ; a nós pelo contrario,
Confuso empenho á vida desregrada,
Irreflectidos, cégos nos arrasta.

D. ISABEL, *para D. Cesar.*

Tu, que brandiste contra o irmão a espada,
Olha em torno de ti, olha essa turba;
E dise se ahi vês feições mais nobres?

(*Para D. Manoel.*)

Entre esses a quem dás de amigo o nome,
Ha quem com teo irmão corras parelhas?
Modelo cada qual da sua idade
Nenhum cede, nenhum excede ao outro.
Ousai emfim d'olhar-vos rosto a rosto!
Ó loucura dos zelos e da inveja;
A esse, entre milhares, escolhido
Houveras para amigo; contra o seio
Como ente excepcional o apertarias;
E quando a sacrosancta naturesa
T'o deo, quando no berço em mimo o achaste,
Tu criminas contra o proprio sangue,
Calcas aos pés seos dons com cego arbitrio,
Para lançar-te d'homens máos nos braços,
Para alliar-te a extranhos, a inimigos.

D. MANOEL

Escuta, Senhora!

D. CESAR

— Escuta!

D. ISABEL

— Basta!
À taes luctas palavras não põem termo.
Aqui — o meo e o teo, vingança e culpa
Descrimes não consentem. — Pois quem póde
Achar o antigo leito da corrente
Sulphurea, que expandio o atrós incendio?
D'um soterraneo fogo temeroso
É tudo parto. O que não foi queimado
De rescaldos de lava jaz coberto,
E um passo mais que deis vos leva ao abysmo!
— Um pensamento só vos quero n'alma:
O mal que o homem feito irroga ao homem,
Esse mal, quero crêl-o, não se esquece,
Não se perdôa facil. Quer o homem
Guardar seo odio, e nenhum tempo muda
O proposito que adopta circumspecto.
Mas de vossas porfias desce a origem
À temporã, desrasoada infancia!
Tal epocha devera desarmar-vos.
As causas prescrutai de taes discordias...
Não as sabeis, ou, se atinais com ellas,
Tereis pejo de vãos agastamentos.
E todavia são da infancia as brigas
Prolongadas em misera cadeia,

Que a taes calamidades nos trouxerão !
Que os feitos máos té hoje acontecidos
São da suspeita e da vingança filhos !
E vós ainda quereis ir por diante
Com luctas infantis, quando sois homens ?!

(Pegando nas mãos a ambos.)

Eia, pois, filhos meos, determinai-vos
A dar por saldas vossas mutuas contas,
Que tambem são reciprocos os aggravos.
Magnanimos, heroicos, esquecei-vos
Da incomportavel, desmarcada affronta.
Nada ha mais sancto que o perdão. Na campa
Lançai de vosso pai antigos odios,
Filhos da juvenil quadra immatura,
E começai de agora um viver novo,
Ao amor, á concordia, á paz votado !

(Recua um pouco como para lhes dar espaço de se approximarem um do outro. Ambos permanecem immoveis com os olhos fitos no chão.)

CÔRO (*Caetano*).

Attentos sêde aos maternaes conselhos,
Que em verdade solemnes são seos ditos,
Baste-vos isso, e ponde termo á lucta ;
Ou, se mais vos aprás, prosegui nella :
O que acceito vos fôr, temos por justo,
Vós os senhores sois, nós os vassallos.

D. ISABEL, *Depois de estar calada por algum tempo e tendo debalde esperado alguma manifestação da parte dos filhos, prosegue com voz suffocada.*

Não sei mais que diser. Tenho esgotado

Todo o poder de exhortações e preces (1).
No tumulo jaz quem vos continha á força.
E eu, vossa mãe, fraca entre vós me sinto!
— Sois livres! conclui. Obedecendo
Ao demonio que cegos vos arrasta
Sem respeito ao altar dos deoses lares,
Convertei este paço, onde nascestes,
Em theatro dos mutuos assassinos.
Ante o materno olhar exterminai-vos,
Por vossas proprias mãos, nao por extranhas!
Corpo a corpo, como os irmãos thebanos,
Enlaçai-vos n'um circulo de ferrro,
Luctai, em furia ardendo, encarniçados.
Trocai vida por vida — venção ambos
Enterrando o punhal no peito do outro.
Nem sane tal discordia a propria morte,
Antes do fogo a ensanguentada chamma,
Que do funereo rógo ha de elevar-se,
Em bipartidas linguas se repillão,
Da vossa morte e vida atrós simulacro!

(Sáe. — Os dois irmãos permanecem no mesmo apartamento um do outro.)

OS DOIS IRMÃOS, os CÓROS

CÔRO (*Caetano*).

São palavras sómente o que ella disse;
Porem palavras taes que me quebrárão
No bronzeo peito a varonil audacia.
Eu nunca derramei propinquo sangue,

(1) VAR. — Armas d'exhortações, poder de supplicas.

Puras aos céos as mãos levanto ainda :
Vós sois irmãos, pensai no resultado.

D. CESAR, *sem encarar o irmão.*

Falla primeiro tu, que és o mais velho,
Sem desar ceder posso ao primogenito,

D. MANOEL, *na mesma posição.*

Falles embora, qu'eu de bom grado sigo
O nobre exemplo do irmão mais moço.

D. CESAR

Não é porque eu me julgue mais culpado,
Nem porque menos forte me conheça...

D. MANOEL

Sobra a D. Cesar animo : fallára
Mais sobranceiro, a se julgar mais fraco!

D. CESAR

Pois tens de teu irmão um tal conceito?

D. MANOEL

Demasiado orgulho temos ambos :
Não te humilhas jámais : eu nunca minto.

D. CESAR

Meu alto coração desdens não soffre;
Mas no furor d'exacerbados prelios,
Sei que de teo irmão pensavas nobre.

D. MANOEL

Nem queres minha morte : eu tenho provas.
Off'receo-se-te um monge a assassinar-me,
Cobarde e vil, tu ao traidor puniste! (1)

. . . .

(1) No manuscripto faltam algumas linhas que para comprehensão do entrecho dou para aqui em má prosa. :

D. CESAR *approximando-se um pouco* — Quantas desgraças teria poupado, se ha mais tempo te conhecesse!

D. MANOEL. — Se d'antes soubesse quão facil de serenar era teo coração, teria evitado as angustias por que tem passado nossa mãe.

D. CESAR. — Tinhão-me dito que eras sobremodo orgulhoso.

D. MANOEL. — É infelicidade dos grandes que os que o cercão captem-lhe a confiança.

D. CESAR *com vivacidade.* — É bem verdade, toda a culpa é dos que nos'servem!

D. MANOEL. — Que trazião-nos separados por mutuo e amargo odio.

D. CESAR. — E por toda a parte assoalhavão maledicencias.

D. MANOEL. — E envenenavão nossas acções, interpretando-as para o mal.

D. CESAR. — Entretinhão aberta a chaga que lhes cumpria curar.

D. MANOEL. — Nutrião a chamma que devião apagar.

D. CESAR. — Eramos enganados e transviados.

D. MANOEL. — Cegos instrumentos de paixões alheias que fomos!...

D. CESAR. — Certo, e para onde quer que nos voltemos só encontramos traição.....

D. MANOEL. — E falsidade : já o disse nossa mãe, pódes acredital-a.

D. CESAR. — Pois bem, quero apertar essa mão de irmão (*apresenta-lhe a mão.*)

D. MANOEL. — *apertando-a com vivacidade.* — É a tua a que mais préso no mundo. (*De mãos dadas, encarão-se em silencio.*)

D. CESAR. — Observo-te cheio d'espanto por encontrar em ti as feições queridas de minha mãe.

D. MANOEL. — Descubro por minha parte em ti parecenças que assás me commovem.

D. CESAR. — Engano-me ou serás em verdade tu que com tan

PRIMEIRO CÔRO, *para o segundo* (*Caetano*).

Que fazemos nós aqui inda estremados,
Quando amigos os principes se abração?

(*Ambos os córos se abração. — Entra um mensageiro.*)

Seguindo o seu exemplo paz t'offereço (1)
Porque havemos eterno d'odiar-nos?

OS MESMOS *e* o MENSAGEIRO

SEGUNDO CÔRO *para D. Cesar* (*Bohemundo*).

Aquelle que a pesquisas despachaste,
Vejo que volta. Parabens, D. Cesar,

ta blandicia e palavras tão boas acolhes teo irmão mais moço

D. MANOEL. — Este mancebo tão meigo e tão amistoso será por ventura aquelle malevolo e aborrecido irmão? (*Novo silencio. Olha um para o outro.*)

D. CESAR. — Pretendias possuir aquelles cavallos arabes, que erão de meo pai? Recusei-t'os.

D. MANOEL. — Se fazes empenho em ficar com elles, muito embora.

D. CESAR. — Não, cedo-t'os, bem como o carro de nosso pai. Obsecro-te que tomes conta d'elles.

D. MANOEL. — Concordo n'isso comtanto que acceites esse palacio á borda do mar, cuja posse custou-nos renhidas luctas.

D. CESAR. — Não o quero, e ficarei satisfeito em morar n'elle comtigo como bons irmãos.

D. MANOEL. — Acceito, e para que dividir os bens quando estão os corações unidos!

D. CESAR. — Para que vivermos por mais tempo separados, quando unidos seremos, cada um, mais rico?

D. MANOEL. — Não estaremos mais separados, senão unidos, (*Abraça-o estreitamente.*)

PRIMEIRO CÔRO. — Que fazemos nós aqui inda estremados.
Quando amigos ect. *Segue o mais como está no texto.*

(1) VAR. — O seo exemplo sigo e paz te offereço.

Do Mensageiro o olhar ledo scintilla,
Prósperas novas são as que te aguardão.

MENSAGEIRO

Feliz de mim! feliz desta cidade
Isenta já de maldições: meos olhos
De vêr momento tal se regosijão!
Amigos praticando, de mãos dadas,
Filhos de meo senhor, eu vejo os principes,
Que eu em combates asperos deixára!

D. CESAR

Tu vês qual brota o amor das chammas do odio,
Como das cinsas renascida phenix.

MENSAGEIRO

Eu a tal dita nova dita ajunto,
De frescas palmas meo bastão s'enflora (1)

D. CESAR, *levando-o á parte.*

Que novas trases, falla?

MENSAGEIRO

— Este dia
Reunir quanto é jocundo se me antolha.
Aquella que perdeste, a quem buscavas,
Foi achada, Senhor, nem longe pára!

D. CESAR

Achada! e onde está? Oh! dise-o prestes.

(1) Var. — De nuncio o meo bastão verde s'inflora.

MENSAGEIRO

Nesta mesma cidade ella se occulta.

D. MANOEL, *voltando para o primeiro côro.*

Alto rubor de meo irmão as faces.
Acalora, e seo olhar scintilla :
O que é não, sei, mas que se alegra noto ,
E eu com seu praser tambem me exulto.

D. CESAR, *para o Mensageiro.*

Guia-me. — Adeos, D. Manoel, té breve,
De nossa mãe nos braços nos veremos :
Negocio urgente me reclama alhures,

(Vai para sair.)

D. MANOEL

Vai : e dirija-te a fortuna os passos !

D. CESAR, *reflecte e volta.*

D. Manoel, mais do que disel-o posso,
Teu conspecto me alegra : já presinto
Que havemos ser de coração amigos,
E que mais forte e ledo vai soltar-se
O ha tanto tempo comprimido affecto :
Por mim, repararei perdidos dias.

D. MANOEL

De bellos fructos são indicio as flôres !

D. CESAR

Não é justo, bem vejo, e m'o crimino,
Que eu desde já me arranque de teos braços ;

Porem não penses que eu mais tibio sinta
Por que horas tão felizes abrevio.

D. MANOEL, *com distracção visivel*,

Obedece ao momento. D'hoje avante
Inteira nossa vida ao amor pertence.

D. CESAR

Se te revelo a que negocio parto !...

D. MANOEL

Dá-me o teo coração : guarda os segredos !

D. CESAR

Nenhum segredo mais entre nós paire ;
Cedo os ultimos véos hão de rasgar-se !

(*Voltando-se para o côro.*)

— Eu vol-o digo, afim que o saibais todos :
Jaz entre entre mim e o amado irmão extincta
A lucta : e pois como offensor declaro,
E mortal inimigo, a quem eu heide
Aborrecer, como do inferno as portas
Quem da discordia á cinsa esmorecida
Soprar a nova chamma. Não espere
Ninguem — de me aprasar, de ser-me grato.
Porque ousa diser mal do irmão querido,
Ou alem desse alvo, e simular desvellos,
Arremeça do enredo a frecha amarga.
— Sobre os labios raiz a voz não cria,
Que inopinada escapa á accesa cholera (1).

(1) VAR. — Que a paixão viva n'um momento escapa.

Mas se a colhem ouvidos suspeitosos,
Então como erva má se estende e lavra,
Té que em liames cinge, abafa o peito,
Donde provém que os bons, qu'inda os melhores
Em deploraveis desacertos ruem !

(*Torna a abraçar o irmão e sáe acompanhado do segundo côro.*)

D. MANOEL e o PRIMEIRO

CÔRO (*Caetano*).

Com surpresa, Senhor, te considero,
E para o que sóes ser hoje t'extranho.
De palavras avaro, mal respondes
Aos protestos do irmão, que affectuoso
E d'abundancia cordial te abraça!
E tu ahi 'stás em teo pensar submerso,
Semelhante a quem sonha, qual se fosse
Presente o corpo e d'aqui longe a alma!
Outro podera em ti suppôr friesa,
E d'orgulhosa condição taxar-te,
Eu porem d'insensivel não te acoimo,
Qual d'um homem feliz brilhão-te os olhos
E nos teos labios os sorrisos brincão!

D. MANOEL

Que vos posso eu diser? que responder-vos?
Póde meu irmão achar palavras
Porque o surprehende um sentimento novo (1).
Vê do peito esvair-se antigos odios,

(1) VAR. — Palavrasacha o irmão, a quem sorpreso
Desconhecido sentimento assalta.

Sente com pasmo o coração mudado!
Eu! nenhum odio mais trouxe comnigo,
Nem sei já porque rabidos luctámos!
Sobre alturas, alem do que é terreno,
Nas asas do praser vôa minha alma,
E no brilhante mar que entorno vejo,
Todas as nuvens e bulcões da vida
Tresmalhão-se e em ligeiro ether se fundem!
— Vejo estas galerias, estas salas
E o alegre temor se me afigura,
E maravilha da sorpresa esposa.
Quando com ella entrando nestes paços
Princesa e soberana heide saudal-a (1).
— Ella por ora ama sómente o amante,
O extrangeiro sem nome a quem se ha dado,
Sem suspeiter que de Messina o Principe,
D. Manoel será que a bella fronte
Com o regio diadema vai cingir-lhe!
Quanto é doce aditar a quem amamos
Com subita grandesa, pompa e brilho!
Esse praser sublime reservei-me!
Fica-lhe sempre o seo mais bello ornato;
Mas o fausto á bellesa aformosêa,
Como annel d'oiro dá realce á pedra!

CÔRO (*Caetano*).

Eu te escuto, Senhor, a vês primeira
Do aturado silencio a muda bocca
Disselando! Com olhos curiosos
Ha já bem tempo que te espreito e sigo,
Raro aventando singular segredo.

(1) VAR. — Quando a saudar Princesa e soberana
Por estes regios paços condusindo-a.

Não me atrevi porem a perguntar-te
O que em tão densos véos se me occultava!
Já não te enleva mais da alegre caça
Vivo praser, nem de corseis corridas,
Nem de falcões victoria! mas apenas
Vai-se inclinando o sol sobre o horisonte,
Dos companheiros teos somes-te aos olhos;
Nem ousa algum de nós, com quanto socios
Somos leaes em guerras e caçadas,
Na solitaria senda acompanhar-te.
Porque as glorias do amor nos recataste
Tão cioso té hoje? Ao homem forte
Póde alguem a disfarces constrangel-o?
Longe vai o temor dessa alma grande!

D. MANOEL

É alada a fortuna e fugidia,
Se aferrolhado cofre a não protege.
Por custodio o silencio lhe foi dado,
E s'indiscreta mão, antes de tempo,
Entre-abre o cofre, rapida se esquiva.
Mas o longo silencio romper quero,
E o posso agora, já tão perto do alvo;
Porque ao crastino rosicler da aurora
Hade ser minha, e do demonio a inveja
Nenhum poder exercerá commigo.
Furtivo, nunca mais hei de encontral-a,
Nunca mais roubarei do amor os fructos,
Nem alegrias colherei de assalto.
O dia de amanhã será constante,
Ao dia de hoje igual, e a minha dita
Não será qual relampago que fulge
E rapido outra vez se immerge em trevas:

Mas semelhante ás aguas d'um ribeiro,
Ou da areia a correr marcando as horas.

CÔRO (*Caetano*).

Nomeia-nos, Senhor, essa a quem deves
Ventura tal, que só assim podemos
Glorificar tua invejada escolha,
E, qual nos cumpre, honrar a augusta esposa.
Pise-nos onde a viste? onde se occulta,
Em que fundo retiro impenetravel?
Nós que no afan da caça, ao longe e ao largo
A ilha toda, e mal sabidas sendas
Percorremos folgados, não achámos
Signal que o teo segredo revelasse!
Por modo tal, que a mim só me parece
Que um novoeiro magico a recata.

D. MANOEL

Desfaço o encanto! — Á luz do sol se mostre
Quanto era occulto. Vós, ouvide attentos
Meo caso. — Cinco luas são passadas,
Reinava então meu pai, que á juventude
Com poderosa mão curvava ao jugo
A indomita cerviz. Eu, nessa quadra,
Só conhecia o trafego das armas
E o passatempo bellico da caça.
— Já tinhamos folgado o dia inteiro
Nas selvas da montanha. Eis de repente
Alva corça descubro, não mui longe.
E em quanto a sigo, do tropel me afasto.
Pelas voltas dos valles, por barrancos,
Por invios espinhaes e moitas, foge
O timido animal, e eu sempre o via

Já quasi, quasi a tiro, e nunca o pude
Nem alcançar, nem têl-o a geito d'alvo,
Até que d'um jardim galgando a porta
Sumio-se! — Do cavallo ao chão me atiro,
Vou-lhe no encalço de venab'lo erguido,
E vejo — e pasmo!... — A corça espavorida
Jaz de uma freira aos pés inda tremendo,
E a sór com brandas mãos a afaga e anima!
Immobil, d'olhos fitos no portento
O venabu'lo nas mãos conservo ainda,
Ameaçador no gesto : ella me encara,
E com pasmados olhos me supplica,
Mudos assim ficamos face a face.
Quão longo espaço foi não sei disel-o,
Que do tempo a medida me esquecera;
Mas fundo o seo olhar entrou-me n'alma,
E desde então meo coração foi outro.
— O que lhe eu disse a ella — o que em resposta
A creatura angelica tornou-me,
Não m'o perguntem. No passado a vejo
Como remota clara-escura imagem
De um sonhar infantil. Sobre o meu peito,
Voltando a mim, senti o seo pulsando.
Nisto argentinos sons ouvi d'um sino,
Talvez chamando ao côro, e quão veloces
Dissipão-se no ar sombras ligeiras,
Ella tambem aos olhos meos sumio-se!

CÔRO (*Caetano*).

A tua narração terror m'infunde!
Pois sacrilego roubo commetteste,
E macular ousaste, com desejos
Peccaminosos, do Senhor a esposa!
Sacras, terriveis são do claustro as regras!

D. MANOEL

Quanto a mim de seguir só tinha um rumo.
Fixados meos desejos inconstantes,
Do meo viver descortinára o emprego;
E qual para o nascente o peregrino
Se volta, onde almejado o sol desponta,
Buscavão meos desejos e esperanças
Dos céos aquelle ponto luminoso.
Nenhum dia, depois, se ergueo dos mares
Ou nelles se afundou, que não reunisse
Um par ditoso, — e do secreto acordo
Que os nossos corações tomado havião,
Sómente o soube o céo, que tudo enxerga,
E vio discreto a tacita ventura.
Outro auxilio qualquer não carecia :
Aureos momentos, deleitosos dias.
Não era sacrilegio a minha dita
Que a nenhum voto encorrentado havia
Seo coração, que a mim se deo p'ra sempre !

CÔRO (*Caetano*).

Assim, era-lhe o claustro asylo apenas
Da verde juventude, e não sepulchro ?

D. MANOEL

De Deos na casa era um penhor sagrado,
Que no porvir alguem reclamaria.

CÔRO (*Caetano*).

Mas de que sangue illustre ser blasona,
Porquanto nobres só provém de nobres !

D. MANOEL

Enigma á si propria tem vivido,
Ascendentes e patria não conhece!

CÔRO

Nenhum ligeiro, duvidoso indicio,
Conduz d'essa existencia á fonte ignota?

D. MANOEL

Que ella é de nobre sangue diz o homem
Q'unico sabe qual prosapia é a sua.

CÔRO (*Caetano*).

Esse homem quem é? Dise que eu posso
Talvez, sabendo tudo, aconselhar-te.

D. MANOEL

Um velho servo, que de tempo em tempo
Serve entre a filha e a mãe de medianeiro.

CÔRO

E o velho não sondaste? É bem sabido
Quanto é loquaz e timida a velhice.

D. MANOEL

Mostrar-me curioso, talvez fôra
Em risco pôr minha fortuna ignota.

CÔRO

Quando vinha porém a visital-a
De que assumptos tractava em seos colloquios?

D. MANOEL

De um futuro em que tudo se explicasse :
E nessa esperança a tinha d'anno em anno !

CÔRO (*Caetano*).

Desse tempo que tudo esplanaria
Não lhe marcava mais propinquo termo?

D. MANOEL

Sim, ha já mezes que a ameaça o velho
Com proxima mudança em seos destinos !

CÔRO (*Caetano*).

Ameaça ! dises — logo, conjecturas
Que a luz que vai brilhar te não agrada !

D. MANOEL

Pôe em susto ao feliz qualquer mudança ;
Onde lucro não ha, póde haver perda.

CÔRO (*Caetano*).

Todavia o segredo, bem que o temas,
Póde ao teo amor ser favoravel ?

D. MANOEL

E encontral-o tambem : quiz eu por isso
O mais seguro — prevenil-o em tempo.

CÔRO

Como, Senhor, grave temor me incutes !
Tão precipite feito assás m'inquieta.

D. MANOEL

Já desde o mez passado, deixa o velho
Entrever em ambages duvidosas
Que o praso que hade aos seos restituil-a
Não longe vinha. Hontem fallou mais claro :
Que ao raiar da manhã do sol vindouro
(Alludia ao sol d'hoje) seos destinos
Se havião decidir : não perco tempo,
Prestes a um proposito me atenho,
Prestes o levo ao cabo — Roubo a virgem,
E a Messina commigo a trouxe occulta !

CÔRO (*Caetano*).

Audaz, escandaloso foi tal feito :
Esta sincera increpação releva,
Que tal direito cabe á circumspecta
Velhice, quando jovens assomados
Em temerario arrojo se desmandão.

D. MANOEL

Não longe do Convento Hospitaleiro,
D'um jardim n'um recondito retiro,
Onde olhos curiosos não penetrão (1)
Acabo á pouco de a deixar, dom pressa
De vir á conclusão da paz fraterna !
Ali ficou sósinha, inquieta, em sustos,
Bem longe de cuidar qu'inda hade ver-se
Procurada com honras de Princesa,
E sobre o excelso pedestal da gloria,
Ante Messina inteira apresentada ;
Não de outra sorte ella terá de vêr-me

(1) VAR. — Que invejosos não hão de devassar-me!

Senão com fausto e insignias da Grandesa
De vós, meos cavalleiros, rodeado. (1)
De D. Manoel esposa, não permitto
Que ella sem patria e quasi aventureira
À mãe que dar-lhe quero, se approxime :
Como Princesa quero aqui trasel-a,
À côrte de meos pais com régia pompa.

CÔRO (*Caetano*).

Manda, Senhor : teos acenos aguardamos.

D. MANOEL

Eu de seos braços me arranquei ha pouco,
Mas sómente com ella heide occupar-me !
Vós outros desde já acompanhai-me
Ao Basar, onde o Mouro expõe á venda
Quanto produsem do Oriente as terras
Em ricas telas e obras primas d'arte.
— Escolhei-me as sandalias apuradas,
Dos pés mimosos protecção e ornato,
Depois, para vestido, os primorosos
Indiaticos estofos : — esses que brilhem
Da côr da neve que nos cimos do Ethna
Em distancia mais curta ao sol se offerece,
Esses qual vapôr subtil da aurora
Ao corpo esbelto e juvenil se adaptem.
D'ostre seja, entrançado em fios d'oiro,
Cinto airoso que a tunica lhe aperte
Sob os pudicos seios : logo o manto,
De seda que vistosa semelhando
Na côr e brilho á purpura fulgente

(1) VAR. — De vosso equestre côro acompanhado.

Caia da espalda em aureo broche preso. (1)
Nem as armillas esqueçais, que os braços
Torneados, com graça em gyro abranjão ;
Nem os enfeites de coraes e per'las,
Maravilhosos dons da equorea Deosa.
As madeixas segure-lhe uma c'rôa
Das mais custosas pedras encrustada.
Onde os rubins, em fogo ardendo, crusem
D'esmeraldas os lampos coloridos.
Do toucado seguro, em amplas dobras
O véo lhe penda, que as feições donosas
Como de nuvem, de clara luz circunde.
De mytho emfim a virginal capella
O todo encantador complete e crôe.

CÔRO (*Caetano*).

Cumpriremos, Senhor, de ponto em ponto
O que nos mandas. No Basar encontro exposto
E prompto já quanto enumeras.

D. MANOEL

Dentre os meos cavallos, ide, escolhei-me
O palafrem mais bello — e a côr que seja
Branca de luz qual dos corseis de Apollo !
De purpura se cubra, arnez e redeas
Com finas pedras ricamente ornados ;
Pois que á minha senhora se destina :
Vós, por vossa parte, sêde prestes
A acompanhar em larga pompa equestre

(1) VAR. — De seda, que vistosa rivalise
Na côr e brilho á purpura fulgente,
E sobre a espadua um broche d'oiro o apanhe.

Vossa Princesa ao som d'alegres trompas.
De taes aprestos a cuidar eu mesmo
Agora vou. Dois d'entre vós me sigão :
Os mais me aguardem ; porem quanto ouvistes
Guardai secreto no profundo peito
Até que do segredo eu rompa os sellos.

(*Sáe acompanhado por dois do côro*).

CÔRO (*Caetano*).

Disei-o : em que havemos d'empregar-nos,
Pois que da lucta os principes descanção.
Para encurtar a vacuidez das horas (1)
E do tempo o longor interminavel ?
Esperar ou temer, ou curar d'algo,
O homem deve om cada sol que nasce,
Por que supporte da existencia o peso
E o fastio das horas uniformes,
E com alternas refrescantes brisas
Da vida a immovel superficie agite.

UM HOMEM DO CÔRO (*Manfredo*).

Bella é a paz como um zagal amavel
Que jaz deitado de um ribeiro á margem
E entorno d'elle os brincalhões cordeiros
Pastão a relva pelo sol doirada.
Elle da flauta meigo sons desprende
Que alegres fallão da montanha aos échos.
Ou quando o sol se empurpurece á tarde
Trepida fonte lhe acalenta o somno.
Comtudo a guerra tambem tem seu preço.

(1) VAR. — Para das horas occupar o vacuo.

Ella que as sortes vai trocando aos homens :
A mim me aprás esse viver inquieto,
Esse balanço e fluctuar constante
Sobre as ondas que o asar deprime ou impolla.
Durante a paz enerva-se o guerreiro
Em ocio vão, que é da coragem campa :
E a lei, do fraco amiga, bem quisera
Nivellar tudo e faser plano o mundo !
Mas, quando ha guerra, os fortes se revelão,
Assume tudo proporções enormes,
E o covarde tambem se mostra um homem !

UM SEGUNDO HOMEM (*Berenguer*).

Pois os templos d'amor não estão abertos?
Não corre o mundo após a formosura,
Alli mora o temor, alli a esp'rança;
Aqui é rei quem mais agrada aos olhos !
O amor sabe animar nossa existencia,
Realçando-lhe as côres pardacentas.
Da espuma a filha amavel nos encurta
Encantadora os annos venturosos,
E a prosaica amarga realidade
Tece as imagens dois doirados sonhos! (1)

TERCEIRO HOMEM (*Caetano*)

De flôres se matise a primavera,
A bellesa resplenda e teça c'rôas,
Quando as melenas juvenis negrejão:
Mas á viril convem madura idade
Voltar-se ao culto de mais grave numen!

(1) VAR. — Imagens tece dos seos sonhos d'oiro.

PRIMEIRO HOMEM (*Manfredo*).

A severa Diana então sigamos,
Da caça amiga, nos silvestres coutos
Onde as negras florestas mais se obumbrão,
E os ageis gamos dos rochedos pulão;
São caçadas imagens de batalhas,
E Diana de Marte alegre esposa!
Todos são prestes ao raiar d'aurora,
Quando as sonoras trompas nos convidão
Alegremente aos valles orvalhados,
As montanhas e aos pincaros medrosos,
Para banhar os membros fatigados
Nas correntes de um ar refrigerante

SEGUNDO HOMEM (*Berenguer*).

Ou então confiemo-nos a Thetis
Cerulea Deosa, eternamente mobil,
Cujo limpido espelho nos convida
A percorrer-lhe os infinitos seios.
Uma alegre, natante fortalesa
Sobre as ondas, que dançāo, construamos.
Quem ara os verdes, crystallinos campos
Com a rapida quilha do navio,
Esse espósa a fortuna, a esse o mundo
Pertence, e colhe, sem plantar, a safra:
Porquanto o mar é da esperança o reino,
E do asar caprichoso. Aqui se torna
O rico, dentro em pouco, igual ao pobre,
E os mais pobres com principes hombreão,
Como o tufão co'a rapidez do raio
Inteira a rosa nautica percorre,
Tal se mudão aqui da vista as sortes,

Tal a fortuna gyrando
Vai o seo globo ao redor.
Sobre as ondas tudo é onda,
Sobre o mar não ha Senhor.

TERCEIRO HOMEM (*Caetano*).

Mas não só no undoso reino,
No fluxo instavel do mar,
Tambem na terra em que firme
Nas antigas repouse eternas bases
A fortuna varia sem cessar!
— Dá-me cuidado esta paz recente,
Em que eu não posso com praser fiar-me,
Nem é na lava que o vulcão vomita
Onde eu quiséra construir meos tectos.
Estes odios demais aprofundarão-se,
Factos graves demais tem occorrido
P'ra que o olvido ou perdão sanal-os possa.
O fim a tudo isto inda não vimos,
Porem presagos sonhos me atormentão (1),
Profecias não as farão meos labios,
Mas assás me desgosta este mysterio,
Este hymineo sem benção, — estas sendas
Tortuosas d'amor que a luz odeião,
E o rapto audás com violencia ao claustro.
Ama o que é bem andar caminho recto,
E mãos fructos produz a má semente.

BERENGUER

Tambem um roubo foi, como sabemos

(1) VAR. — Mas causão-me temor presagos sonhos.

Que seo máo grado trouxe ao leito infausto (1)
Do rei, que é morto, a desposada noiva
Que pertencia ao pai. O avô raivando
Sobre o culpado thalamo derrama
D'horridas maldições a temerosa
Semente! Iniquos, indisiveis feitos,
Crimes enormes esta casa esconde.

CÔRO (*Caetano*).

Sim, isto bem não começou, não póde
Ter bom fim : podeis crêr no que vos digo,
Que debaixo do sol ha de expiar-se
Qualquer feito de raiva hallucinada,
Nem por acaso ou por destino cego
Estes irmãos irados se exterminão,
Porque o materno seio praguejado
Produsir só podia lucta e odios!
Isto porem devo occultar commigo :
Calados marchão vingativos deoses :
Tempo será de lamentar desastres
Quando reaes á luz se apresentarem!

(*Sáe.*)

(Mudança de scenario. Um jardim com vista para o mar.)

BEATRIZ, *sáe de um pavilhão contiguo ao jardim. Passeia inquieta olhando para todos os lados; por fim pára e escuta.*

Não, não é elle, mas do vento o sopro
Nos cimos dos pinheiros murmurando.

(1) VAR. — Tambem um roubo foi, que assim se conta.
Que trouxe a leito réo, contra o seo grado.

Já toca o sol o termo seo, e as horas
Vejo com tardos passos caminhando !
Um sentimento de terror me assalta,
Pavor me incute este silencio vão ;
Té onde alcanção, nada vêm meos olhos,
E elle me deixa só nesta afflicção !...
— Perto, qual ruidosa catadupa
A populosa villa oiço bramindo,
E longe o mar immenso, cujas vagas
Vem nas praias morrer, surdo latindo.
No meio desta horrivel magestade,
Sinto-me fraca, de terror transida,
Vagando a esmo no infinito espaço
Como folha do tronco sacudida.
— Porque deixei minha tranquilla cella
Onde sem dôr, sem ambição vivia,
Não pobre de alegrias innocentes
Minha alma outro existir não conhecia.
Ora da vida as ondas me arrebatão,
Gigante o mundo me tomou nos braços,
E eu fiada n'um facil juramento
Todos rompi da minha infancia os laços !
— Ai triste de mim, que fiz ?
Onde é que tenho a rasão?
Como deixei arrastar-me
Por esta louca illusão ?
Rompi os véos do virginal recato.
E da piedosa cella
Ultrapassei as portas !
Acaso hallucinada
Fui presa de infernal encantamento
Para seguir o seductor ousado
Na criminosa fuga ?
Oh ! vem amado meo, porque assim tardas ?

Onde assim te demoras ?
Vem libertar minha alma combatida.
Angustias me acabrunhão,
Devorão-me remorsos. Tranquillise
Meo coração teo suspirado aspecto !
— E não devia ao homem dedicar-me,
Que só por mim s'interessou no mundo ?
Como extrangeira na vida collocada,
Já desde o berço, destino inexoravel,
Escuro véo que levantar não ouso,
Lançou-me fóra do materno amplexo.
Uma só vez a vi — essa a quem devo
Da existencia a luz, e como um sonho
A imagem della se me foi dos olhos !
— Nessa mansão de paz crescia quieta,
No ardor da vida á sombra irmanada,
Eil-o ás portas do claustro se apresenta,
Viril como um heróe, como um Deos bello,
O que eu senti palavras não n'o exprimem !
Extranho me chegou d'um mundo extranho,
Mas logo deo-se o nó indissoluvel
Como que fôra assim de todo o sempre (1).
— Tu que me deste o ser, tú me perdôa,
Se o decretado instante antecipando
Da minha propria sina fiz-me autora.
Ella me procurou, não tive escolha,
Dos muros ao través o Deos penetra.
À torre de Tesséo achou caminho,
Não perde a sua victima o destino !
Atada seja ás solitarias rochas,
Aos cimos com que os Céos sustenta o Atlas,
Um alado corsel vai lá buscal-a !

(1) Var. — Como que sempre houvesse d'antes sido.

— Não quero atrás de mim lançar meos olhos,
Não desejo outra vez o meo retiro,
Antes de amor, amante, me confio !
Qual ha ventura que mais bella seja ? !
Não conheço da vida outras doçuras,
Eu pois da minha sorte me contento !
— Não os conheço, conhecer não quero
Os que disem-se autores de meos dias,
S'elles de ti m'hão de afastar, ó amado !
Fique eu para mim propria eterno arcano,
Já quanto basta, sei, — que por ti vivo !

(*Escutando.*)

Que ! do amado o voz escuto !
Não, — era o echo sómente
E do mar retumbo surdo
Que vem quebrar-se nas praias !
Amado meo, onde estás ?
Ai de mim, porque assim tardas !
Frio terror me circumda,
Mais e mais o sol se afunda
E a soledade e meo peito
S'enlutão de mais em mais !

(*Passeiando com enquietação.*)

— Deste jardim muro em fóra
Nenhum sò passo heide dar ;
Senti um frio terror
Quando na proxima igreja
Ousei os meos pés depor !
Tocava o sino a preces
E um poderoso impulso
Do fundo da minha alma
Levou-me irresistivel
A orar no logar sancto,

E a supplicar a Deos.
— Se d'espiões fui seguida !...
Cheio d'imigos é o mundo,
E a astucia por toda a parte
Arma á innocencia piedosa
Fallaces laços com arte !
Já cruelmente o provei
Quando do asylo do claustro
No meio da turba extranha
Reprehensivel me lancei,
Naquellas festas solemnes
Do enterramento do rei !
Caro paguei minha audacia,
Foi só Deos que me salvou,
Quando o joven, o extrangeiro,
Se approximava de mim
Com olhos que chammejavão,
E olhares que me aterravão,
E me tiravão de mim !
Como qnem lia em minha alma.
De novo quando em tal penso
Sinto o terror accordar
E nunca, nunca mais pude.
Conscia da tacita culpa,
Do amado os olhos fitar.

(*Escutando.*)

Vozes no parque !
É meo amado !
Não, não é illusão que me fascina.
Eil-o vem e se approxima....
Nos seos braços
Em seo peito !

(*Vai saindo apressada, de braços abertos, para o fundo do jardim. — D. Cesar sáe-lhe ao encontro.*)

D. CESAR, BEATRIZ e o CORO

BEATRIZ, *recúa com terror.*

Triste de mim! que vejo?

(Neste momento entra o côro.)

D. CESAR

— Nada temas.

(Voltando-se para o côro.)

A mostra marcial de vossas armas
Esta bellesa amedronta!
À retaguarda pois — largo intervallo
Entre ella e vós medeie.

(Para Beatriz.)

— Nada temas.
Bellesa, pudor sacro me são caros!

(O côro se afasta. D. Cesar della approxima-se e toma-lhe a mão.)

Mas onde estavas tu? A que Deos prouve
Roubar-te aos olhos meos? Todo este tempo
Procurei-te incessante; todo o empenho
Puz em te achar; velando, em sonhos, sempre
Foste do coração meo sentir unico
Dês que nos regios funeraes do Principe
Qual luminosa apparição de um anjo
Te vi a vez primeira! Nem secreto
O poder com que a ti me encorrentavas
Te ficou sendo. A chamma de meos olhos

E os labios meos balbuciando, e o aperto
Da mão que estremecia, t'o disserão :
Do logar a severa magestade
Não permittia confissão mais clara.
Nisto o officio começa : eu de joelhos
Á devoção me entrego ; e quando ao erguer-me
Em ti rapido a vista fui cravando
Aos olhos meos já tinhas-te sumido ;
Meo coração porem após levavas
Comtigo, e as forças delle nas cadeias
D'encantamento irresistivel preso (1).
Desde então sem descanço te procuro
Nas igrejas, nas portas dos palacios,
Nos publicos logares, nos escusos,
Onde bella a innocencia ousa mostrar-se.
Vasta rede estendi de meos sequases
Sem de tantos esforços colher fructo
Té que hoje emfim de um Deos, certo, guiado,
Mais diligente, ou mais feliz um delles
Nesta proxima igreja te descobre.

(*Beatriz que até este momento se tem conservado tremula, desvia o rosto e faz um movimento de terror.*)

— Tenho-te pois e hade primeiro a vida
Deixar meo corpo, que eu de ti me aparte ;
Para fixar incontinente o acaso
E precaver-me d'infernal inveja
Perante todos estes te recebo
Esposa, e para abono da palavra
De cavalleiro a dextra aqui te offereço.

(*Apresentando-a ao côro.*)

(1) Var. — De mago encantamento aprisionado.

Não pergunto quem és ! de ti sómente,
A ti quero. Não curo saber d'outros.
A alma tens, qual tua origem, pura :
O teo primeiro olhar, disse-o — jurou-m'o,
Mas se fosse miserrimo o teo berço (1)
Serias meo amor, máo grado a sorte,
Que a liberdade de escolher, perdi-a !
— Talvez queiras saber se por ventura
Sou senhor de meos actos ; se no mundo
Tenho elevada posição, bastante
Para com braço forte erguer a amada
Ante mim ! Basta diser meo nome :
Dom Cesar sou. Nos termos de Messina
Maior do que eu ninguem !

(*Treme Beatriz de novo. Percebe-o elle, e continua após um momento de silencio.*)

Tua surpresa,
O teo silencio decoroso applaudo !
C'rôa-te as graças pudica modestia
Sim, que a bellesa a si mal se conhece,
Para si propria é um mysterio e bello !
E do immenso poder que tem se aterra.
— Vou-me : ao teo pensar te deixo entregue,
Bane d'alma o temor e os sebresaltos ;
Pois, de chofre, mesmo a fortuna assusta !
Vós porem desde já, de minha esposa,
Rainha vossa, tributai-lhe as honras :
Do alto estado seo disei-lhe o lustre.
Breve para a levar serei de volta
Com pompa de mim digna e digna della.

(*Sáe.*)

(1) Var. — Mas quando fosse humilissimo o teo berço

BEATRIZ e o CORO

CÔRO (*Bohemundo*).

Salve, ó Donzella,
Senhora amavel !
Ganhaste a c'rôa,
Tens a victoria.
Conservadora
Desta prosapia
Mais gloriosa
De heróes futuros
Eu te saúdo e salve !

ROGERIO

Salve tres veses !
Com feliz auspicio,
Tu, venturosa
Entras nessa mansão aos Deoses cara,
Vistosa e rara
De festões gloriosos,
Onde aureo sceptro em successão constante
Vai dos avós ao neto mais distante.

BOHEMUNDO

Com tua entrada
Vão se alegrar,
Da casa os penates,
E os graves, severos,
Maiores tambem.
Hebe sempre jovem
Ao limiar vem

Com aurea Victoria,
A deosa alada,
Que no throno do Eterno pendurada,
Estende as asas promptas para a gloria !

ROGERIO

Nunca o sceptro da bellesa
Dessa raça nobre sáe !
Quando morre uma princesa,
Logo nas mãos d'outra cae !
Co'o véo do pudor modesto
Co'o sinto das graças vae !
O que é, porem, maravilha,
O que não cuidei jámais
Foi vêr tão formosa filha
Junto á mais bella das mães.

BEATRIZ, *como que acordando do seo torpor.*

Triste de mim ! a que mãos
Quiz-me a desgraça traser ?
D'entre todos
Quontos vivem,
É deste de quem mais tenho a temer !
Ah ! já concebo o pavor,
O mysterioso horror
Que de mim se apoderava,
Quando ante mim se fallava
Dessa terrivel familia,
Que se extermina e se odeia,
E contra os seos proprios membros,
De amargor e furia cheia
Se encarniça ! Ai quantas veses,
Não ouvi horrorisada

A narração lastimada
Desse odio de tantas féses !
Eis que hoje o fado inimigo
De horror e sustos cheio,
A mim pobre e sem abrigo
Nesse mar d'odios me atira
Desse infortunio no meio !

(*Foge para o pavilhão do jardim.*)

CORO

BOHEMUNDO

Dos mimosos do céo invejo a sorte,
Dos que, felizes, o poder desfructão ;
É seo quanto ha de precioso e raro ?
De tudo quanto os homens mais estimão,
E em mór apreço tem, seja alto ou bello,
Colhe e respira a flôr.

ROGERIO

Quando mergulha o pescador, das per'las
Que trás, elle a mais pura escolhe !
Para o senhor fica o melhor de parte.
Do que em labor commum recolhem todos,
Cego sorteio distribue os lotes,
Mas o mais bello é seo !

BOHEMUNDO

Todas as mais vantagens lhe concedo,
Mas seo mais alto privilegio é este !
Dísso que não do mais, lhe tenho inveja —
É que d'entre as mulheres a mais bella,

Que enleva a arrouba o coração de todos,
Elle a chamou : é sua !

ROGERIO

Salta o corsario audás co'a espada em punho
No seo nocturno repentino ataque !
Homens, mulheres, o que achou, captiva,
Sacia os desregrados appetites (1) ;
Mas a mais bella das formosas poupa,
É quinhão do seu rei !

BOHEMUNDO

Vamos no entanto nós guardar a entrada,
O limiar desse retiro sancto :
Não ouse algum profano seos mysterios
Devassar, — antes nos louve o amo,
E se applauda de haver o seo theosouro
Fiado á nossa guarda.

(*Afasta-se o côro para o fundo do theatro.*)

A scena representa uma camara no interior do Palacio. D. Isabel colloca-se entre Manoel e D. Cesar.

D. ISABEL, D. MANOEL *e* D. CESAR

D. ISABEL

Eis, emfim, que esse dia venturoso,
Ha tanto desejado, luz festivo !
Dos filhos meos os corações unidos
Vejo, como lhes junto as mãos nas minhas,
E a vês primeira, em circulo tão intimo,

(1) Var. — Sacia os indomaveis appetites;

Vai ledo abrir-se o coração materno (1),
Longe o rudo tropel d'homens extranhos
Que, sempre, para a lucta aparelhados,
Mettião-se entre nós! Já meos ouvidos
Não fere mais clangor terrivel d'armas!
Como de noitibós á noite affeitos
Dos arruinados combros, onde tinhão
Com posse inveterada posto os ninhos,
O negro enxame, escurecendo o dia,
Voando foge, ao ver que chega o dono.
Exul de ha muito, ora com grita alegre
Voltando, a dar começo ao novo predio!
Tal foge o odio antigo, a tenebrosa
Comitiva, a suspeita d'olhos cavos,
Vesga, pallida inveja, e destas portas
Do Averno em busca a murmurar se partem.
Por ellas entra a paz, trasendo fausta
A confiança, a candida concordia!

(*Pausa.*)

— Mas não completo o dia d'hoje
Se um irmão fasendo-vos mais ricos,
Vos não désse demais a irmã que tendes.
Pasmais?! Leio a surpresa em vossos olhos!
Sim, filhos meos, rompo o silencio, é tempo,
Quebro o sello ao recondito segredo;
Tambem a vosso pai dei uma filha
Alem de vós. É vossa irmã mais nova,
E vive ainda! Heis de abraçal-a inda hoje!

D. CESAR

Que dises tu? Pois essa filha vive!
E nós de tal irmã nada sabemos?

(1) Var. — Ledo se expande o coração materno.

D. MANOEL

Bem me recorda ter ouvido infante
D'uma irmã nossa, que ao nascer morrera,
Do berço no sepulchro resvalando.
O vulgo o disse.

D. ISABEL

— O vulgo mente : vive.

D. CESAR

Vive, e tal segredo nos calavas !

D. ISABEL

Do meo silencio as causas justifico !
Do que então se plantou vêde ora os fructos
Para a alegre colheita sasoados !
Na verde infancia apenas, já surdião
O desacordo, as brigas lastimadas
Entre vós ! Nunca mais volva esse tempo
Que tanta dôr nos deo, e magoa tanta !
Eis. vosso pai tem certo dia um sonho
Estupendo, ominoso. Pareceo-lhe
Ver que do toro nupcial se erguião
Dois loiros, e encorpando, as densas ramas
Entrelaçavão bastas ! Logo um lyrio
A crescer, entre os dois ! O lyrio em chammas
Se torna, que nas ramas embastidas
Prendem, lá tomão fogo vigas, tecto,
Brame, serpeia, estrala, e furioso
Todo o palacio (misero espetaculo !)
Rapido alue no monstruoso incendio !
Dessa extranha visão impressionado,

Vosso pai seo oraculo consulta :
Era um arabe astrologo, em quem punha
Mais fé que a merecida. Este lhe disse,
Decifrando-lhe o sonho, que uma filha,
Se no parto uma filha me nascesse,
Havia de matar seos filhos ambos,
E que a sua raça findaria nella (1) !
D'uma filha fui mãe ! Cruel, ordena
Vosso pai, que, sem logo, a recem-nata
Do mar se atire ás ondas !... Eu prudente,
Illudindo o preceito sanguinario,
Por meio de um leal servo e discreto
Do destino impendente a ponho a salvo!

D. CESAR

Seja, quem te ajudou, feliz mil veses !
Não falta sancto ardil ao amor materno !

D. ISABEL

Do amor materno a voz imperiosa
Não foi só, que em favor da criancinha
Movêo-me a compaixão ! Divino sonho
Me viera tambem, quando ao céo prouve
Com filha tal abençoar meo seio !
Uma criança, como os anjos, linda
Vi na relva a brincar : eis da floresta
Sáe um leão, que nas cruentas fauces
De fresco o cevo (2) trás ; mas de amoravel
De manso larga-o no infantil regaço !

(1) Var. — Nella teria fim sua linhagem.

(2) O original diz « *cabra montez* » palavras que só Felinto foi capaz de metter em verso « Bem como o fato de montezes cabras » (Martyres).

Eis dos ares tambem com pandas asas,
Uma aguia desce que nas duras garras
Pavida corça trás ; mas de amoravel
De manso larga-a no infantil regaço !
E os dois, aguia e leão, agora amigos, ambos
Da criancinha aos pés jasem tranquillos !
Interpretou-me o sonho um sancto monge,
Varão piedoso, junto a quem, constante
Meo coração da vida na tormenta
Refrigerio e conselhos tem achado !
« Que eu teria uma filha (asseverou-me)
« Que dos irmãos as indoles rebeldes (1)
« Do amor na chamma ardente abrasaria !
Guardei no fundo peito essa palavra,
Mais no Deos da verdade confiando
Que no Deos da mentira ; e assim, salvei-a,
Essa do céo predestinada filha,
De benção, e penhor de meos anhelos (2),
Instrumento de paz entre meos filhos
Cujos odios reciprocos medravão.

D. MANOEL, *abraçando o irmão.*

Nossos laços de amor já se entrançarão ;
Mas póde a irmã dar-lhes um nó mais firme !

D. ISABEL

Dei ordem pois a que em logar seguro,
Longe de mim, secretamente, fosse
Por mãos extranhas educada. Eu mesma

(1) VAR. — Que as porfiosas indoles dos filhos.
(2) Filha de promissão, abençoada.
De minhas esperanças garantia.

À ventura de ver-lhe o rosto lindo,
— Sabe Deos com que ardor o suspirava ! —
Renunciei, por temor do pai severo,
Que de roás suspeita atormentado,
Tudo sombrio esquadrinhando, tinha
Malsins postados a seguir-me os passos.

D. CESAR

Ha já tres luas, que os paternos restos
Cobre-os a campa : o que impedio, Senhora,
Que a — Encoberta — ha tanto, não trouxesses
À luz, as almas nossas alegrando ? !

D. ISABEL

O que ? ! senão vossas infestas luctas (1),
Que em furia inextinguivel se elevavão
Do tumulo paterno mal fechado,
Sem á concordia dar logar nem tempo ?
Podia vossa irmã traser ao meio
De feros gladios nus ? A voz materna
Poderieis ouvir nessa desordem ?
E devia eu trasel-a, a ella, caro
Penhor de paz, de minhas esperanças
Ancora extreme e sancta, e extemporanea
No fel de vossos odios arriscal-a ?
Devia ? ! não. Convinha que primeiro
Vos visseis como irmãos, depois traser-vos,
Como um anjo de paz, a irmã dilecta !
Posso fasel-o agora, e de bom grado
O faço. Despachei meo velho servo
E por instantes sua volta aguardo !

(1) VAR. — O que?! senão vossas luctas malfadadas.

Foi tiral-a do placido refugio,
Para depôl-a no materno seio,
Para entregal-a aos fraternaes amplexos !

D. MANOEL

E não será ella a unica a quem hoje
Has de apertar contra o materno seio !
Entra o praser pelas portas todas !
Estes paços desertos vão encher-se,
Mansão tornar-se de floridas graças !
Que o meo segredo emfim é bem que o saibas (1).
Dás-me uma irmã ! Eu quero em recompensa
Com outra amavel filha enriquecer-te.
Sim, teo filho abençôa ! Já sua alma
Achou, já elegeo a companheira
Que da vida no curso hade seguil-o !
Antes que o sol que luz no mar se affunde
De D. Manoel virei traser-te a noiva.

D. ISABEL

Heide apertal-a contra o peito alegre.
Quem o meo primogenito me adita !
De sob os pés lhe nasção mil venturas !
Todas as flôres que esta vida ameigão,
Todas as glorias e alegrias della
A quem, de quantas ha maternas c'rôas,
Me apresenta a melhor, te recompensem !

D. CESAR

Das bençãos tuas o sacrario inteiro
Não dês só a teo filho primogenito !

(1) Var. — Escuta, minha mãe, o meos egredo.

Se amor benção merece, heide traser-te
Uma outra filha tambem de tal mãe digna,
Que do amor o sentimento ignoto
M'influio. Antes que o dia finde
D. Cesar hade apresentar-te a esposa !

D. MANOEL

Oh ! tu, divino amor omnipotente.
Não sem rasão te chamão rei das almas!
Curvão-se ao teo poder os elementos,
Congraças os que inimigos se combatem,
E quanto vive ás tuas leis se dobra!
Que até de meo irmão o arrebatado
Character, d'antes inflexivel, domas.
Agora creio em ti! contra o meo peito
Esperançoso como irmão te cinjo

(*Abraça D. Cesar.*)

Sem de ti duvidar, pois que amar podes!

D. ISABEL

Salve tres veses! dia venturoso
Que de uma vês o roedor cuidado
Do meo oppresso coração desterras!
Sobre columnas solidas fundada
Minha linhagem vejo! Posso agora
A inumeravel successão dos annos
Considerar com animo tranquillo.
Hontem da viuvez os véos trajando,
Hontem sem filhos, morta para o mundo
Na solidão destas desertas salas;
Hoje!... virão, na flôr da mocidade,
Com viço e graças juvenis, tres filhos
Acompanhar-me! D'entre as mães se mostre

A que se julga mais feliz com filhos
A ver se em gloria e jubilo me iguala!
— Mas... que principes são? que infantas regias
Por estas cercanias nubeis florão,
Cuja existencia ignoro? Indigna escolha
Não farião sem duvida, meos filhos!...

D. MANOEL

Permitti, minha mãe, que só por hoje
Não erga o véo, que minha dita esconde!
Raiará breve o sol que tudo explique!
Minha noiva seo dote trás no aspecto.
Verás : tem certo que hasde achal-a digna!

D. ISABEL

O character do pai, sua alma vejo
No seo morgado! Elle tambem sabia
No firme coração impraticavel
Tramar de longe, em seo pensar fechado,
E seos designios madurar comsigo.
Outorgo a curta dilação que pedes.
Porem, meo filho Cesar, estou certa
De uma filha de rei vai dar-me o nome!

D. CESAR

Circumdar-me de véos mysteriosos
Não é do meo character. Franco e aberto
Trago na frente meo pensar escripto!
Mas isso que de mim saber desejas,
Isso, querida mãe, leal t'o digo,
Nem a mim mesmo o perguntei! pergunta-se
Donde celeste a luz do sol flammeja?!
O mundo aclara, a si se manifesta,
E que provém de luz seos raios provão!

De minha amada li nos olhos limpidos,
No fundo da sua alma pude ver!
No brilhar puro a perola conheço;
Mas qual seo nome, não t'o sei diser!

D. ISABEL

Como, meo filho Cesar?! De bom grado
Ao primeiro sentir imperioso,
Como se fôra a voz do céo, te entregas?
De assomos que comporta o ardor dos annos,
Capás te julguei sempre; mas loucura...
Cega, infantil. Deixa-me ouvir primeiro
O que na escolha te guiou!

D. CESAR

— Escolha!
Escolha chamas ao poder dos astros,
Que na hora prescripta arrasta o homem
A seo fado cumprir? — Pois busquei noivas!
Não, tão futil idéa não podia
Vir-me aos sentidos na mansão da morte,
E ahi foi que a encontrei, que a vi, que amei-a!
Fora-me até então indifferente,
Menospresado o feminino sexo,
De fallas vãs, onde eu não via alguma
Igual a ti, que eu, como a Deos, respeito!
— De meo pai nas tristissimas exequias
Deo-se o caso. Na mó do povo envoltos,
Com disfarce nas vestes, bem o sabes,
Ambos ao rito funebre assistiamos!
Prudente assim mandáras, porque a chamma
De nossos odios não rompesse irosa,
Do morto as honras ultimas manchando!

— De escuro dó paramentada a nave
Da igreja, estavão telamones vinte
Com tocheiras nas mãos, do altar em roda;
Da éça o cadafalso ante elle erguido
Com negro crepe, de cruz branca em cima :
E sobre o crepe vião-se depostos
O bastão do commando, a real c'rôa,
Aureas esporas, da nobresa insignia,
E a forte espada, diamantino o pomo.
— Religioso silencio dominava!
Eis que invisivel do sublime côro,
Começa o orgão de mover-se, e o canto
De cem acordes vozes a elevar-se,
E ainda o canto vibrava... desce
O esquife, e nelle o corpo, e lentamente
Baixando vai ao subterraneo mundo!
Cobre porem o mortuario crepe,
Largo tendido o disfarçado ingresso,
E sobre a terra transitorias galas
Ficão de resto, não seguindo ao morto;
Mas nas asas seraphicas do canto
A alma sôlta para cima adeja
Da graça o fundo asylo e os céos buscando!
— Minucioso te descrevo tudo,
E trago-t'o á lembrança, por que vejas
Se em tal logar, tal acto, no meo peito
Caber podia um desejar mundano!
E esse momento foi solemne e grave
Que o arbitro elegeo da minha sorte,
E c'um raio de amor tocou minha alma.
Como isso foi?! debalde m'o pergunto!

D. ISABEL

Tudo quero saber! Nada me occultes.

D. CESAR

Como a achei junto a mim, não m'o perguntes,
Nem donde vinha! sei só que, volvendo
Acaso os olhos, quando a vi contigua.
Movêo-me o fundo d'alma um sentimento
Inexplicavel, forte, irresistivel!
Não foi do seo sorriso o feiticeiro
Encanto, nem as graças que de entorno
Ás feições lhe adejavão, nem o garbo
Do porte airoso. Do seo ser foi antes
A mais ima porção, a mais secreta
Que sujeitou-me com poder celeste,
Com magia indisivel. Nossas almas
Como que se tocavão! — sem palavras
Communicavão-se entre si : voando
D'uma a outra no ar que respiravamos.
Era-me extranha e intima comtudo.
Então, distincto ouvi dentro em minha alma :
« É essa, ou ninguem mais será na terra! »

D. MANOEL, *o interrompe com vivacidade.*

Tal é de amor o grande e sacro effeito :
Seos raios ferem, prostrão, queimão, rendem
Quando irmãs duas almas se conhecem.
Não ha hi resistir, não ha escolha,
Nos céos se atou, ninguem na terra o solta!
— Approvo, meo irmão, teo diser louvo!
Acaba de narrar meos proprios fados,
E com arte feliz o véo suspende,
Que em minha alma confuso esvoaçava.

D. ISABEL

Hão de os meos filhos percorrer a senda

Pela sorte traçada : bem o vejo.
Cae da montanha o rio gigantesco,
E cava o proprio leito, e rompe estorvos,
Sem respeitar os tramites regrados
Que lh'a prudencia d'ante-mão marcára.
Submetto-me (pois que al faser não posso)
Á forte mão dos deoses inflexiveis
Que dos meos urdem as confusas sinas.
No coração dos filhos meos confio!
É nobre o seo pensar, qual foi seo berço.

D. ISABEL, D. MANOEL, D. CESAR;
DIOGO, *apparece na porta.*

D. ISABEL

Eil-o que chega o meo leal criado!
Acerca-te!... mais perto! honrado velho.
Minha filha onde está?... Já sabem tudo,
Não ha segredo entre nós; mas falla,
Onde está? Por mais tempo não a escondas!
Para a mór alegria aparelhados
Aqui nos vês... Avia!

(*Caminhando para a porta.*)

Que tens? Que, hesitas!
Porque emmudeces? Não são esses olhos
De quem alegres novas venha dar-me (1).
Falla, por Deos! Eu tremo! Onde está ella?
Beatriz onde está?

(*Querendo sair.*)

(1) Var. — Porque emmudeces? Porque teos olhos turvos
Nenhuma feliz nova me annuncião?

D. MANOEL, *aparte, admirado.*

— Beatriz!

DIOGO, *detendo-a.*

— Parai!

D. ISABEL

Onde está? Esta angustia me suffoca!

DIOGO

Não me acompanha! não te trago a filha!

D. ISABEL

Mas porque não! Emfim por Deos te explica!

D. CESAR

Que é feito della, desgraçado? Falla!

DIOGO

Raptarão-n'a! Corsarios a levarão!
Oh! qu'eu não vira semelhante dia!

D. MANOEL

Coragem, minha mãe!

D. CESAR

— Animo! escuta
Quanto de tal desastre saber deves.

DIOGO

Prestes, como havias ordenado,
Sigo direito ao claustro, a vês extrema
Esse caminho dantes percorrido

Tantas veses por mim! Nas leves asas
Da alegria navego!

D. CESAR

— Ao caso!

D. MANOEL

— Falla!

DIOGO

E quando chego ao pateo conhecido
Do claustro, onde eu já fôra tantas veses,
E por tua filha, impaciente, inquiro,
Leio o terror pintado nos semblantes,
E, horrorisado, a horrenda nova escuto!

(*Isabel cáe sobre uma cadeira, pallida e fóra de si. — D. Manoel se esforça em soccorrel-a.*)

D. CESAR

E dises tu que Mouros a roubarão!
E quem vio Mouros? quem attesta o facto?

DIOGO

Deo-se fé de um navio de corsario
Ancorado no porto, em frente ao claustro!

D. CESAR

Nesse porto se acolhem muitas velas
Do furor da tormenta! Onde o navio?

DIOGO

Foi visto esta manhã, já no mar alto,
Com vento em popa, demandando o largo!

D. CESAR

E de outros roubos que fisessem consta?
Aos Mouros não contenta uma só presa!

DIOGO

Consta que violentos se apossarão
Dos armentos, que alli, pascendo, acharão.

D. CESAR

Como é que os claustros assaltar poderão,
Da recatada commettendo o rapto!

DIOGO

Era facil, os muros escalando,
Insinuarem-se na cerca do convento!

D. CESAR

E o ádyto das cellas devassarão?
É stricta a regra dessas pias monjas!

DIOGO

As que não são professas podem livres
Espairecer na cerca.

D. CESAR

— Ella, frequente
Desse direito usava?! Isso me dise!

DIOGO

No placido jardim se comprasia,
Frequente, é certo : não voltou só hoje!

D. CESAR, *depois de refletir alguns momentos.*

Roubo! dises! Se era, roubal-a facil,
Facil era tambem fugir por grado! (1)

IRABEL, *levantando-se.*

Foi violencia e roubo audacioso!
Nem seos deveres esquecer podia
Minha filha, e a ponto tal, que livre,
De moto proprio um seductor seguisse!
— D. Manoel, D. Cesar! eu cuidava
Uma irmã dar-vos hoje! agora vejo
Que a deverei a vosso heroico esforço!
Eia! meos filhos! vossos altos brios
Invidai! não queirão soffrer tranquillos
Que de um raptor audás seja despojo
Vossa irmã! Correi antes, tomai armas,
Aparelhai navios! estes portos
Visitai; e por estes mares todos
Ao raptor dai caça : vossa irmã trasei-me!

D. CESAR

Adeos! corro a vingal-a e descobril-a!

(Sáe. — D. Manoel, como acordando de uma profunda distracção, volta-se inquieto para Diogo.)

D. MANOEL

Desde quando a suppões desparecida?

DIOGO

Deo-se esta manhã por falta della!

(1) VAR. — Era-lhe facil voluntaria fuga!

D. MANOEL, *para D. Isabel.*

E tua filha Beatriz se chama?

D. ISABEL

E esse o nome seo; mas dá-te pressa!...

D. MANOEL

Uma pergunta mais...

D. ISABEL

— Nada perguntes!
Corre: de teo irmão imita o exemplo!

D. MANOEL

Descobre-me o logar... eu t'o supplico...

D. ISABEL *apressando-lhe a partida.*

Minhas lagrimas vê, vê quanto soffro! (1)

D. MANOEL

Em que logar tinhas a filha occulta?

D. ISABEL

Não o fôra no amago da terra!

DIOGO

Repentino temor de mim se apossa!

D. MANOEL

Temer, porque? de que? dise o que sabes!

DIOGO

Causa innocente fui talvez do rapto.

(1) VAR. — O pranto vê desta mortal augustia!

D. ISABEL

Desgraçado! revela inteiro o facto!

DIOGO

Eu t'o occultei, Senhora, na esperança
De poupar cuidados ao materno peito.
Do Principe no enterro, quando o povo,
De novidade ávido, corria
A ver o regio funeral solemne (1),
Tua filha pedio... (porque a noticia
Té dos conventos ultrapassara os muros)
Pedio, instou com supplicas ferventes
Lhe permittisse de assistir ao enterro!...
Eu, infeliz, senti-me commovido.
Involta em trajes de pesado luto
Saíu, ao funeral esteve presente!
Temo que alli, na multidão do povo,
Que de todos os lados concorria,
Aos olhos do raptor se revelasse :
Pois não recatão véos tanta bellesa!

D. MANOEL, *para si, tranquillisado.*

Feliz nova, que o peito me alivia! (2)
Ella não era! não lhe quadra a senha.

D. ISABEL

Stolido ancião, pois me trahiste!

DIOGO

Senhora, não pensei haver mal nisso.
Parecia-me entrever em tal desejo

(1) Var. — Curioso de ver a novidade
Das exequias reaes se atropelava!
(2) Var. — Este diser me desafoga o peito.

Da naturesa a voz, do sangue a força!
Do proprio céo julguei divino impulso,
Mal sabido agoureiro presentir
Que ao tumulo do pai levava a filha.
Seo piedoso dever cumprir deixei-a;
Mas da boa intenção resultou damno!

D. MANOEL, *para si.*

Porque martyrisar-me nos tormentos
Da duvida e temor? Vou ter certesa!

(*Vae para sair.*)

D. CESAR, *entrando.*

D. Manoel, eu já te sigo, espera!

D. MANOEL

Não me sigas! Ninguem ouse seguir-me!
(*Sáe.*)

D. ISABEL, D. CESAR e DIOGO

D. CESAR, *olhando admirado para o irmão que sáe.*

O que tem meo irmão? Sabes diser-m'o?

D. ISABEL

O que elle tem, não sei, que o desconheço!

D. CESAR

Vês-me tão cedo, minha mãe, de volta,
Porque no ardor do zelo, que me impelle,
Signal ou indicio me esqueceo pedir-te
Por onde a irmã captiva reconheça.
Achal-a acaso poderei, se ignoro

Donde foi que os piratas a roubarão?!
Dise-me qual de seo convento o orago.

D. ISABEL

É a Sancta Cecilia consagrado!
E por trás das florestas, que se elevão,
O Ethena vingando, pela encosta facil,
Quieto remanso de paixões se esconde!

D. CESAR

Tem animo, confia em nossos braços!
Heide traser-te a irmã; quando precise
Mares e terras revolver, buscando-a;
Inquieta-me porem pensar que deixo
A noiva entregue á protecção de extranhos,
Quando de ti sómente ouso fial-a!
Vou mandar-t'a: tu guarda-m'a. Em seo peito,
Em seo amavel coração, confio
Que a tua angustia, a tua dôr abrandem! (1)
(*Sáe.*)

D. ISABEL

Quando se ha de apagar a inveterada
Maldição, que sobre esta casa pesa!
Maligno ser de meos projectos zomba
Que no furor não dá tregoas nunca.
Tão perto já do porto bonançoso,
Tanto já na fortuna confiava,
Sentia manso o vento, o mar sereno,
E a terra ao longe a convidar-me alegre,
Tinta no rosicler do sol no occaso,

(1) Var. — Que teos desgostos, tua dôr olvides!

E eis que de um céo sem nuvens a procella
Rompe, e das vagas o furor me volve! (1)

(*Entra no interior do palacio : Diogo a acompanha.*)

A scena representa um jardim.

OS DOIS CÓROS, e por fim BEATRIZ

O côro de D. Manoel vem com vestidos de festa, adornado de corôas, acompanhando o presente do noivado acima descripto. O côro de D. Cesar quer impedir-lhe o ingresso.

PRIMEIRO CÔRO (*Caetano*)

Farias bem cedendo-me este posto!

SEGUNDO CÔRO (*Bohemundo*)

Quando mais bravos m'o pedirem, cedo!

PRIMEIRO CÔRO

Bem podias notar quanto és molesto.

SEGUNDO CÔRO

Rasão de mais : se t'importuno, fico!

PRIMEIRO CÔRO

É meo este logar! Ousas tomal-o?!

SEGUNDO CÔRO

Se ouso tomal-o!... Aqui sou eu quem manda.

(1) VAR. — Eis que do limpo céo nova borrasca
Desce, e das vagas o furor me volve.

PRIMEIRO CÔRO

De D. Manoel por ordem aqui venho.

SEGUNDO CÔRO

E eu por ordem de D. Cesar fico.

PRIMEIRO CÔRO

Ceda o mais moço a seo irmão mais velho!

SEGUNDO CÔRO

Senhor do mundo é quem primeiro o occupa!

PRIMEIRO CÔRO

Odioso rival, cede-me o campo!

SEGUNDO CÔRO

Depois que nossas armas se encontrarem!

PRIMEIRO CÔRO

Pois heide em meo caminho achar-te sempre!

SEGUNDO CÔRO

Onde mais me aprouver heide affrontar-te!

PRIMEIRO CÔRO

Que tens que malsinar nestes logares?

SEGUNDO CÔRO

E o que tens que diser, se aqui me encontras?

PRIMEIRO CÔRO

Não vim disposto a conversar comtigo!

SEGUNDO CÔRO

Eu te honrára se a ti me dirigisse!

PRIMEIRO CÔRO (*Caetano*)

Mais respeito, mancebo, á minha idade!

SEGUNDO CÔRO (*Bohemundo*)

Na idade sim, em brios não te cedo!

BEATRIZ, *entrando precipitadamente.*

Ai de mim! que pretendem estes homens!

PRIMEIRO CÔRO, *para o segundo.*

De ti, dos feros teos, curo bem pouco!

SEGUNDO CÔRO

A melhor capitão que o teo servimos!

BEATRIZ

Ai de mim! Ai! se elle viesse agora!

PRIMEIRO CÔRO

Mentes! D. Manoel o excede em tudo.

SEGUNDO CÔRO

Nas luctas fica de melhor D. Cesar.

BEATRIZ

Deve cedo chegar : é este o praso.

PRIMEIRO CÔRO

Não fosse a paz, do arrojo te doeras!

SEGUNDO CÔRO

Não fosse o medo, a paz não te impedia!

BEATRIZ

Quem m'o dera d'aqui a infindas leguas!

PRIMEIRO CÔRO

Temo a lei, não teos olhos furibundos!

SEGUNDO CÔRO

Procedes bem! a lei protege o fraco!

PRIMEIRO CÔRO

Pois começa, e verás...

SEGUNDO CÔRO

— Desnudo a espada!

BEATRIZ, *com a mais viva anciedade.*

Vão travar lucta! já os ferros brilhão!
Vós, Poderes celestes, demorai-o!
Ponde tropeços mil no seo caminho,
Uma cilada armai-lhe, um fojo, um laço,
Tudo... comtanto que elle aqui não venha!
Sanctos do céo, á quem orei fervente
De m'o traserdes, não ouvi meos rogos :
Longe, longe d'aqui, levai-lhe os passos!

(*Entra apressada : os dois córos chegão ás mãos quando D. Manoel apparece.*)

D. MANOEL e os DOIS CÓROS

D. MANOEL

Que vejo! alto!

PRIMEIRO CÔRO (*Caetano, Berengario* (1), *Manfredo*), *para o segundo.*

— Vem! chega-te agora!

(1) A principio empregou o traductor — *Berenguer*, mudando d'aqui em diante para — *Berengario* — termo por certo mais portuguez que o outro. Do EDITOR.

SEGUNDO CÔRO (*Bohemundo, Rogerio, Hyppolito*)

Levemol-os de rojo!

D. MANOEL, *pondo-se de permeio com a espada desembainhada.*

— Fasei alto.

PRIMEIRO CÔRO (*Caetano*).

È o Principe.

SEGUNDO CÔRO (*Bohemundo*)

— O Irmão! Alto! Silencio.

D. MANOEL

Mortal ferido sobre a terra estendo
A quem sómente os senhos confrangendo
Renova a lucta ou seo rival provoca!
Que insania! que demonio vos impelle...
A vigorar do odio antigo a chamma,
Que entre nós mesmos os Principes se extingue,
E para sempre vai cair no olvido?!
Quero saber quem deo principio á rixa!

PRIMEIRO CÔRO (*Caetano, Berengario*).

Estavão aqui!...

SEGUNDO CÔRO (*Rogerio, Bohemundo*), *interrompendo-os.*

— Estes vierão!...

D. MANOEL, *para o primeiro côro.*

— Falla!

PRIMEIRO CÔRO (*Caetano*).

Aqui viemos, meu Senhor, trasendo

O enxoval, que nos tinhas ordenado,
Gala trajando, e de maneira alguma,
Qual nos vês, para a lucta preparados !
Seguiamos em paz nosso caminho,
Sem mal cuidar, mas antes confiados
Na paz recente. — Eis senão quando achamos
Estes aqui de modo hostil postados...
A nos tolherem com violencia o passo !

D. MANOEL

Insensatos ! Não ha seguro asylo
Contra o vosso furor, cego e violento;
Que mesmo aqui penetrão vossos odios,
Da innocencia no placido retiro,
A perturbar-lhe a paz !

(*Para o segundo côro.*)

— Ide-vos, prestes;
Vão-se aqui dar segredos, que não soffrem
Indiscreta presença ! Ide-vos, digo !

(*O segundo côro mostra-se indeciso.*)

Por minha voz o ordena vosso chefe !
Somos um corpo só, uma só alma !
A ordem de um é de ambos. Retirai-vos.

(*Para o primeiro côro.*)

Tu fica, e guarda a entrada !

SEGUNDO CÔRO (*Bohemundo*).

— Que faremos ?
São amigos os Principes, é certo !
E se dos chefes na contenda e pleitos
Um homem se intromette officioso
Colhe exigua mercê, e arrisca muito !

Esse é dos grandes o theor constante :
Quando se cansão de luctar, depressa
Da culpa o manto sanguinoso atirão
Sobre o coitado que os servio sem dolo !
E desta arte entre si se justificão,
Por isso nossos amos lá se avenhão.
Acho de bom conselho obedecermos.

(*O segundo côro sáe. O primeiro se ordena no fundo da scena No mesmo momento sáe Beatriz e se lança nos braços de D. Manoel.*)

BEATRIZ *e* D. MANOEL

BEATRIZ

És tu ! emfim te vejo ! és meo de novo !
Cruel, que me deixaste aqui morrendo
De sustos e temor, tão longo tempo,
Tão longo ! Porem disso não tratemos !
Vejo-te agora ! Em teos queridos braços
Abrigo e amparo encontro : nada temo !
Já lá se forão !... Vamo-nos depressa,
Fujamos sem perder um só momento.

(*Quer leval-o para fóra, mas reparando nelle attentamente.*)

Que tens tu ! que me acolhes tão solemne,
Com modo tão sombrio ! De mim foges,
Como que preferisses repellir-me !
És D. Manoel ! És meo amado esposo !
Extranho-te !...

D. MANOEL

— Beatriz !

BEATRIZ

Nada ! não falles !
Tempo não é de fallas vãs, fujamos ;
Mas depressa, fujamos. São contados
Os momentos...

D. MANOEL

— Pára ! responde.

BEATRIZ

— Vamos
Antes que voltem esses homems feros !

D. MANOEL

Fica ! Esses homens nenhum mal nos fasem !

BEATRIZ

Talvez... não sabes ! porem vem, fujamos !

D. MANOEL

Protegida por mim, que temer podes ? !

BEATRIZ

Oh ! Crê-me que andão nisto homens pujantes !

D. MANOEL

Nenhum será mais do que o sou, querida !

BEATRIZ

Tu !... sôsinho contra aquelles todos !

D. MANOEL

Eu só ! Esses homens a quem temes...

BEATRIZ

Nao sabes que homens são, nem a quem servem !

D. MANOEL

Curvão-se á minha voz, sou delles chefe!

BEATRIZ

Tu és? oh! que terror me corre n'alma!

D. MANOEL

Quem sou eu, Beatriz, em fim conhece!
Erro foi teo julgar-me um cavalheiro
Pobre, incognito amante! (isso lá sempre!)
Só com amor o teo amor pagando!
O que devéras sou, o quanto posso,
De quem descendo... eis todo o meo segredo.

BEATRIZ

Não és D. Manoel! Mesquinha sorte!
Então, quem és?!

D. MANOEL

— D. Manoel me chamão,
Mas entre os de igual nome, na cidade
Sou o mais alto: — de Messina Principe.

BEATRIZ

És pois D. Manoel! És de D. Cesar
Irmão?!

D. MANOEL

— É meo irmão D. Cesar!

BEATRIZ

É teo irmão?!

D. MANOEL

Que maravilha ha nisso !
Porque temes ? Conheces a D. Cesar,
Ou alguem mais, acaso, de meo sangue ?

BEATRIZ

És D. Manoel que em odio eterno vive
Com o irmão, em combates implacaveis !...

D. MANOEL

Desde hoje amigos, como irmãos vivemos ;
Mais do que o berço o coração nos liga.

BEATRIZ

Desde hoje, amigos !

D. MANOEL

— O que pensas ? dise !
O que assim te perturba ? Acaso sabes
De minha casa mais do que o simples nome ?
Sei todo o teo segredo ? Nada calas !
Nada me escondes ? nada, inteiramente !

BEATRIZ

Que julgas tu ? que queres que eu confesse !

D. MANOEL

É que de tua mãe não me disseste
Jámais uma palavra. Quem é ella ?
Reconhecêl-a poderias, vendo-a ;
Se a descrevesse, poderias !...

BEATRIZ

Como ?
Tu a conheces ! e occultavas isso !

D. MANOEL

Ai de ti, ai de mim ! se eu a conheço !

BEATRIZ

Oh ! Ella é bondosa como a luz do dia !
Eu a tenho ante mim !... tornão-se vivas
Minhas recordações !... Do fundo d'alma
Sua imagem divina vai surgindo !
Vejo os anneis dos seos cabellos pretos
Do collo pulchro a candidez nublando,
Da fronte vejo a graciosa curva,
Dos grandes olhos limpidos o brilho,
Da voz sonora o mavioso accento !

D. MANOEL

Desgraçado de mim ! É o seo retrato !

BEATRIZ

E animo tive de fugir ! deixal-a
Nesta mesma manhã ! no proprio dia
Que para sempre nos veria unidas,
Por ti ao seo amor renunciando !

D. MANOEL

Ser-te-ha mãe a Princesa de Messina,
Vou guiar-te a seos pés. Ella te aguarda !

BEATRIZ

Que dises ? ! a tua mãe !... a de D. Cesar
Levar-me !... oh ! nunca ! nunca !

D. MANOEL

— De que temes ?

O que denota esse terror que exprimes?
Acaso minha mãe conhecerias (1)?

BEATRIZ

Oh! descoberta lastimosa, horrivel!
Oh! qu'eu não vira semelhante dia!

D. MANOEL

Que angustia é essa? Agora me conheces,
Achas no teo desconhecido um principe!

BEATRIZ

Restitue-me o meo desconhecido
Que eu com elle serei feliz n'um ermo.

D. CESAR, *de fóra.*

Levar d'aqui! que tanta gente é esta?

BEATRIZ

Deos! Esta voz! Onde esconder-me agora?

D. MANOEL

Essa voz! querida, não ouviste nunca,
Conhecêl-a não pódes!

BEATRIZ

— Oh! fujamos!
Fujamos prestes!

D. MANOEL

— Mas porque motivo?
É voz de meo irmão, que me procura:
Pasmo é certo de ver que elle aqui venha...

(1) VAR. — Ella não te será de todo extranha?

BEATRIZ

Pelos sanctos do céo, te rogo, evita-o!
Foge desse character borrascoso.
Que onde estamos ao menos, não te encontre!

D. MANOEL

O temor te allucina, não me escutas!
Pois não ouviste já que amigos somos?

BEATRIZ

Poupa-me, grande Deos, este momento!

D. MANOEL

Que presinto! que negro pensamento
Se apodera de mim?! Será possivel!
Conheces essa voz?! Pois estarias,
Beatriz?... (Mal me atrevo a perguntal-o!)
Foste ás exequias de meo pai?!

BEATRIZ

— Mesquinha! Ai triste!

D. MANOEL

Mas foste?!

BEATRIZ

— Não te enfades!

D. MANOEL

Desgraçada,

Foste?!

BEATRIZ

— Fui!

D. MANOEL

— Deos, que horror!

BEATRIZ

— Tu me perdôa!
Era um desojo por demais vehemente!
Confessei-t'o! mas, sem me responderes,
Sombrio e austero carregaste o rosto!
E assim... callei-me! mais não sei que influxo
D'astro máo, com deleite inexprimivel
Levava-me, forçada, ao cumprimento
Desse desejo d'alma. O velho servo
Auxiliou-me, e teo máo grado... fui!

(*Abraçando-o. Neste momento entra D. Cesar acompanhado de todo o côro.*)

OS DOIS CÓROS, OS DOIS IRMÃOS, BEATRIZ

SEGUNDO CÔRO (*Bohemundo*), *para D. Cesar.*

Se não nos queres crêr, crê nos teos olhos (1)!

D. CESAR. *Entra precipitadamente, e recúa horrorisado vendo o irmão.*

Illusão infernal! Que! nos seos braços?

(*Approxima-se do irmão.*)

Venenosa serpente! Assim mentias,
Illudias-me assim, co'as refalsadas
Mostras de paz?! O teo amor é esse?

(1) VAR. — Não crês em nós? Crê no que vês ao menos.!

Voz de proprio Deos era o meo odio !
Alma de serpe, falsa, ao inferno desce !

(Ferindo-o.)

D. MANOEL

Eu morro !... Beatriz... Irmão !...

(Cáe e morre. Beatriz cáe desmaiada perto delle.)

PRIMEIRO CÔRO (*Caetano*).

Soccorro !...
Morte ! assassino ! levai mãos das armas !
Lave-se em sangue o feito ensanguentado !

(Todos arrancão das espadas.)

SEGUNDO CÔRO (*Bohemundo*).

Parabens, que jaz findo o longo pleito !
Messina agora não tem mais que um chefe !

PRIMEIRO CÔRO (*Caetano, Berengario, Manfredo*).

Armas ! vingança, morte ao assassino !
Caia o traidor em holocausto ao morto.

SEGUNDO CÔRO (*Bohemundo, Rogerio, Hyppolito*).

Nada temas, Senhor, somos comtigo !

D. CESAR, *interpondo-se com dignidade entre os dois côros.*

Affastai-vos !... Deí morte ao meo contrario,
Que do meo coração leal trahia
A confiança, que a meos pés armava
O amor fraterno desdobrado em laços.
Triste, medonha perspectiva, o feito
Delata ; mas os justos céos julgarão !

PRIMEIRO CÔRO (*Caetano*).

Desgraças cáião sobre ti, Messina,
Que este horroroso feito acontecido
Dentro em teos muros foi! Caião desgraças
Sobre as mães, sobre os filhos, moços, velhos,
E sobre quantos no porvir nascerem.

D. CESAR

O lastimar vem tarde!
(*Mostrando Beatriz.*)
Soccorrei-a!
Que torne á vida! e prestes condusi-a
Longe deste logar de horror e morte!
Mais não posso deter-me, a irmã raptada
Todos os meus cuidados solicita.
— Ide com ella á minha mãe. Disei-lhe
Que é seu filho D. Cesar, quem lh'a manda!

(*D. Cesar retira-se. O segundo côro colloca Beatriz sobre um banco e a transporta para fóra da scena. O primeiro côro permanece junto ao cadaver em redor do qual, os jovens, portadores dos presentes do noivado, se ordenão tambem em simicirculo.*)

CÔRO (*Caetano*).

Nem explicar, nem comprehender posso (1)
Como tudo isto se ultimou tão prompto.
Em espirito, é certo, ha muito eu via
O espectro do terror com largos passos
Acercar-se no cruento, horrivel feito!
De horror porem me sinto transtornado,

(1) VAR. — Não sei bem como explique, não compre hendo

Quando ante os olhos meos se realisa
O que eu presago receiava apenas!
Todo o sangue nas veias se me coalha
Com tão medonho, irreparavel feito.

UM DO CÔRO (*Manfredo*).

Prorompa da aflicção a voz sentida!
    Nobre mancebo!
    Eil-o sem vida,
Na flôr dos dias seos eil-o prostrado,
E das sombras da morte circumdado,
Quando entrava das bodas no aposento!
Erga-se pois sobre esse que jaz mudo
Immensa voz de lugubre lamento!

OUTRO (*Caetano*).

    Buscar viemos
    Com pompa e festa
    A noiva honesta
Para o rito do laço conjugal!
    Trasem estes jovens
    Em sequito ornado
    Os dons do noivado,
    O rico enxoval!
Está prompta a festa, os convidados promptos,
Porém o noivo — esse não hade vir!
Nem mais hade acordal-o a dança alegre.
Que profundo é dos mortos o dormir!

TODOS

É o somno dos mortos pesado e fundo,
Não terá de acordal-o a voz da noiva,
Nem ledos sons de trompa animadora:
Hirto, insensivel, sobre o sólo jaz.

UM TERCEIRO (*Caetano*).

O que são os projectos e esperanças
Que o homem transitorio traça e nutre?
Hoje abraçados como irmãos vos via
De um só sentir no coração, nos labios!
Este sol, que tocando o seo occaso
Apenas vai, deo luz á fé jurada.
E agora jazes tu no pó envolto,
Por fratrecida mão roubado á vida,
Rasgado o peito por mortal ferida!
O que valem projectos e esperanças
Que nós, filhos caducos da hora breve,
Assentamos em um sólo mal seguro?!

CÔRO (*Berengario*).

Aos pés de tua mãe quero levar-te,
    Desventurosa carga!
Aos fios da acha homicida
    Cortemos este cypreste
E com seos ramos teça-se um esquife.
Não produsa jamais cousa com vida
O que deo fructos de morte!
Não vingue feliz crescendo, –
Não dê sombra ao viajor!
Em chão de morte nutrido
Consagre-se á morte e á dôr!

PRIMEIRO HOMEM (*Caetano*).

Mas ai do assassino! ai delle!
De furor cego eil-o vai!
Mas pelas fendas da terra
Mina o sangue, filtra e cae
No seo amago profundo!

Onde sentadas estão
Sem luz, sem cantos, sem falla,
As deosas sem compaixão !
E ellas que não se esquecem,
Que não se enganão, que julgão
Com justiça rigorosa,
As gotas d'aquelle sangue
Em negros vasos aparão;
Mexem, misturão, preparão
Ultriz peçonha horrorosa !

SEGUNDO HOMEM (*Berengario*).

Os indicios de crime cedo somem-se !
Na terra, que da luz do sol se aclara (1),
Como do rosto a contracção ligeira !
Nada porem se extingue, nem se perde
Do que as horas fatidicas correndo
No tetrico e fecundo seio albergão.
O tempo é como um agro productivo,
A naturesa é um grande Ser com vida,
E tudo nella ou é semente ou fructo !

TERCEIRO HOMEM (*Caetano*).

Mas ai do assassino ! ai delle
Que plantou mortal semente !
Tem um aspecto o crime projectado;
Consumado — tem outro differente !
Elle, intrepido e audás te encara em quanto
Odio e vingança o animo te abrasão :
Uma vez commettido, irreparavel,
Já com as faces pallidas te assombra !
Vê como as temerosas furias vibrão

(1) VAR. — Breve do crime apagão-se os indicios
Na terra pelo sol alumiada !

Como, com a sancta apparencia da justiça,
Seo coração vão sedusindo astutas!
Té que o levão á funebre catastrophe!...
Apenas porém rasga aquelle seio
Quo o gerou, que o nutrio estremecida;
Eil-as se voltão
Com sanha crua
Sobre o infeliz!
Já reconhece as temerosas virgens
Que o assassino com mão firme empolgão,
Para o não soltarem mais.
Com as serpes eternas o perseguem,
De mar em mar o acoção sem descanço,
Té do delphico templo nos umbraes!

(O côro retira-se, levando comsigo em um esquife o corpo de D. Manoel.)

Sala de columnas : a scena é alumiada de cima por uma grande alampada.

D. ISABEL *e* DIOGO, *entrando.*

D. ISABEL

Não veio algum recado de meos filhos,
Se noticia sequer da irmã tiverão?

DIOGO

Nada, Senhora, mas confia tudo
Do zelo e diligencia de teos filhos.

D. ISABEL

Tenho anciado o coração, Diogo;
Que eu podia evitar este infortunio!

DIOGO

O aguilhão do remorso não enterres
Em tua alma! Cauta, previste tudo!

D. ISABEL

Tivesse-a eu mais cedo á luz trasido,
Qual m'o ordenava occulta voz cá dentro!

DIOGO

Fora imprudencia: tu obraste cauta!
Das mãos porem de Deos pende o successo!

D. ISABEL

Onde ha praser sem mescla? — A minha dita
Fora completa a não ser este evento!

DIOGO

Adiou-se, não perdeste esta ventura.
Ora do accordo entre os teos filhos gosa!

D. ISABEL

A ambos vi, qual nunca vira d'antes,
Em cordial, estreito abraço unidos.

DIOGO

E apparencia não foi; senão lisura.
Ambos sinceros o fingir odeião!

D. ISABEL

Vejo tambem que um terno sentimento,
Um brando affecto os capta. Jubilosa
Conheci que elles honrão a quem amão.
Á vaga liberdade renunciáo,
Porem das leis não sotrahindo ao jugo;

A solta, impetuosa juventude,
No furor das paixões mantem-se castos.
Diogo! quero agora confessar-t'o :
Eu de terror, eu de cuidados cheia
Do acordar das paíxões temia eu nelles
O momento, que em indoles violentas
Facilmente o amor se torna em furia.
Se, no acervo que o odio antigo armára
De inflammavel materia, acontecesse
Cair esta sentelha — fatal chamma
Dos zelos!... Tremo só de pensar nisso!
Se aquelles dois em tudo tão contrarios,
Pela primeira vez, de modo infausto,
Logo nisto acertassem de encontrar-se...
Graças aos Deoses dou! pois essa nuvem
Negra e minaz, que sobre mim pendia,
Um anjo a dissipou! Desassombrado
Livre e facil meo peito ora respira!

DIOGO

Bem podes te jactar do que tens feito;
Com alma terna e intelligencia clara
Perfiseste o que o pai não conseguira
Com todo o seo poder! Tens essa gloria;
Mas deves tambem muito á tua estrella.

D. ISABEL

Em muitas cousas fui feliz! em muitas
Ajudou-me a ventura! Nem foi pouco
O segredo occultar tão largos annos
Ao mais sagaz do homens — illudil-o,
No peito reprimir a voz do sangue
Que, semelhante ao incendio mal tomado
Contendia violenta em romper fóra!

DIOGO

Esse favor constante da fortuna
É penhor de que tudo em bem remate.

D. ISABEL

Mas eu não bemdirei a minha estrella
Antes que o fim destes successos veja!
Vela o genio do mal que me persegue, — a fuga
De minha filha lembra-m'o de sobra!
— Quer o meo acto louves, quer censures,
Á tua lealde eu não o escondo.
Não me soffria o animo deixar-me
Ficar em ocio vão, emquanto em busca
De minha filha seos irmãos corrião.
Alguma cousa fiz; — que onde é baldado
O esforço humano, o céo se manifesta (1).

DIOGO

Dise, Senhora, o que convem que eu saiba.

D. ISABEL

Nos cimos do Ethena, em solitario alvergue
Vive pio Ermitão que os nossos velhos
O ancião da montanha appellidarão.
Mais proximo do céo que os outros homens,
Peregrinos na terra, elle a sua alma
N'aquelles ares limpidos e puros
Acrysolou; e do alto da montanha
Tem visto nestes annos derradeiros
Da sorte o jogo caprichoso, as sendas
Tortuosas da vida, e incompr'hensiveis!

(1) Var. — O esforço humano, o céo nos dá conselho.

Não lhe é da minha extranho o fado,
Que o piedoso varão tem muitas veses
Rogado ao céo por nós, e com seos rogos
Não poucas maldições tem conjurado!
Mandei-lhe sem tardança um mensageiro,
Lésto, espedito, no vigor dos annos,
Para de minha filha ter noticia,
E a sua volta á cada instante aguardo.

DIOGO

Princesa, se os meos olhos não me enganão,
Lá vem teo mensageiro a dar-se pressa.
Certo que a promptidão louvor merece.

OS MESMOS *e o* MENSAGEIRO

D. ISABEL

Nem o mal nem o bem m'o occultes. Dise
Pura verdade. Que resposta houveste
Do ancião da montanha ao meo recado?

MENSAGEIRO

Que voltasse quanto antes respondeu-me;
Já tua filha tinha sido achada!

D. ISABEL

Feliz annuncio! bocca abençoada,
Sempre conforme ao meo melhor desejo!
E a qual dos filhos meos foi concedido
Os vestigios seguir da irmã perdida?!

MENSAGEIRO

Foi de teo primogenito encontrada.

D. ISABEL

É pois D. Manoel a quem a devo!
Sempre filho de benção me foi esse!
— E ao velho tambem déste o cirio bento
Que em mimo lhe mandei, para os seos sanctos
Alumiar com elle? — Outras offrendas,
Posto que humanos peitos regosigem,
De Deos o pio servo as menospresa.

MENSAGEIRO

Tomou de minhas mãos o cirio bento
Em silencio, e subindo ao altar com elle,
Onde luz frouxa ante as imagens sacras
Via-se arder — rapido nella o accende,
Rapido o fogo communica á ermida
Onde servia a Deos ha noventa annos!

D. ISABEL

Que dises? que terror m'entranhas n'alma!

MENSAGEIRO

E por tres veses a bradar desgraça
A montanha desceo. Silencioso,
Acenou-me porem que o não seguisse,
Que nem volvesse para trás os olhos;
Cheio de assombro aqui tornei com pressa.

D. ISABEL

Em fluctuantes confusões d'angustias
De novo taes contradicções me arrojão.
Que a minha desejada filha achasse
D. Manoel, o mais velho de meos filhos,

Não póde nova tal em bem sair-me
De tão funesto agouro acompanhada!

MENSAGEIRO

Olha, Princesa, atrás de ti — que prompto
Do ancião o prognostico se cumpre;
Porque ou tudo me illude ou vês a filha
Que choravas perdida, e a quem buscavão.
Dos filhos teos escoltão-n'a os sequases.

(*Beatriz é condusida pelo segundo côro sobre uma liteira; está ainda sem sentidos nem movimento.*)

OS MESMOS, BEATRIZ *e* CORO.

CÔRO (*Bohemundo*).

Do nosso amo e Senhor, cumprindo as ordens,
Princesa, a teos pés aqui depômos
Esta donzella; assim nos foi prescripto
Fisessemos, disendo-te em seo nome
Que é teo filho D. Cesar quem t'a manda.

D. ISABEL, *corre para ella de braços abertos e recúa de terror.*

Ó céos! como está pallida! sem vida!

CÔRO (*Bohemundo*).

Vives! Hade acordar. Da-lhe só tempo
Afim que a si possa voltar do enleio,
Que seos sentidos prende.

D. ISABEL

— Minha filha!
Filha de minha dôr, dos meos cuidados,

Assim é que nos vêmos, — assim tinhas
De entrar na casa de teos pais! ó deixa
Reanimar com minha vida a tua!
Deixa-me unir-te estreitamente ao peito
Té que esse mortal gelo se dissolva!
E de novo ás arterias volva o sangue!

Para o côro.

Ma dise-me onde a achaste? Que desgraça
Aconteceo? — Como a querida filha
Vejo em tão triste lastimoso estado!

CÔRO (*Bohemundo*).

Não m'o perguntes; minha bocca é muda,
D. Cesar filho teo, do acontecido
Melhor hade informar-te. É elle quem t'a envia.

D. ISABEL

Queres diser D. Manoel, meo filho?

CÔRO (*Bohemundo*).

É teo filho D. Cesar quem t'a envia.

D. ISABEL, *dirigindo-se ao mensageiro.*

Não foi D. Manoel que disse o velho?

MENSAGEIRO

Sim, foi, Princesa; o seo diser foi esse!

D. ISABEL

Quem quer que seja, esse alegrou minh'alma!
Devo-lhe a filha, o céo lh'o pague em bençãos.
Hade pois um demonio ciumento
Deste almejado instante a dita aguar-me?
Heide eu propria conter meo rigosijo!

Vejo no lar paterno a amada filha,
Mas ella não me vê, não me conhece,
Não corresponde ao jubilo materno!
Oh! abri-vos á luz, olhos queridos,
Vós, aquecei-vos, mãos, e tu arfando
Peito, exanime agora, o ar respira!
Diogo! é minha filha! A encoberta
Por tanto tempo — a preservada, é esta!
Posso á face do mundo confessal-o! (1)

CÔRO (*Bohemundo*).

Novo, extranho terror haver suspeito
No que tenho ante mim. De pasmo cheio
De errores taes o desenloce aguardo.

D. ISABEL, *para o côro, o qual revela certo pasmo e perturbação.*

Ó duros corações empedernidos,
Essa couraça vos guarnece o peito
Que do mar semelhando asperos rollos
O praser dentro d'alma me recalca!
Debalde em torno a mim gyrando a vista
Olhos que sintão descobrir procuro.
Porque tardão meos filhos? esses podião
Sentir commigo, e eu só aqui me vejo
Como das crúas feras do deserto,
Ou de marinhos monstros, rodeada!

DIOGO

Ella abre os olhos, move-se, respira!

D. ISABEL

Respira! o teo primeiro olhar me caiba!

(1) VAR. — Posso agora ante o mundo confessal-o!

DIOGO

De novo, amedrontada, os olhos cerra.

D. ISABEL, *para o côro.*

Affastai-vos! De os ver ella se espanta.

CÔRO (*Bohemundo*), *affasta-se.*

Eu de bom grado ao seo olhar me esquivo.

DIOGO

Com sorpresa ella em ti seos olhos fita!

BEATRIZ

Onde estou eu? estas feições conheço!

D. ISABEL

Vai-lhe pouco e pouco a rasão voltando! (1)

DIOGO

Que vai ella faser? Eis se ajoelha!

BEATRIZ

De minha mãe, ó bello rosto angelico!.,.

D. ISABEL

Vem a meos braços, filha de minha alma.

BEATRIZ

Ó minha mãe! vês-me a teos pes culpada!

D. ISABEL

De novo és minha : tudo mais se esqueça.

(1) VAR. — Volta-lhe a pouco e pouco o sentimento.

DIOGO

Olha-me. Vê se estas feições conheces?

BEATRIZ

As cans honradas do fiel Diogo!

D. ISABEL

O fiel guarda de teos verdes annos.

BEATRIZ

Dos meos no seio acho-me pois de novo!

D. ISABEL

Nada ha que nos separe, excepto a morte.

BEATRIZ

Nem me hasde rejeitar em mãos de extranhos!

D. ISABEL

Não mais, estás satisfeito o fado.

BEATRIZ, *caindo-lhe nos braços.*

E é certo que nos braços teos me vejo,
Que tudo que soffri só foi um sonho!?
Pesado sonho, ó minha mãe, terrivel!
Eu o vi a meos pés assassinado!...
Mas como aqui vim ter? Não me recordo!
Feliz porém de mim! feliz! que salva
Em teos braços me vejo. Elles me querião
Levar ante a Princesa de Messina...
Antes a morte!

D. ISABEL

— Torna a ti! querida!
Essa Princesa...

BEATRIZ

Mais, por Deus, não digas!
Sinto coar-me, ouvindo o nome infausto,
N'alma gelo de morte.

D. ISABEL

— Mas escuta.

BEATRIZ

Dois filhos tem, que em odio mortal vivem!
D. Manoel e D. Cesar são chamados.

D. ISABEL

Sou essa mesma. Tua mãe conhece!

BEATRIZ

Que dises?! que palavras proferiste?

D. ISABEL

Eu, tua mãe, sou Princesa de Messina!

BEATRIZ

Mãe de D. Manoel e de D. Cesar?

D. ISABEL

E tambem tua; a teos irmãos nomeias!

BEATRIZ

Quão desgraçada sou! Que luz horrenda!

D. ISABEL

Que tens? O que te dá tão fundo abalo?

BEATRIZ, *olha como desvairada em torno de si e attenta no côro.*

São estes, são, agora os reconheço!
Não foi sonho o que eu tive! foi verdade
Horrifica! Estes forão testemunhas!
Desgraçados, disei onde occulto o deposestes!

(*Caminha cam passos rapidos para o côro, que della se affasta. Ouve-se ao longe os sons de uma marcha funebre.*)

CÔRO

Oh fado!

D. ISABEL

— Occulto — quem? o que é verdade?!
Turbados vos callais?! no vosso aspecto
Vejo que a compr'hendeis. Em vossos olhos,
De vossa voz nos raros sons truncados
Percebo o quer que seja de asiago
Pendente sobre mim a ameaçar-me!
O que é? — Quero sabel-o! Porque tendes
Os olhos cheios de terror na porta
Cravados? e que sons de lá reboão?!...

CÔRO (*Bohemundo*).

Eis chega! Tudo em mal vai explicar-se!
Tem coragem, Senhora, tem firmesa;
Com constancia supporta o que te espera
A incomportavel dôr com alma heroica!

D. ISABEL

O que é que vem? O que me espera? Escuto
Da morte os surdos sons, funebres cantos
Por casa entrando!... Onde é que estão meos filhos?

(Entra o primeiro côro transportando para a scena o cadaver de D. Manoel em um esquife, e o colloca do lado desoccupado. Sobre o esquife vem estendido um panno preto mortuario.)

D. ISABEL, BEATRIZ, DIOGO, OS CÔROS.

PRIMEIRO CÔRO (*Caetano, Berengario, Manfredo*).

Pelas ruas da cidade
Acompanhada de dôr!
Vai de rojo a infelicidade
Com olhar prescrutador.
Dos homens na casa espia.
Hoje bate ella
Nesta porta, — e alem —
Amanhã n'aquella
Sem se doer, sem perdoar alguem!
Triste mensagem
Aborrecida,
Não tem tardar,
Vem cedo ou tarde
Ao limiar
Onde esteja quem quer que tenha vida!

BERENGARIO

Quando as folhas já murchas vão caindo
Do outono na estação;
Quando da vida ao tumulo resvala
Alquebrado ancião;
A naturesa
Placida cede
Ao veso eterno,
A antiga lei!

Nada ha nisso que aos homens dê pavor,
Porém successos de horror
No mundo, tambem verás;
Sanctos laços o assassinio
Com mão violenta desfaz;
E no stygio bote a morte
Talvez se occupa a transpôr
Jovens á vida arrancados
Da mocidade na flôr!

CAETANO

Quando em castellos nuvens se amontoão,
Quando nos céos surdos trovões reboão,
Sentem-se os corações como opprimidos
E nas mãos do destino se conhecem;
Mas tambem das alturas desnublados,
Sem os trons dos trovões os raios descem;
Porisso tu nos dias da ventura
Teme o cambio traidor da sorte dura:
Não tenhas apego aos bens,
Da vida breve — matiz;
Aprende a perder, se tens,
Receia a dôr, se és feliz!

D. ISABEL

O que escuto?! O que nesse véo se occulta? (1)

(*Dá um passo para o esquife, e fica tremula e irresoluta.*)

Elle me attrahe medrosa, e d'outra parte
A fria mão do horror delle me aparta!

(*A Beatriz que se interpõe entre ella e o cadaver.*)

(1) Var. — O que escuto?! o que n'esse véo se esconde?

Deixa-me! o quer que for quero — heide vêl-o.

(*Levanta o panno e descobre o cadaver de D. Manoel.*)

Ó potestades do céo! este é meo filho!

(*Permanece horrorisada. Beatriz solta um grito de dôr, e cae junto ao esquife.*)

CÔRO (*Caetano, Berengario, Manfredo*).

Sim, desditosa mãe, esse é teo filho!
A palavra de dôr tu mesma a dises,
Não fugio a meos labios.

D. ISABEL

— Oh! meo filho!
Meo Manoel! ó compaixão eterna!
Assim me tinhas de voltar? devias
A irmã cobrar á preço do teo sangue
Do poder dos ladrões? Onde se achava
Teo irmão, que não foi em teo soccorro!
Oh! maldicto o que fez esta ferida,
Maldicto o que gerou o atrós malvado
Que meo filho matou?! Maldicta seja
A sua geração!

CÔRO

— Oh dôr! oh fado!

D. ISABEL

Esta fé me guardais, entes supernos!
Esta a vossa verdade! esta! Ai d'aquelle
Que d'animo sincero em vós confia! (1)
Porque tanto esperei, receei tanto,

(1) Var. — Que com animo liso em vós confia.

Se o resultado é este?! Vós que vejo
Aqui, em torno a mim, cheios de assombro,
Nas minhas afflicções o olhar pascendo,
Sabei por fim quaes os embustes sejão
Com que os sonhos e os auguros nos burlão,
E ninguem mais queira fiar-se em Deoses!
— Quando mãe desta filha eu me sentia!
Teve de uma vez seo pai um sonho:
Do leito nupcial via crescendo
Dois loureiros. Entre ambos se elevava
Um lyrio, o qual em fogo convertido
Das arvores se prende á rama espessa,
E, furioso e rapido, o palacio
Devora todo em monstruoso incendio!
Da sinistra visão amedrontado,
Pedio seo pai decifração a um auguro,
Um nigromante. O Magico responde:
« Que se eu d'aquella vês tivesse filha,
Elle a seos irmãos assassinando,
Poria termo á sua descendencia! »

CÔRO (*Caetano, Bohemundo*)

Princesa, tu que dises?! oh desgraça!

D. ISABEL

Ordenou pois seo pai que fosse morta!
Eu porém removi seo duro fado!
Pobre infeliz! no berço rejeitada
Do seio maternal; por que mais tarde
Aos outros seos irmãos não désse morte!
Eis que ás mãos do assassino cae um delles,
Nem foi quem o matou esta innocente!

CÔRO

Oh! desgraça! oh! desgraça!

D. ISABEL

— Fé não tive
No que assellava o cultor vão dos idolos!
Mais segura esperança me animava;
Que outra voz, que eu veridica estimava,
Desta filha me havia futurado :
« De ardente amor nos laços ella um dia
Havia unir as almas de meos filhos! »
Assim, contradictorios os oraculos
Sobre a sua cabeça acumulavão
Bençãos e maldições ao mesmo tempo.
Não a inquinou a maldição — coitada! —
Nem da benção cumprir ficou-lhe espaço!
Como esta voz mentio, mentio aquella.
Enganadores são ou enganados
Os que pretendem ler futuros casos.
Verdade ahi não ha que se descubra
Quer nos rios do inferno, em baixo, haurida,
Quer nas fontes de luz, em cima, a busques.

PRIMEIRO CÔRO (*Caetano*).

Oh desgraça! que dises! Não prosigas,
Da tua bocca os oraculos e punem;
Seos acertos no fim se manifestão.

D. ISABEL

Não, não me heide conter. Antes bem alto,
Como me pede o coração, me explico!
Porque vamos orar ás casas sanctas
E elevamos aos céos as mãos piedosas?
Pobres loucos! que próes da nossa crença
Nos resulta, quando é tão impossivel
Dobrar os Deoses, que no alto habitão

Como uma seta arremessar á lua !
O futuro aos mortaes está murado,
Nem preces ha que os céos de bronze demovão.
Se á direita ou sinistra as aves voão,
Se as estrellas assim ou al se ordenão
Da naturesa o livro é sem sentido !
O sonho é sonho sempre, e os signos mentem.

SEGUNDO CÔRO (*Bohemundo*).

Modera-te, infeliz ! Ai não prosigas !
Antes do proprio sol com cegos olhos
Negues a clara luz. Existem Deoses !
Confessa-os que elles, duros, te rodeião.

CÔRO

Existem Deoses !
Confessa-os, que elles, duros, te rodeião,

BEATRIZ

Porque, Senhora, me quiseste salva ! ? (1)
Antes á maldição me abandonasses
Que, não era eu nascida, me vexava !
Tu, myope, a ti propria te julgavas
Mais que os omnividentes atilada (2).
Que os casos d'hoje aos successivos prendem,
E os tardos fructos no porvir descobrem ?
Para teo damno e meo, e de nós todos,
Tu, criminosa, subtrahiste a presa
Que da morte os Deoses reclamado havião !
Hoje em dobro, e tresdobro elles a tomão !

(1) VAR. — O minha mãe, que me quiseste salva !
(2) VAR. — Mais perspicaz que esses que tudo enxergão.

Nem te agradeço o triste dom da vida
Para na dôr ser consumida em lagrimas !

PRIMEIRO CÔRO (*Caetano*), *vivamente commovido olhando para o lado da porta.*

Rompei feridas !
Correi, correi
Em negros jorros
Ondas de sangue,
Sai ! rompei !

BERENGARIO

As ferreas plantas
Oiço estralar,
D'horridas serpes
Sinto o silvar,
Das sevas furias reconheço o andar !

CAETANO

Desabai, paredes !
E vós, umbraes,
Cai, cai !
Ás passadas d'aquelles pés fataes !
Negros vapores
Subi, subi !
Do fundo abysmo !
Do dia as côres
Encantadoras
Em vós sumi !
Deoses, que esta casa protegestes,
Cedei o passo ás furias vingadoras !

OS MESMOS, D. CESAR

Á entrada de D. Cesar o côro divide-se e recúa espavorido para ambos os lados, como fugindo do contacto delle. D. Cesar fica só occupando o meio da scena.

BEATRIZ

Ó céos! é elle!

D. ISABEL, *adianta-se-lhe ao encontro.*

— Oh! vem, meo filho Cesar!
Olha, contempla o crime d'um facinora
Dos céos maldicto!

Condusindo-o para junto do cadaver. D. Cesar recúa de horror cobrindo o rosto.

PRIMEIRO CÔRO (*Caetano, Berengario*).

Feridas, abri-vos.
Correi, correi
Ondas de sangue,
Em negros jorros
Sai! rompei!

D. ISABEL

Estremeces de horror! eis ahi tudo
Quanto de teo irmão nos resta agora!
As minhas esperanças alli jasem,
E da vossa concordia a flôr recente
Morta em botão. Não verei fructos della!

D. CESAR

Ó minha mãe, consola-te! sinceros
Qu'riamos a paz: porem o céo quiz sangue!

D. ISABEL

Quanto o amavas, bem sei. Vi com transporte
Ennastrar-se entre vós os bellos laços!
Tu no teo coração querias mettel-o!
Dos gastos annos ressarcil-o ás largas,
Veio a morte violenta a teos extremos
Oppor-se... agora resta-te vingal-o!

D. CESAR

Vem, minha mãe, deixemos estes sitios.
Ao funebre espectaculo te arranca!

(*Quer leval-a para fóra.*)

D. ISABEL, *abraçando-o*

Mas tu vives! tu unico me restas.

BEATRIZ

Mãe infeliz, que fases!

D. CESAR

— Verte o pranto
Sobre este coração, que não perdeste
De todo o filho: o seo amor perdura
Incorruptivel no peito do teo Cesar!

PRIMEIRO CÔRO (*Caetano, Berengario, Manfredo.*)

Abri-vos, feridas!
Mudas fallai!
Em negras ondas
Rios de sangue
Rompei, jorrai!

D. ISABEL, *pegando nas mãos de ambos.*

Ó meos filhos!

D. CESAR

— Quanto enlevo de minha alma
Se apodera, de assim vêl-a em teos braços!
Essa filha te seja... quanto a outra.....

D. ISABEL, *interrompendo-o.*

Agradeço-t'a, ó filho! Tu cumpriste
O promettido: incolume a mandaste!

D. CESAR, *admirado.*

A quem dises, Senhora, que hei mandado?!

D. ISABEL

A ella, digo, — a irmã que tens presente!

D. CESAR

Minha irmã?!

D. ISABEL

— Tua irmã. Que outra mais fôra?

D. CESAR

Minha irmã?!

D. ISABEL

— Que tu proprio me mandaste.

D. CESAR

E sua irmã!...

CÔRO

— Oh! desgraça! oh! desgraça!

BEATRIZ

O minha mãe!

D. ISABEL

— Pasmada estou d'ouvir-vos ! (1)

D. CESAR

Maldicto seja o dia em que fui nado !

D. ISABEL

Que tens ? ó Deos !

D. CESAR

— Maldicto o seio (2)
Onde gerado fui ! Sejão maldictos
Teos mysterios, de taes horrores causa.
Faça-te um raio o coração pedaços;
Não o quero conter, nem mais te poupo.
Eu mesmo, sabe-o, a meo irmão dei morte.
Nos braços della o surpr'hendi. É ella
A quem amava, — a ella para esposa
Elegera, mas vendo nos seos braços
A meo irmão... agora sabes tudo !
Se ella, em verdade, é sua irmã, se é minha,
Sou réo de crime tal que não ha remorsos,
Nem penas ha, que valhão expial-o.

CÔRO (*Bohemundo*).

Elle o confessou. Tu bem n'o ouviste ?!
O pior sabes ; nada mais te é occulto !
O que predisse o hariolo se cumpre
Ninguem póde fugir ao seo destino,
Quem se empenha com artes a torcel-o (3)
É quem mais contribue a consumal-o.

(1) VAR. — Eu me admiro! falla!
(2) VAR. — Maldicto o ventre.
(3) VAR. — Quem julga que la prudencia vai torcel-a.

D. ISABEL

E que me importa a mim, se os Deoses mentem,
Se verdade praticão? Todo o damno
Me fiserão. Agora os repto
A que ainda sejão mais crueis commigo.
Quem não tem mais por que temer, não teme!
Assassinado jaz meo caro filho,
E do superste eu propria me separo:
Esse não é meo filho: é um basilisco
Que dei á luz, que alimentei aos peitos,
E ao meo filho melhor deo treda morte!
— Vem, minha filha, este logar deixemos.
Aos Deoses da vingança este palacio
Abandonemos. Um crime aqui me trouxe,
Delle me expulsa um crime. Constrangida
Entrei nelle. Entre medos habitei-o,
De desespero farta o desoccupo: (1)
Tudo isto soffro insonte, porem ficão
Os orac'los com honra, e os Deoses salvos!

(*Sáe. Diogo a acompanha.*)

BEATRIZ, D. CESAR, CORO

D. CESAR, *retendo Beatriz.*

Fica, irmã. Por tal modo não te ausentes!
Materna maldição me opprima, — brade
Seo sangue contra mim aos céos vingança —
O mundo inteiro me condemne! embora,
Mas não soffrera ser por ti maldicto!

(1) Var. — De dôr acabrunhada o deixo agora.

BEATRIZ

(*Voltando o rosto, aponta para o cadaver.*)

D. CESAR

Não foi ao teo amado a quem dei morte !
Do teo irmão, do meo, fui assassino.
Hoje, não te pertence de mais perto
O ausente, do que o irmão, que ainda vive,
Que mais que o outro compaixão merece.
Elle morreo sem mancha, e eu sou culpado !

BEATRIZ

(*Rompendo em lagrimas.*)

D. CESAR

Pranteia o irmão ! eu chorarei comtigo,
Ainda mais — vingal-o-hei. Comtudo
Não chores pelo amado. Essa vantagem
Que dás ao morto sobre mim, não soffro !
Da nossa dôr no abysmo haurir me deixa
Esta consolação unica, extrema ;
Que o outro, mais do que eu, te não pertence.
Do nosso negro fado o desenlace
Deo-nos a mesma dôr e iguaes direitos.
Na mesma rede involtos, tres amados
Conjuntos, vão unidos sossobrando,
E igual lhes cabe, triste jus ás lagrimas.
Quando penso, porem, que esse teo pranto
Menos respeita o irmão que o teo querido,
Cholera e inveja á minha dôr se mesclão,
E ao meo tormento o extremo alivio roubão.
Já não podera então, qual bem quisera,
Sagrar alegre victima a seos manes ;

E comtudo minha alma remontára
Docemente após elle, mal soubesse
Que as minhas cinzas tu juntando ás suas
N'uma só urna guardarás piedosa (1).

(*Abraçando-a com apaixonada vivacidade.*)

A ti amei, qual nunca amára d'antes!
Quando pessoa extranha te julgava,
E porque te amei cego e sobre tudo,
Do fratricida a maldição me pesa!
E o meo amor por ti foi só um crime!
Hoje, que és minha irmã, de ti reclamo
Fraterno dó como um tributo sancto!

(*Interroga-a cheio de ancia com os olhos, depois, aparta-se vivamente della.*)

Não, não! ver taes lagrimas não posso!
Ante este morto falta-me a coragem,
E dúvida cruel me rasga o peito!
— Deixa-me em erro. Chóra ás escondidas,
Nem mais me vejas! Nunca mais! não quero
Vêr-vos — a ti nem a tua mãe! oh! que ella
Nunca me teve amor! Por fim trahio-a
Seo coração, que a dôr desferrolhára.
Seo melhor filho ella o chamou, de forma
Que a vida inteira usou disfarce e engano! (2)
— E tu, como ella, és falsa! Odeia ás claras,
É vão fingir! Meo execrado aspecto
Não terás mais de ver. Vai — para sempre.

(*Sáe. Ella fica perplexa, entregue a uma lucta interior, depois resoluta sae.*)

(1) VAR. — Que em urna funeraria as cinzas d'ambos
Havias tu de recolher piedosa.
(2) VAR. — Que toda a vida andou disfarce usando.

CÔRO (*Caetano*).

Nas montanhas se póde ser livre.
Dos abysmos o sopro empestado
Não remonta ás mais puras regiões.
Este mundo é em tudo acabado,
É perfeito onde quer que não chegão
As miserias de humanas paixões.
— Ah! quanto ditoso é — quão bem fadado
Quem d'agreste viver n'amena paz
Longe se vê dos turbilhões do mundo,
E como tenro infante debruçado.
Da naturesa no regaço jaz!
Que o coração nos paços dos senhores
Trago sempre apertado,
Porque no breve perpassar d'uma hora
Cahidos os melhores
Vejo, e os mais mimosos da fortuna
Dos cimos da grandesa enganadora (1).

Tambem andou prudente
Quem contra as tempestades desta vida,
A tempo, cauto,
Na paz dos claustros foi buscar guarida.

Esse lançou de si glorias mentidas!
Vaidades insensatas,
Ambições nunca fartas
Tral-as n'alma tranquilla adormecidas!

(1) Var. — Que trago o coração acabrunhado
Nos atrios dos senhores
Onde vejo os mimosos da ventura
Cair, no breve prepassar d'uma hora,
Dos cimos da fortuna enganadora!

Já não o arrasta o turbilhão da vida.
Nem das paixões o impeto violento;
Não se retracta
Da humanidade a miseranda historia
No humilde seo pacifico aposento.
O crime, como a desgraça
Só até mediana altura
Chega e dahi não passa.
Assim a péste os cimos empinados
Evita, e na planura
Derrama a assolação, o susto e a morte!

D. CESAR, CORO

D. CESAR, *com aspecto mais firme.*

Por mais só esta vês usar aprás-me
Do supremo poder, em quanto os restos
Mortaes do caro irmão entrego á terra,
Com o fausto e pompa que se deve aos mortos (1).
Ouvi pois os meos graves mandamentos,
E, como vol-o ordeno, assim cumpri-o
Á risca. — Deveis ter ainda em lembrança
As exequias, não ha muito celebradas,
Quando de vosso Principe o cadaver
Ao seo final jazigo acompanhastes.
Do funebre carpir por estes paços
Apenas cessa o echo — e outro finado
Urge atrás do primeiro, e por tal forma,
Que podem quasi as tochas accender-se
Umas n'outras, e os prestitos funereos
Pelos degráos da escada abalroar-se.

(1) Var. — Com o lusimento que se deve aos mortos.

— Dai ordem pois a igual solemnidade
Do castello na igreja, onde repousão
Os restos de meo pai : sem arruido
E trancadas as portas, no mais, tudo
Como já então se fez, faça-se agora (1).

CÔRO (*Bohemundo*).

Prestes, Senhor, verás completa a obra,
Qu'inda está levantado o catafalco,
Dessa festa solemne moimento;
O edificio da morte jaz intacto (2)

D. CESAR

Bom agouro não foi deixar-se hiante
Dos vivos na mansão a sepultura.
Como foi que, perfeito o rito sacro,
Não se desfez a fábrica ominosa?

CÔRO (*Bohemundo*).

As desgraças do tempo, as tristes rixas
Que logo após surgirão, dividindo
Messina, destrahirão-nos do morto,
Solitario ficou, cerrado o templo.

D. CESAR

À obra pois dai pressa. Inda esta noite
Se completem os lugubres aprestos!
Ache o proximo sol limpo de crimes
O paço, e geração mais leda adore!

(*Sae o segundo côro, levando comsigo o corpo de D. Manoel.*)

(1) Var. — Qual já se fez, de novo se execute
(2) Var. — Ninguem tocou nas construcções da morte

PRIMEIRO CÔRO (*Caetano*).

E deverei chamar piedosos monges
Que os officios, segundo manda a Igreja,
Resem dos mortos, e a descanço eterno
Os convide nos canticos sagrados?

D. CESAR

Sobre os nossos sarcophagos reboem
Pios carmes, eterno, á luz dos cirios;
Hoje porem não são mister, que odeia
Sangrento morto os ritos do sepulchro.

CÔRO (*Caetano*).

Feito de sangue contra ti violento
Não resolvas, Senhor, com desespero.
Não ha no mundo quem punir te possa;
Contricta penitencia os céos applaca.

D. CESAR

Se não ha quem por lei punir-me possa,
Justo castigo devo eu mesmo impor-me.
Acceita o céo contricta penitencia,
Mas o sangue vertido pede sangue.

CÔRO (*Caetano*).

A enchente de afflicções que os teos enluctão
Deves cortar, não juntar dôr ás dôres.

D. CESAR

A antiga maldição rompo morrendo,
A morte voluntaria abranda o fado.

CÔRO (*Caetano*).

A orfã terra por senhor te deves,
Pois que a privaste do outro soberano.

D. CESAR

Da morte aos numes pagarei primeiro
Meo debito; outro Deos cure dos vivos...

CÔRO (*Caetano*).

Em quanto o sol nos luz, brilha a esperança,
Com a morte porem se esvae: reflecte!

D. CESAR

E tu, cumpre callado os teos deveres,
E obedecer-me deixa áquella força
Que me arrasta precipite. O ditoso
Da minha alma no fundo ler não póde!
E se em mim respeitoso não acatas
Teo soberano; o malfeitor receia
A quem medonha maldição remorde:
Honra a cabeça do infeliz que é sacra
Té mesmo aos Deoses. Quem houver soffrido
E amargurado n'alma o que eu padeço
Não tem mais contas que prestar na terra.

D. ISABEL, D. CESAR, CORO

D. ISABEL, *entra com passo tremulo, e lança olhares irresolutos sobre D. Cesar; approxima-se por ultimo delle e falla-lhe com segurança.*

Que nunca mais os olhos meos te vissem,
Assim na minha dôr me promettia,

Mas nos ares dissipão-se os projectos
Que uma mãe com furor descaroavel
Faz contra a voz do coração. Meo filho,
Dos ermos aposentos onde cevo
Minhas tristesas — um rumor sinistro
Me chama. Devo eu crêl-o? Será certo
Que um dia só me roubará dois filhos?

CÔRO, (*Caetano*).

Tu decidido o vês, d'animo forte,
A penetrar com voluntarios passos
Da morte na mansão. Ensaia agora
Que poder tem o sangue — qual a força
De patheticas supplicas maternas!
Minhas persuasões forão baldadas.

D. ISABEL

Revoco a maldição desnaturada
Que na furia de um cego desespero
Derramei sobre a tua cara fronte:
Que mãe, do seo proprio ventre ao filho
Entre dôres parido, amaldiçoa?!
Supplicas: lá da abobada lusente
Ellas, prenhes de lagrimas, recahem.
Vive; prefiro ver o assassino
De um filho — a ter de prantear por ambos.

D. CESAR

Não bem reflectes, mãe, no que desejas
Para ti mesmo e para mim. Não posso
Viver mais entre os vivos. Quando o aspecto
Do assassino, que os Deoses aborrecem,
Podesses supportar; eu não soffrera
Da tua eterna dôr as mudas queixas.

D. ISABEL

Não te molestará nenhum queixume,
Nenhuma exprobação hade pungir-te
Té que mais tarde, em placida tristesa
Resolvesse-me a dôr! Velado o crime,
Juntos nosso infortunio carpiremos.

D. CESAR, *pega-lhe na mão, e com voz branda.*

Assim terá de acontecer, qual dises:
Hade em branda tristesa transformar-se
A tua dôr. Mas quando um monumento
Encerrar juntos — o assassino e o morto —
Quando uma pedra sobre as cinzas de ambos
Arquear-se em abobada: o destino
Hade applacar-se então. Entre os teos filhos
Nenhum descrime hasde faser; e os prantos
Que esses teos bellos olhos derramarem
Ao mesmo tempo correrão por ambos.
È valiosa intercessora a morte!
Ella, as chammas da cholera dissipa,
Os odios mata, e a compaixão amiga,
Mudada em estatua d'uma irmã que chora,
Sobre a urna funerea se debruça
Em carinhoso abraço. Não me estorves,
Antes morrer me deixa, ó minha mãe,
E abonançar com minha morte o fado (1)

D. ISABEL

De santos milagrosos a Igreja é rica!
Dorido coração volva-se a elles
Afim de achar descanço. No Loreto

(1) VAR. — O minha mãe, não venhas estorvar-me,
Morrer me deixa e abonançar o fado.

Peso de graves crimes se aligeira (1),
E virtude do céo abençoada
Expira em torno do sepulchro sancto
Que o mundo remio todo. Tambem valem
Não pouco as orações d'almas piedosas
Ante a face de Deos, ricas de merito;
E por fim no logar do assassinato
Póde expiatorio erguer-se um templo!

D. CESAR

Do coração póde extrahir-se a frecha,
Mas o ferido nunca mais se cura.
Piva quem o poder viver contricto
De compunção, de acerbas austeresas.
Na expiação tenás de eterna culpa.
Eu, Senhora, por mim não posso tanto.
Não sei viver de coração sangrado.
Alegre quero olhar os que são ledos,
E com animo livre remontar-me
Às alturas do céo...
Se a inveja empeçonhava a minha vida,
Ambos iguaes o teo amor fruindo,
Pensas que heide soffrer-lhe essa vantagem
Que sobre mim teos prantos lhe conferem?
É a morte um crysol que purifica
A nós mortaes, no seo palacio eterno
Dá-nos um brilho adamantino, e gasta
As manchas da imperfeita humanidade.
Longe, como da terra os astros distão.
Elle, acima de mim, brilha sublime.
E se o odio nos trouxe desunidos,
Quando eramos iguaes e irmãos — agora

(1) Var. — Graves crimes se tem̃ aligeirado.

Hade, sem pausa, o coração roer-me,
Quando elle, conquistando a eternidade,
Fóra das luctas deste mundo, vôa
Na voz dos homens semelhante a um Nume.

D. ISABEL

Ó Céos! pois eu chamei-vos a Messina
Para que houvesse de enterrar-vos ambos?
Congraçar-vos foi todo o meo empenho (1);
Porem sinal fatal os meos desejos
Transforma contra mim nos seos oppostos!

D. CESAR

O resultado sem rasão criminas!
Assim, cumprem-se os fados! Nestas portas
Anciosas de paz, nós dois entramos,
Agora em paz descançaremos ambos,
E sempre amigos — na mansão da morte.

D. ISABEL

Vive, meo filho! Tua mãe não deixes
Sem amigos na terra do extrangeiro,
Á mercê, aos baldões d'homens sem alma,
Que o valor já não temem de seos filhos!

D. CESAR

Se o mundo frio e duro te escarnece,
Vai junto ao nosso tumulo acolher-te,
E a divindade invoca de teos filhos;
Somos Deoses então, nós te escutamos.
E qual celestes gemeos, aos marujos

(1) Var. — Conciliar-vos, sim, foi meo intento.

Constellação propicia, acudiremos
A confortar e roborar tua alma. (1)

D. ISABEL

Vive, meo filho! Vive, eu t'o supplico!
É-me insoffrivel perder tudo.

(*Abraça-o apaixonadamente. D. Cesar, soltando-se sem violencia, e voltando o rosto estende-lhe a mão.*)

D. CESAR

Adeos!

D. ISABEL

Ah! bem vejo agora magoada
Quão pouco tua mãe de ti consegue!
Mas outra voz não haverá mais doce,
Que mais que a minha o coração te mova?

(*Approxima-se á entrada da scena.*)

Vem, minha filha; pois se o irmão, que é morto
Com tanta força para a morte o arrasta,
A voz da irmã querida por ventura
Co'os encantos das bellas esperanças
Póde chamal-o aos gosos da existencia!

BEATRIZ, *apparencendo á entrada da scena.*
D. ISABEL, D. CESAR, *e* o CORO.

D. CESAR, *profundamente commovido á vista da irmã cobre o rosto com as mãos.*

Ó minha mãe! que fases? que excogitas?

(1) VAR. — A consolar-te e a vigorar tua alma.

D. ISABEL, *trasendo-a para o meio da scena.*

Eu, bem que sua mãe, baldei meos rogos.
Exora-lhe tu, conjura-lhe que viva!

D. CESAR

Astuciosa mãe! assim me tentas!
Queres a novas luctas arrojar-me?
Faser-me a luz do sol inda mais cara
No meo caminho para a noite infinda!?
Eil-o, ante mim, o pulchro anjo da vida
Mil flôres odorosas espargindo,
A meos passos, e mil doirados fructos
Jorrão da inexgotavel cornucopia!
Do sol aos quentes raios se dilata
Minha alma, e eis no morto peito acorda
A esperança outra vez e o amor da vida!...

D. ISABEL

Pede-lhe. A ti ou a ninguem mais attende :
Que nos não roube — a ti e a mim — o arrimo.

BEATRIZ

Uma victima reclama o caro morto :
Elle a terá, Senhora, mas contente
Que a victima seja eu! Votada á morte
Antes de ver a luz da vida, clama
Por mim a maldição, que vos persegue,
É roubo ao céo este viver que vivo!
Fui eu quem o matei, eu de seos odios
As furias acordei adormecidas :
É justo pois que os manes seos applaque.

CÔRO (*Caetano*).

Ó desditosa mãe! Atrás da morte
Correm teos filhos ambos apostados!
E aqui te deixão só e abandonada
No ermo da vida, sem amor, sem gosos!

BEATRIZ

Tu, irmão, poupa os dias teos queridos,
Para tua mãe, vive! Elle do filho
Carece; mas da filha, que achou hoje,
Pois nunca a possuio, a perda é leve!

D. CESAR, *para a mãe, com profunda dôr.*

Pouco lhe importa a nossa vida ou morte,
Comtanto que ella se reúna ao amado!

BEATRIZ

Pois invejas do irmão as frias cinzas?

D. CESAR

Elle vive em tua dôr vida ditosa!
Au eterno serei morto entre os mortos!

BEATRIZ

Ó irmão!...

D. CESAR, *com expressão de viva ternura.*

Será por mim que choras?!

BEATRIZ

Para nossa mãe vive!

D. CESAR, *solta-lhe a mão, e recúa.*

Para ella?!

BEATRIZ, *reclinando-se em seo seio.*

Para ella vive, e tua irmã conforta!

CÔRO (*Bohemundo*).

Ella venceo! ás supplicas tocantes
Não pôde resistir da irmã querida.
Mãe infeliz, dá largas á esperança!
Já prefere viver : fica-te um filho!

(*Neste momento ouve-se o canto das preces. Abre-se de par em par a porta do fundo, e vê-se a capella, e a eça erigida, e cercada de tocheiros accesos.*)

D. CESAR, *voltando-se para o sarcophago.*

Não, irmão, tua victima não quero
Roubar-te. Tua voz da sepultura
Mais poderosa que os maternos prantos,
Mais que do amor as supplicas me atrahem!
Tenho em meos braços quanto nesta vida
Minha sorte a dos Deoses igualara!
Mas ditoso chamas-me, eu, o assassino,
Tua sancta innocencia no sepulchro
Jasendo inulta!... Oh! jamais permitta
Da nossa vida o arbitro supremo
Tão iniqua partilha no seo mundo.
— Vi lagrimas tambem por mim choradas,
Satisfez-se o meo voto : eu já te sigo.

(*Fere-se com um punhal e titubante vae cair aos pés da irmã, que se lança nos braçosda mãe.*)

CÔRO (*Caetano depois de profundo silencio.*)

Abalado me sinto, e mal vislumbro

Se lastima, ou louvor, seo fim merece.
Isto porém conheço, e vejo claro :
Que se o maior dos bens não é a vida,
Dos males o pior de certo é o crime!

20 de Junho de 1862 (a bordo do
CONDÉ em viagem no Mediterraneo).

FIM

POESIAS LYRICAS

A TRISTE FLOR

DE VICTOR HUGO

(Tradusido do francez.)

Á linda borboleta alli-brilhante
A flôr disia assim :
Que differentes somos! Vês que eu fico,
E tu foges de mim!

Nós vivemos comtudo sem os homens,
Sem elles nos amamos,
E ambas formosas, ambas flôres, disem
Que nós nos semilhamos,

Mas o ar te conduz!... e eu fico presa!
Que fado o meo!
Com meo perfume antes soprar quisera
No céo — o vôo teo.

Mas não, que longe vais!... por entre as flôres
Me vais fugindo.
E eu fico a ver-me a sombra que na terra
Se está bulindo.

Vais e voltas e foges para longe
Mais caprichosa :
Assim m'encontras sempre a cada aurora
Toda chorosa.

Ah ! por que d'ora a vante não soffshould
Magoas cruas,
Como eu, cria raiz, — ou presta-me asas,
Como as tuas.

Ou rosa ou borboleta, — a morte cedo
Nos vem buscar,
Não esperemos, não : vivamos juntas
N'um só logar.

N'um só logar, ou sejão mansos ares,
Se alli te exaltas;
Ou sejão campos, se é alli que a relva
De pranto esmaltas!

Não importa o logar! — o quer que sejas,
Alento ou côr,
Ou corola orvalhada, ou borboleta,
Ou asa ou flôr.

Vivamos juntas, onde mais te agrade :
Pouco importa o logar :
Que ou seja terra céo, estando juntas,
Nos havemos de amar.

PROFECIA DO TEJO

(*Trad. do hespanhol.*)

Folgava el-rei Rodrigo
Com a formosa Cava — na ribeira
Do Padre Tejo amigo!
O rio — a sobranceira
Fronte eleva, e lhe diz desta maneira!

« Em hora infausta goses
Do roubo injusto, ó rei! que o arruido
Escuto já, e as voses
E as armas e o bramido
De Marte, — de furor e armas cingido!

« Ah! quanto essa alegria
De prantos está cheia!... E essa formosa
(Nascida em triste dia),
Á Hespanha, ai! quão custosa!
Quanto ao sceptro dos Godos lastimosa!

« Chammas, e luto e guerras,
Mortes e assolações e duros males

Nos braços teos encerras!
Trabalhos immortaes
A ti, e a teos vassallos naturaes;

« Aos que em Constantina
Rompem o fertil sólo, — a quantos banha
O Ebro, e á visinha
Sansuenha, e á Lusitania
E a toda triste e dilatada Hespanha!

« Já lá de Cadiz chama
O injuriado Conde (que á vingança
Attende, e não á fama)
A barbara pujança
De quem para teo mal tem tardança!

« Ouve que o céo já toca
Com temeroso som a trompa fera,
Que em Africa convoca
Os moiros á bandeira,
Que livre ao ar desdobra-se ligeira!

« A lança já maneja
O arabe cruel, e fere os ventos,
Incitando á peleja
Innumeraveis centos
D'esquadras juntas em alguns momentos!

« A gente cobre o sólo!
Já debaixo das velas desparece
O mar, — a voz ao polo
Confusa e vária cresce:
O pó encobre o dia e o escurece!

« Ai, que já pressurosos
Sobem as largas náos! — ai que já tendem
Os braços vigorosos
Aos remos, — e já rendem
Os crespos mares, que robustos fendem!

« O Eolo direito
De pôpa infuna a vela; e larga entrada
D'Hercules pelo estreito,
Em hora malfadada,
O grão Padre Neptuno off'rece á armada.

« Ai, triste! inda te prende
O regaço ominoso?! — nem chamado
Ao grande mal que pende
Acodes! — Pois tomado
Não vês o porto a Hercules sagrado?!

« Oh! corre sem demora!
Desce da serra altiva, occupa o plano:
Não perdôes á espora,
Foge ao ocio tyranno,
Qu'ora convém brandir o ferro insano!

« Ai! quão dura fadiga!
Ai! quanto de suor vê-se imminente
A quem veste loriga.
Ao infante valente,
Aos homens e aos cavallos juntamente!

« E tu, Betis divino,
De sangue alheio e teo todo madchado,
Quanto ao mar visinho

Vais dar d'elmo quebrado,
Quanto corpo de nobres destroçado!

« O furibundo Marte
Cinco vezes as sortes desordena,
Iguaes de parte a parte :
Na sexta, ai! te condemna,
Ó cara patria, a dura e servil pena! »

TENS JOIAS E DIAMANTES

DE H. HEINE

(*Trad. do allemão.*)

Tens joias e diamantes,
Quaes não tem tuas rivaes,
Tens os mais bellos dos olhos...
Amor, que desejas mais?

E sobre esses olhos bellos
Já de carmes immortaes
Tenho composto volumes...
Amor, que desejas mais?!

E com esses olhos bellos,
Até não quereres mais,
Tens-me posto á dependura...
Amor, que desejas mais?!

VEM, Ó BELLA GONDOLEIRA

DE H. HEINE

(*Trad. do allemão.*)

Vem, ó bella gondoleira!
Ferra a vela, — junto a mim
Te assenta... Quero as mãos dadas.
E conversemos assim.

Põe no meo peito a cabeça,
Não tens de que recear.
Que sem temor, cada dia,
Te fias do crespo mar!

Minha alma semelha o pego,
Tem maré, tormenta e onda;
Mas finas per'las encontra
Nos seos abysmos a sonda.

NÃO TE DIZ MEO ROSTO PALLIDO

DE H. HEINE

(*Trad. do allemão.*)

Não te diz meo rosto pallido
Que eu morro de amor por ti?!...
Queres que a bocca o proclame,
Quebre orgulhosa por si!..

Oh! que esta bocca mal sabe
Beijar sorrisos compôr,
Diser sardonicos ditos
Em quanto eu morro de dôr!

TENHO VENENO NOS VERSOS

DE H. HEINE

(*Trad. do allemão.*)

Tenho veneno nos versos!...
Pois que menos póde ser?
Era eu quasi uma creança,
Quando m'o déste a beber.

Tenho veneno nos versos!...
Pois seja: veneno tem.
Tambem tenho serpes n'alma
E a ti, amada, tambem.

AMBOS SE AMAVÃO!...

DE H. HEINE

(Trad. do allemão.)

Ambos se amavão, comtudo
Nenhum ao outro o disia,
Vião-se como inimigos!...
E um por outro morria.

Separão-se emfim!.,. nos sonhos
Talvez um ao outro via :
Já tinhão morrido n'alma...
Nenhum do outro o sabia!

LYRIO E ROSA

DE HERDER

(*Trad. do allemão.*)

De amor ó rosa, ó lyrio da innocencia,
Como bellas irmãs vos vejo unidas,
Mas quanto sois diversas!

Tu, da innocencia flôr, tens propria c'rôa!
Sem adorno de flôres, n'hastea nua.
Te sustens a ti mesma.

Tu, co'o sangue do amor tingida, ó rosa,
De seos farpões crueis rasgado o seio,
Mostras em torno espinhos!

FORTIFICA-ME, Ó DEOS!

(*Trad. do allemão.*)

Fortifica-me, ó Deos, por tuas chagas
Fundas de morte quando a venturosa
Doce hora, que do céo nos mostras as palmas,
Ao meo leito de morte te approxime.

Tu, me bafeja então coas mansas asas,
Socegado descanço! — Espectros feios
Dos meos peccados maos, fugi, parti-vos
Do leito da afflicção, onde cançados
Meo turvo olhar em lagrimas se apague!

Tu, meo anjo fiel, desce do Empireo :
Trase-me a c'rôa do triumpho egregio!
Será mais doce o ar por ti movido,
Mais breve ao céo m'exalçarei comtigo!

Quem desta vida inquieta já transido
Á ridente mansão fosse com comvosco!
Quem já comvosco ajoelhado, ó anjos,
De Christo redemptor beijasse o throno!

A CAMISA ENCANTADA

DE UHLAND

(Trad. do allemão.)

« Tenho d'ir-me aos combates, filha cara,
« E o influxo dos astros me é contrario;
« Por isso um encantado vestuario
« Tu, virgem, co'a mão debil me prepara. »

— Como é, pai meo, que vestes de batalhas
— De mim, fraca mocinha, te promettes?
— Aço não sei bater, não forjo malhas,
— Apenas fio e teço em meos retretes.

« Sim, fia; mas na sancta noite seja;
« Dedica a trama ao inferno, e, quando urdida,
« Longa camisa talha-me e comprida,
« Que nos sangrentos prelios me proteja. »

Na noite sancta, á lua cheia, cedo
Eil-a sósinha a trabalhar, e logo
« Seja em nome do inferno! » diz a medo,
E o fuso gyra em circulos de fogo.

Já, sentada ao thear, o fio atira
Ao ordume fatal, — tempo não sobra :
Murmuroso o thear silva e respira,
Qual se demonios dessem pressa á obra !

As hostes prestes são ; dellas na frente,
O duque em traje singular campeia,
Em opa longa, larga, alvinitente,
D'imagens vans, d'extranhos signos cheia.

Como ante um' spectro, o imigo cede o passo,
Não se lhe atreve alguem, ninguem o affronta ;
Contra elle não tem força o melhor aço,
A mais aguda seta se desponta.

Eis que um donzel em frente della pula !
— Alto, assassino, diz : — alem não passas !
— Já não te valerão do inferno as traças,
—Desfez-se o encanto;—essa obra negra é nulla.—

Ardem os dois em furia carniceira ;
Rasga-se a opa ao duque : tinge o chão
Seo sangue, — volvem-se ambos na poeira
E um do outro amaldiçôa a mão !

Escuta a filha o lamentoso evento :
« Aonde o duque jaz, esse homem forte ? »
Descobre os dois a porfiar co'a morte,
E vendo-os solta horrifico lamento.

« Filha, és tu ?! desgraçada creatura !
« Como o traidor vestido me teceste ?
Pois d'invocar o inferno te esqueceste,
« Ou já não tinhas mão de virgem pura ? »

— Sim, o inferno invoquei; mas já não era
— Virgem, quem teceo teo vestuario;
— Esse, que ao lado tens, me conhecera....
— O que fiz, ai de mim! foi teo sudario.

O AMEN DAS PEDRAS

DE KOSEGARTEN

(*Trad. do allemão.*)

Bem que de velho e cego, o sancto Beda
De prégar não cessava a alegre nova.
Por cidades, aldeias, povoados
Ia por mão de um moço o pio velho
Com fogo e zelo juvenil prégando.

Eis de uma vez o moço a um valle o guia
De grandes pedras soltas semeado;
Mais leviano, que máo, então lhe falla :
« Reverendo senhor, aqui reunidos
« Stão muitos homens do sermão á espera. »
Ergue-se o bom do velho incontinente,
Escolhe um texto logo, explana-o, applica-o,
Ameaça, consola, exhorta anima
Com tanto zelo e devoção, que as lagrimas
Cahem-lhe em fios pelas brancas barbas.

Quando elle concluindo, o Padre-Nosso,
Qual convem, recitava, proferindo :

« Teo é o reino, Senhor, é tua a gloria,
« Bemdicto o nome teo seja p'ra sempre! »
Eis que em redor no valle infindas voses :
— Amen, bemdito Padre, amen! — respondem.

De remorso e pavor tomado o moço
Ajoelha e confessa a culpa grave!
« Filho, torna-lhe o velho, pois não leste :
« Hãode as pedras fallar, se os homens se callão?
« Nem mais, para o futuro, ó filho, zombes
« Da palavra de Deos! É forte, e viva,
« E mais que um gladio de dois gumes corta
« Essa palavra; e se, para affrontal-a
« Humanos corações se empedernissem,
« Pedras em corações se converterão. »

SONETO

DE ROLLI

(*Trad. do italiano em versos octosyllabicos.*)

— Dise-me tu, pastorsinho,
Se aqui estás desde manhã,
Viste passar. — sabes onde
Está minha Egeria louçã?

« Anda aqui o seu rebanho,
Mas ha pouco, além, eu vi-a,
Tão certo que por signal
Seo cordeirinho a seguia.

Ia só com seo cordeiro?
« Não, — ia mais um pastor. »
— Era Sylvio? — « Esse mesmo;

« Mas que tens? Mudas de côr! »
— Feliz de ti, pastorsinho:
Não sabes o que é amor.

SOBOLOS RIOS (1)

DE LOPE DA VEGA

(Trad. do hespanol.)

Junto ás margens dos rios,
De Babilonia — a discantar, sentados,
Passados desvarios,
Escravos, affligidos e cançados,
Choramos ternamente
Com a memoria de Sião ausente.

Os doces instrumentos,
Que o Senhor das batalhas lá louvarão
Em tempos mais contentes,
E que nossas victorias celebrarão ;
Quando presos ficamos,
Aos salgueiros extranhos penduramos.

Nossos donos, por dita,
Ou por curiosidade, ou por vingança,

(1) Foi impressa no PARNASO MARANHENSE, collecção de poesias de auctores maranhenses. Typ. do *Progresso*, 1861 — 1 vol. em 8.º de 292 paginas.

Ou porque em tal desdita
Tambem piedade ao vencedor alcança :
« Cantai, cantai » disserão ;
Com que mais nossas lagrimas crescerão.

E os que condusião
Captivos — nossos filhos e mulheres,
Os hymnos no pedião,
Que augmentavão por lá nossos praseres,
E, em casos tão adversos,
Os cantos de Sião, os tristes versos !

Mas em resposta, nós
A seos rogos, chorando, respondemos :
« Como pretendeis vós
Que a rojar ferros, miseros cantemos
Nesta infeliz cadeia,
Versos da patria amada em terra alheia ?

« Se de ti me olvidar,
Doce Jerusalem, agora ou logo,
E de ti longe cantar,
Myrre-se, pois cedeu á força ou rogo,
A mão que as cordas toca,
Quando tal sorte lagrimas provoca.

« E se, cantando, der
Signal de que perdi toda a memoria,
Em quanto assim viver,
Cidade sancta, ausente dessa gloria,
A lingua se me apegue
Na garganta, e respirar me negue.

« Nem justo é que se diga
Que eu possa haver jamais contentamento
Entre gente inimiga :
Antes prefiro a todo o sentimento,
E até a vida chara
Ver-te feliz, Jerusalem preclara !

« No entanto, ó rei divino,
O castigo prepara ao Idumeo,
Que sendo-nos visinho,
Não acudio-nos, — antes ao Chaldeo
Auxiliou, no dia,
Em que a triste cidade nos rendia.

« E com voz arrogante,
Mostrando em nosso mal seu odio injusto,
Ia a bradar diante :
— Arrasai, destrui, sem dó, sem susto :
Nem deixe a vossa espada
Pedra, que torne a ser edificada !

« Tu, Babilonia, agora
Triumpha !... Deos marcará o dia !
Abençoada a hora
Em que pagues tão barbara ousadia :
Ditoso quem viver,
E o capitão, que tal vingança houver !

« E qual já nos fisestes,
Das mães os tenros filhos arrancando.
Hão de fazer a estes
Que tendes caros, — hão de, os pais olhando,
Travar das louras tranças,
Para arrojal-os contra agudas lanças. »

O ANJO DOS OLHOS NEGROS (1)

DE EMILIO ADET

(Trad. do francez.)

Quando o somno me pesa nos olhos,
Revoar sinto em torno de mim
Vaga sombra, que ameiga os meos sonhos —
Tavez fórma de algum seraphim.
Toda a noite um adejo suave
Me acalenta com meigo frescor :
Vem, meo anjo dos cilios retintos,
Vem levar-me nas asas do amor.

Passo a noite, se acaso repouso,
Sempre a ver-te nos meos sonhos d'oiro —
Alva a tés, breve a bocca rosada,
Sob o véo escondido um thesouro.
N'uma rede de encantos me prendes
Com grinaldas de mystico olor :

(1) Com o titulo de *Uma Visão* sahiu publicada no *Album de Canto* do professor D. José Amat, por cujo empenho a traduziu o poeta do francez, depois de composta a musica, o que é trabalho de difficil execução.

Vem, meo anjo dos cilios retintos,
Vem levar-me nas asas do amor.

Bella fada que doiras meos sonhos,
Que sympathica a vida me fez,
Já não és illusão mentirosa,
Eu te vejo acordando talvez.
Bello anjo de uma alma celeste,
Que és resumo de graça e pudor :
Vem, meo anjo dos cilios retintos,
Vem, m'arrouba d'extremos de amor.

FRAGMENTO DA DIVINA COMEDIA

DE DANTE (1)

(*Trad do italiano.*)

. . . .

Mostrar-vos um atalho talvez possa
O Espirito que vês — alem sentado
Com os olhos sobre nós. — Assim Virgilio
E nós ao pé do Espirito — chegamos.
Oh! como eras alli — alma lombarda,
No rosto — desdenhosa — e altiva — tanto
Como dos olhos no volver — tardia!
Vio-nos sem pasmo — magestosa e muda —
Deixando-nos passar nos encarava
Semilhante ao Leão, que em paz descança.
Pedio-lhe o guia meo, que nos disesse
De subir o rochedo a melhor via.
Foi muda ao responder — mas perguntou-nos
Qual era a nossa patria, e os nossos nomes,
E o meo doce Virgilio — começava :

(1) Fecho esta collecção com o presente fragmento da difficil epopéa do grande Alighieri, não que o nosso poeta, quando o traduziu em menino (1844) o destinasse para ver algum dia a luz da critica, mas por nos parecer digna de figurar entre versões tão mimosas e fieis.

Em Mantua.... E a sombra commovida e alegre
Ergue-se do logar — em que era d'antes —
Clamando : ó Mantuano — eu sou Sordello,
Da tua patria sou. — De patria ao nome,
Nella pensando, se abraçárão ledos.

Italia — Italia — do soffrer albergo,
Fragil batel em vagas tormentosas,
Sem piloto — e sem leme — ó serva Italia,
Não dona de provincias — não rainha,
Mas tributaria vil — mas prostituta,
Não ouviste ? a gentil alma penada
Affeita aos patrios sons — affeita á doce
Concordia já passada — ergueo-se prestes
Por que abraçasse — da sua patria ao filho —
E hoje os teos que vivem — mutua guerra
Se fasem — dos que encerra o mesmo valo
Um cruamente despedaça a outro.
Sobre o teo littoral — os olhos baços
Misera estende — no teo seio os fixa
E um só recanto — não verás pacifico!

. . . .

O Alberto, allemão, que a abandonaste

. . . .

. . . .

Justa punição dos céos descendo
Caia sobre os teos — e tal seja ella
Que o rei, teo successor, tema imitar-te!
Pois que tu e teo pai — haveis querido,
Por quererdes reinar — alem dos Alpes,
Que do Imperio o Jardim ficasse inculto ;
Ora vem ver Montechi e Cappelleti,
Monaldi e Philipeschi — divididos —
Que são escravos — ou que temem sêl-o;
Verás, como te chora a tua Roma

Viuva e triste e só — de noite e dia
Entre amargos soluços repetindo :
Ó Cesar meo, porque de mim te foste?!
E vendo por que modo a gente se ama,
Ou sente compaixão — ou tem vergonha
Da immerecida fama — e do teo nome.

E se licito me é, Senhor superno
Que soffreste por nós cruel martyrio —
Porque de sobre nós tiraste os olhos?
Ou por ventura no profundo abismo
Do teo alto pensar — melhor futuro
A nós mortaes occulto nos preparas?
Que as provincias da Italia — já se encherão,
Já fervem, já transbordão de tyrannos,
Que altos Marcellos — de villões se fasem.

E tu — Florença minha — sê contente
Dom teo povo subtil — que a ti não chega
Da mente o máo errar — pois não és rica,
Pois não gosas de paz — pois não tens fastos
Com que aos incred'los provarias isto?
Lacedemonia, Sparta — e Roma e todas
Do bom viver civil — proficuas mães —
Não o forão menos — do que o és agora?
Menos o forão — do que tu, que forjas
Decretos tão subtis — que a meio Outubro
Não chegão — se em Setembro os fabricaste.
No temo inda lembrado ah! quantas veses —
De costumes — de leis — d'officios — d'usos —
Não tens refeito — e feito — e renovado?
És tal — que és semilhante áquella enferma
Que sobre o leito afflicto — se revolve,
E só com o se mudar — de dôres muda.

APPENDICE

De todas as versões, que havia o poeta colleccionado para os seus volumes de ECHOS D'ALEM-MAR, nenhumas tinha em melhor conta do que as do nosso comprovinciano Trajano Galvão de Carvalho, tão bom poeta, quanto philologo aprimorado, e que, do pouco que produziu no seu curto peregrinar n'este mundo, não ha que desdenhar por somenos. Tenho para mim que presto algum serviço aos amantes das boas lettras com vulgarisar as traducções poeticas de Trajano, que encontrei entre os manuscriptos de Gonçalves Dias, e por isso as publico como appendice ás do interprete de Schiller.

MOYSÉS NO NILO

DE VICTOR HUGO

Neste tempo veio a filha de Pharaó
a banhar-se no rio, acompanhada das suas damas
que caminhavam ao longo da borda d'agua.
EXODO II.

« Co'a fresca da manhã mais fresco é o rio,
Vinde, irmãs; o ceifeiro inda repousa,
A marge'inda está erma:
De Memphis um murmurio se ergue apenas,
Por entre as ramas só a rosea amora
Espreita os nossos brincos.

« Nos paços de meu pai brilham as artes ;
Mas estas flôres simples mais me agradam,
Do que os talhados porfidos ;
Da natureza eu amo as harmonias,
E á, que trescala em artezões, caçoula
Prefiro o olor do zephyro !

« Vinde : a agua 'stá tão calma, e o céu tão puro !
Nestas silvas deixae de azues sanefas
Vossos sendaes delgados ;
Esta c'rôa tirae-me, e os véus ciosos ;
Pois eu quero folgar hoje comvosco
Nas ondas murmurantes.

« Vamos !..., Mas da manhã por entre a nevoa
Que vejo.... lá ao longe, no horizonte ?
Não vos assusteis, virgens !
Hade ser algum tronco de palmeira,
Que, p'ra ver as Pyramides, os mares
Arrastram dos desertos.

« Mas que digo ? Se os olhos não me enganam
D'Hermes a barca é ou concha de Isis,
Que leve brisa impelle...
Porém não : é esquife em que descubro
Meigo infante a dormir ao som das vagas,
Como ao collo materno !

« Dorme ; e de longe o leito fluctuante
Semelha o ninho d'alva pomba, á tona
D'agua a boiar sem rumo.
Erra a sabor do vento a infantil cama ;
Dorme das ondas ao baloiço, e o pego
Sua tumba acalenta !

« Elle acordou ! correi, virgens de Memphis !
Chora !... Ah ! que mãe seu filho entregar pôde
Ao capricho das ondas ?
Move os bracinhos e a agua em redor tôa.
Ah ! só tem por muralhas contra a morte
Fragil berço de vimes.

« Salvemol-o ; é talvez israelita.
Proscreveu-os meu pai ; que crueldade
Proscrever a innocencia !
Commovem meu amor suas desditas,
Quero ser sua mãe, dar-lhe-hei a vida,
Se não o nascimento. »

Iphis de um grand rei a esp'rança e o mimo
Pelas orlas do Nilo divagando,
Iphis assim fallava :
E as lindas damas, que ella inda offuscava
Quando despia as telas d'oiro, criam
Ver a filha das ondas.

Já freme a onda sob os pés mimosos ;
P'ra o menino que geme, a piedade
Guia-lhe os passos timidos.
Agarra o esquife !.,.. e altiva com tal carga
Na bella fronte o orgulho se mistura
Com o pudor singelo.

Cortando as ondas, e quebrando os vimes
Ella traz e depõe na fresca areia
O infante que salvára ;

E as demais virgens alternavam beijos
Nas faces do menino, que se extranha
De ver tanto sorriso.

Corre tu, que da duvida nos trances
O teu predestinado filho segues,
Chega como uma extranha ;
Vem : Iphis não é mãe ; nada receies ;
Nem temas que os transportes te atraiçõem
Ao colmal-o de beijos !

Então, emquanto a virgem triumphante
Ao rei feroz levava o infante humilde,
Que a mãe banhára em lagrimas,
Ouviam-se no céu em côro os anjos
Que ante o Senhor co'as azas se velavam,
Cantando ao som das lyras.

« Não mais gemas, Jacob, na terra extranha,
Nem beba tuas lagrimas o Nilo :
Do Jordão as margens abrem-se.
Verá Gessen p'ra terra promettida
Fugirem, mas que peze aos seus tyrannos,
As longo-oppressas tribus.

« Sob a figura de um menino, salva
Das ondas uma virge'ao rei das pragas,
Ao eleito do Sinai.
Salva a Israel um berço, e um berço ao mundo
Hade remir ; tu, que não crês no Eterno,
Curva-te, humano orgulho ! »

MOYSÉS

POEMA, POR ALFREDO DE VIGNY

Das tendas nas cumiadas prolongavam-se
Obliquos raios, flammas coruscantes,
Aurea esteira, que o sol rasga nos ares
Ao deitar-se na areia dos desertos.
De oiro e purpura se arreiava o campo.
Subindo a encosta do infecundo Nebo,
Moysés, homem de Deus, pára e co'os olhos
Cerca — limpo de orgulho — o horizonte.
Logo, cingída de figueiras, Phasga
Descobre ; além dos montes, que divisa,
De Ephraim, Galaad, Manassés as terras
Ferteis ao dextro lado se desdobram ;
Judá, ao sul, árido e grande amostra
O areial, onde dorme o mar occiduo ;
No valle, Nephtali, que a tarde ensombra,
Co'a c'rôa de oliveiras verde acena ;
Na florida planicie lá se avista
Jerichó, a cidade das palmeiras ;
Multiplicando os troncos, o lentisco.
Dos plainos de Phogor vai até Bale.

Chanaan vê todo, e a terra promettida,
Que aos ossos seus recusará jazigo.
As sacras mãos sobre os Judeus espalma,
E p'ra o cume de novo se encaminha.

Cobrindo de Moab os vastos campos,
Os filhos d'Israel no sancto valle
Á raiz da montanha fluctuavam,
Qual seára encurvada pelo norte.
Desde a hora em que o orvalho humecta a areia,
E de per'las salpica o bôrdo altivo,
Propheta centenario, cheio de honra,
A topar-se com Deus Moysés partira.
Co'os olhos seguem-lhe os flammantes cornos,
E ao cimo logo que attingiu do monte,
E co'a fronte feriu de Deus a nuvem,
Que o monte corôava de relampagos,
Nas saxeas aras fumegou o incenso.
Seiscentos mil Hebreus no pó curvados,
Á sombra do perfume, que o sol doira,
Cantaram juntos o sagrado cantico;
Ás densas tribus — de Levi a tribu
Sobrelevando, qual cypreste a areia,
Do povo as vozes na harpa acompanhando,
Ao Rei dos Reis encaminhava o hymno.

Em pé diante de Deus, na nuve'escura,
Face a face com Deus Moysés fallava:

« Não me dareis, Senhor, á vida um termo?
« Onde quereis que os pés dirija ainda?
« Viverei sempre só e poderoso?
« Da terra o somno dae, Senhor, que eu durma.
« Que vos fiz eu para ser vosso eleito?
« De vosso povo á testa hei sempre andado,
« Eil-o ás raizes da terra promettida;
« Minha grave missão outrem que acceite,
« Ao popular corcel as redeas tome,
« Eu lhe légo o meu livro e a bronzea vara.

« Porque não me deixastes, simples homem,
« Co'as minhas ignorancias e esperanças,
« Visto que a sepultura, em que repouse,
« Do Horeb ao Nebor achar inda não pude?
« Ah! entre os sabios sabio me fizestes!
« Eu guiei pela mão povo errante:
« Na cabeça dos reis derramei fogo;
« Minhas leis adorar hade o futuro;
« Dos homens abro o mais antigo tumulo,
« A morte escuta a minha voz prophetica,
« Sou grande, nas nações firma os meus passos,
« Faço e desfaço as gerações do mundo. —
« Ah! vivo poderoso e solitario,
« Da terra o somno dae, Senhor, que eu durma.

« Os segredos do céu tambem devasso,
« Que aos meus olhos a luz dos vossos déstes.
« Á minha voz da noite os mantos rasgam-se;

« Conto as estrellas todas por seus nomes,
« — Eis-me aqui! — diz correndo apressurada
« A que eu chamei com um gésto ao firmamento
« Nos flancos turbidos das nuvens gélo
« A marulhosa fonte das procellas;
« Em revolto areial afogo os reinos;
« Com os hombros do vento allúo os montes
« Indefeso o meu pé do espaço zomba,
« Por que eu passe, o mar-roxo se represa,
« E a minha voz abafa a do oceano.
« Quando o meu povo soffre ou leis precisa,
« Os olhos ergo, e aspiro o vosso espirito,
« A terra então vacilla, o sol hesita,
« Nos céus os anjos émulos me applaudem. —
« E comtudo, Senhor, feliz não vivo,
« Envelheci poderoso e solitario,
« Da terra o somno dae, Senhor, que eu durma.

« Assim que o sopro vosso encheu-me, os homens
« Disseram entre si, que eu lhe'era extranho;
« E a meu olhar de fogo os seus baixaram,
« Porque mais que minha alma nelle viam.
« O amor de mim se esquiva, o amigo foge,
« Morrer temendo as virgens se velavam.
« E escondendo-me á sombra da columna
« Ante todos marchei involto em gloria:
« E eu disse dentro d'alma: Que me resta?
« Para um seio de virge'é grave a fronte,
« Minha mão faz tremer a mão que aperta,
« Minha voz é trovão, relampago a face;
« Porisso em vez de amar-me, de mim tremem,

« E quando os braços abro, elles se prostram.
« — Hei vivido pod'roso e solitario,
« Da terra o somno dae, Senhor, que eu durma. »

O povo esp'rava, e receiando a ira
De Deus, orava sem olhar p'ra o monte;
Que se os olhos erguesse, a escura nuvem
Os trons da tempestade ribombára,
E, encadeiando os olhos, os relampagos
Continham curvas de Israel as tribus,
E no monte Moysés não mais foi visto. —
Choraram-no. — P'ra terra promettida
Pallido caminhava e pensativo
Josué, que de Deus era o eleito.

A FILHA DE JEPHTÉ

POEMA DE ALFREDO DE VIGNY.

E d'aqui veio o costume e se tem conservado o uso,
De que uma vez cada anno se ajuntão as filhas d'Israel, para chorarem a filha de Jephté de Gataad por quatro dias.
JUIZES. CAP. XI, v. 40.

Jephté destruiu de Galaad as cidades,
As chammas arderam nas vinhas de Abel!
Na cinza as cantigas de Aroër se apagaram,
As ceifas talou de Mennith Israel.

De Ammon os guerreiros vencidos, curvados,
Já pagam tributo ao Senhor nosso Deus;
Com gritos agudos Isr'el fere os ares,
Humilde agradece os soccorros dos ceus!

Ao hymno, que echôa no vasto deserto,
Já casa o clarim seu agudo clangor,
Ás torres de Maspha o exercito ao longe
Reconta que Jephté ficou vencedor.

Do povo nas faces transluz a alegria,
Mas surdo aos clamores de gloria Jephté
Co'a fronte caminha sombria vergada,
E subito pára, desmaia, não vê.

Desmaia, não vê; porque ao longe as donzellas
Com passos medidos lá vem a cantar,
E as vozes do côro sagradas, festivas,
O fazem de medo tremer, desmaiar.

E ouve o concerto que vem, que o festeja,
A harpa harmoniosa, o sonoro tambor.
Da lyra os dez sons, o nebel extrangeiro,
E a voz argentina do leve Kinnor.

Mais perto já são as palavras sagradas,
E os passos medidos no lédo dançar,
E o dôce arruïdo de gratos applausos,
E os ramos de flôr o caminho a juncar.

Os joelhos lhe vergam com o peso das armas,
A lagrima esquecida nos olhos luziu;
Que o pai d'entre as vozes as vozes da filha
Cantando um singelo cantar destinguiu.

« Eu quero a primeira cingir-lhe os cabellos
Co'a c'rôa de flôres que eu mesma teci!
Ó virgens! meu pai no seu lar outra filha
Não beija, não ama — só vive por mi. »

Co'os braços inlaça piedosas caricias
No collo tostado do pai : « que tardaes?
Porque não fechaes-me nos vossos abraços?
Porque vossos olhos em pranto banhaes? »

— « És tu, ai! és tu, minha filha querida! »
Os olhos abrindo o pai diz-lhe a gemer :
« És tu, ai! és tu, minha filha! oh! martyrio!
Que lagrimas vão d'esse abraço correr!

« Em cambio do crime quereis innocencia,
Vingança vos praz, Deus injusto, Deus cru!
Amaes, Deus cruel, os vapores do sangue!
Um'hostia lhe devo... ai! filha, que és tu... » —

« Eu? » diz. E seus olhos de per'las se abrolham.
É moça, era bella, e é doce o viver...
Depois respondeu : — « Pois que haveis promettido
Dispôr de meus dias, podeis conceder

« Que as virgens levando comigo ás montanhas
Dois mezes inteiros eu possa gozar
Da vida com ellas e da liberdade,
E virgindade e juventude chorar!...

« Porque jámais heide lavar um meu filho
Nas aguas sagradas — ufana de amor,
Não lhe lançareis ao nascer vossa bençam,
Meus cantos não hão de abrandar sua dôr;

« E quando eu morrer, a donzella não hade
Ciosa indagar se era esposa de alguem,
Por mim que guerreiro trajára cilicio,
Só vós em meu tum'lo sereis — mais ninguem. »

Chorava o exercito, a fronte cubria
De cinza e de sacco — e o pranto de pai
Jephté no seu manto occultava dos homens,
E ouviu-se por entre os soluços — « oh! vae!... »

Curvando a cabeça, partiu. Nas montanhas,
Qual nós a choramos, as virgens choraram :
Depois off'receu-se ao cutello paterno.
— Eis'qui d'Israel o que as virgens contaram.

À MORTE DE J. B. ROUSSEAU

DE LE FRANK DE POMPIGNAN

Quando o mór cantor do mundo
Nas frias plagas morreu,
Nas quaes o Hebro profundo
Mutilado o recebeu,
Nos montes o Thracio errante
Com seu carpir penetrante
O bosque e o campo atroou:
Seus gritos o ar abalaram,
E nos antros, que echoaram,
Rugindo o leão chorou.

Seu Orpheu perdeu a França..,
Musas, erguei-lhe um tropheu
Com toda a pompa e pujança
Que pede o atahude seu;
Oh! fazei novos prodigios,
Deixe brilhantes vestigios
Tal dia de pranto e dó :
Assim sombreia o jazigo
De Virgilio o louro antigo,
Por vossos cuidados só.

Rousseau, grande e desditoso,
Da vida os ferros quebrou,
E, longe do céu saudoso
Da patria, os olhos cerrou...
Quem lhe causou tantas dôres?
Quem seu caminho de flôres
D'espinhos pôde abrolhar?
Que vida peregrinada!
E que multidão cerrada
De imigos a debellar!

Té quando, mortaes ferozes,
Sereis de fel e rancor?
Serão sempre vossas vozes
Os rugidos de furor?
Duro na cholera minha
Rio da sorte mesquinha
Do meu prostado rival;
Elle se alevanta, e eu caio
A seus pés, do mesmo raio,
Que eu provocára fatal.

Do seio da eterna treva
Erguendo-se á inveja aos céus,
Co'as azas, em que se eleva,
Furta á luz os olhos seus,
Que monarcha, que ministro,
Lhe vence o odio sinistro,
Que o tempo a custo corróe?
É lote nosso a desgraça,
E o heróe, por mais que faça,
Quando morre é que é heróe.

Viu o Nilo os habitantes
Do Sarah negros, sem lei,
Com seus gritos insultantes
Apuparem o astro-rei :
Gritos vãos, loucos furores!...
Em quanto com seus clamores
Aturdem a terra e o céu,
O sol a caterva immunda
De um mar de lumes inunda,
Tranquillo no gyro seu.

O CAÇADOR E A LEITEIRA

DE BERANGER

Com doces cantos a calhandra alegra
De almo dia o vermelho despontar,
O amante caçador segue, oh leiteira,
Meigas fallas de amor has de escutar;
Da primavera as orvalhadas flôres
Vamos, oh bella, para ti colher.
— Não, caçador, de minha mãe hei medo
E o meu tempo não posso aqui perder. —

Tua mãe por detraz d'aquelle oiteiro
Co'a mimosa ovelhinha longe está.
Olha, aprende, oh leiteira, esta modinha,
Tão bonita na côrte outra não ha;
A moça, que lograr saber canta-la,
Os mais voluveis poderá prender.
— Tambem sei, caçador, modinhas ternas
E o meu tempo não posso aqui perder —

Porque o possas contar, o triste caso
Aprende de um barão mui furibundo,

Que de cioso arrasta a pobre esposa
Viva e bem viva para o outro mundo;
Historia que, narrada em noite escura,
Faz quem ouve de medo estremecer.
— Tambem sei, caçador, contos mui tristes
E o meu tempo não posso aqui perder. —

Quero ensinar-te uma oração mui sancta
Com que aplaques o lobo esfomeado,
Com que possas zombar das feiticeiras,
Livrar-te de quebranto ou máo olhado.
Bem póde alguma velha malfazeja
Vis maleficios contra ti fazer.
— Não tenho, oh caçador, o meu rosario?
E o meu tempo não posso aqui perder. —

Pois bem, vês esta cruz? como é brilhante,
Cravada de rubins de grão valor!
Da moça, que ella ornar, ao lindo seio
Os olhos chamará... cegos de amor.
Será tua, apezar do alto preço;
Mas vê lá... o que em troca hei de querer!
— Sou vossa, caçador, quanto é formosa!
E o meu tempo não posso mais perder!

OS MANDAMENTOS DO CREPUSCULO

(TRAD. DO FRANCEZ)

O toque das matinas sôa nove vezes
Na torre e me desperta, e diz : « deves orar! »
E dis primeiro toque : um Deus sobre ti vela,
Ou seja noite densa, ou brilhe o sol no mar.

E diz segundo toque : ao bom Jesus dá graças,
Que ainda te concede um dia mais viver.
E diz inda o terceiro : em Deus firme confia,
Caminha! é d'elle a via que hemos de bater!

O toque das matinas sôa nove vezes,
E o mundo recomeça infrene a marulhar.
Um quarto parecer do sino a voz sonora
Me dá : sê diligente, é nobre o trabalhar.

A quinta voz badalla : ajuda os outros homens;
Quem hoje tem de seu, póde inda carecer.
Sê franco e verdadeiro, o sino inda murmura,
Que o peito limpo e são não hade esmorecer.

O toque das matinas sôa nove vezes,
No peito altas virtudes nitidas aviva.
O septimo som diz : sê parco nos prazeres,
Do mundo não te engane a falsa perspectiva.

E diz oitavo toque : arrosta o soffrimento ;
Com elle é que Deus prova o animo do forte,
Medita, homem, na morte, o sino outra vez brada,
Que a vida n'este mundo é aurora da morte.

O toque das matinas sôa nove vezes,
Comsigo cada um se diz : « orar convém »
Tres vezes toca o sino, á tarde, e por tres vezes,
E diz com voz sonora : « a tarde já hi vem. »

E diz primeiro toque : o dia vae morrendo,
A luz já te fallece — enchuga o teu suor.
O sino outra vez brada, e accorda no meu peito
Do Deus, que ama o humilde, o meu intenso amor.

E diz-me inda o terceiro : illudes a esperança
Que o céu em ti cimenta? cumpres teu dever?
Tres vezes toca o sino, á tarde, e por tres vezes —
É mudo o passarinho, e nada póde ver.

E diz o quarto : pede a Deus a tempo e horas
Constancia e robustez p'r'o rudo trabalhar :
A quinta voz badalla : ó vaso de miserias,
Alembra-te que és pó, e em pó te has de tornar!

Com sancto horror murmura a sexta badallada :
« Não contes co'os seis dias que inda estão por vir. »
Tres vezes toca o sino, á tarde, e por tres vezes :
Tu'hora está vizinha — pude acaso ouvir?

A setima pancada o ar vibra sonora,
Do Padre-nosso os sete votos remurmura.
E diz o oitavo toque : subam nossas preces
Co'a myrrha que no altar fumega sancta e pura.

Sê prompto toda a vida, o nono toque disse,
Porque deves correr se Deus te disser : « Vem ! »
Apoz o murmurar do sino, que emudece,
Murmura a natureza ainda um sancto « Amen ».

INDICE

VERSOS ANTIGOS

1844-1852.

Visões, monologos e outros.

Poema americano.

Sonetos.

Hymnos.

Voltas e mottes glosados.

Satyras.

Tragedia.

Poesias.

Appendice.

Paris. — Typ. H. Garnier, 6, rue des Saints-Peres. 325.8.1909.

